



**Ministério da Cultura,
Prefeitura de São Paulo, através da
Secretaria Municipal de Cultura,
Fundação Theatro Municipal,
Sustenidos e Bradesco** apresentam



GUA

RA

**ÓPERA EM QUATRO ATOS COM LIBRETO
DE ANTONIO SCALVINI E CARLO D'ORMEVILLE**

NY

IL

GUUA

DE CARLOS GOMES

RA

NI



Orquestra Sinfônica Municipal

Coro Lírico Municipal

Orquestra e Coro Guarani
do Jaraguá Kyre'y Kuery

Roberto Minczuk

direção musical

Ailton Krenak

concepção geral

Cibele Forjaz

direção cênica

Hernán Sánchez

Arteaga

regência do Coro
Lírico Municipal

Denilson Baniwa

codireção artística
e cenografia

Simone Mina

codireção artística,
cenografia e figurino

Aline Santini

design de luz

Vic Von Poser

design de vídeo

Luaa Gabanini

e **Lu Favoreto**

coreografias

Gabriela Schembeck

e **Luisa Kwarahy**

visagismo

Ligiana Costa

dramaturgismo

Ana Vanessa

assistente de direção

David Vera

Popygua Ju

Peri Eté (todas as datas)

Zahy Tentehar

Onça Pajé
(todas as datas)

Araju Ara Poty

Onça Corifeia
(todas as datas)

dias 15, 18, 21 e 25

Enrique Bravo

Peri

Laura Pisani

Ceci

Bongani Justice

Kubheka

Gonzales

dias 16, 19 e 24

Marcello

Vannucci

Peri

Maria Carla

Pino Cury

Ceci

David Marcondes

Gonzales

Licio Bruno

Cacique / Antropólogo
(dias 15, 18, 24 e 25)

Savio Sperandio

Cacique / Antropólogo
(dias 16, 19 e 21)

todas as datas

Andrey Mira

Don Antonio

Guilherme Moreira

Don Alvaro

Carlos Eduardo

Santos

Ruy Bento

Orlando Marcos

Pedro

Gustavo Lassen

Alonso

Corifeus

Augusto Trainotti

Clarice Lima

Luaa Gabanini

Raoni Garcia

Coro de

Pinturas Vivas

Cia Gelo Seco

Julia Zilio

Henrique Figueiredo

Matheus Kawa

Helena Bueno

Lucas Hoffmann

Ester Kariny

Coro das Mulheres Onça

Araju Ara Poty

Onça Corifeia

Ciara Ara Poty

Jaqueline Jaxuka

José Estevam

Kerexu Mirim

Mari Yva

Mari Poty

Priscila Poty Mirim

Silvana Ara









12 **OS GUARANI**
Andrea Caruso Saturnino
e Alessandra Costa

16 **PERI,
UM NARCISO
TROPICAL**
(OU: NÃO EXISTE
UM GUARANI SOZINHO)
Ailton Krenak

20 **IL GUARANY, ÓPERA
DE CARLOS GOMES,
x OS GUARANI, NOSSOS
CONTEMPORÂNEOS**
Cibele Forjaz

28 **OS PARADOXOS
DE IL GUARANY**
Pedro Cesarino

32 **O MAESTRO
DA ABOLIÇÃO:
CARLOS GOMES
NO FRONT DA LUTA**
Ligiana Costa e bolsistas
de dramaturgismo

38 **IL GUARANY NO PALCO
E NO ACERVO DO
THEATRO MUNICIPAL
DE SÃO PAULO**

Bruno Bortoloto do Carmo
e Mariana Brito Santana

**SOBRE
A ÓPERA** **50**

53 **SINOPSE**

LIBRETO **58**

175 **CRÉDITOS**

OS

GUA

RA

NI

É com imenso prazer que recebemos nosso público para a primeira ópera do ano. A temporada artística de 2025 destaca algumas questões contemporâneas cruciais inspiradas por reflexões do filósofo, poeta e ensaísta martinicano Édouard Glissant, em seu tratado “O Grito do Mundo”.

Referimo-nos, primeiramente, à ideia de *ici-là* (aqui-lá), que propõe representar a simultaneidade ou coexistência de diferentes lugares, contextos, temporalidades e realidades na multiplicidade de perspectivas, identidades e experiências que constituem o mundo ao qual todos pertencemos, como seres interligados e inter-relacionados no meio de uma infinidade de histórias, geografias e culturas.

Em segundo lugar, evocamos as reflexões de Glissant sobre a unicidade. A seu ver, devemos questionar a legitimidade dos nossos espaços isolados, mostrar as perversões da filiação, para possibilitar que esses nossos lugares se abram às dimensões do mundo admitindo a prática do desvio, que não é fuga nem renúncia.

Nesse contexto se insere a remontagem da ópera *O Guarani*, uma obra que transcende o tempo e ressoa profundamente em nosso presente. Composta por Carlos Gomes, esta obra-prima do romantismo brasileiro nos convida a refletir sobre territórios, identidades e a complexa relação entre culturas.

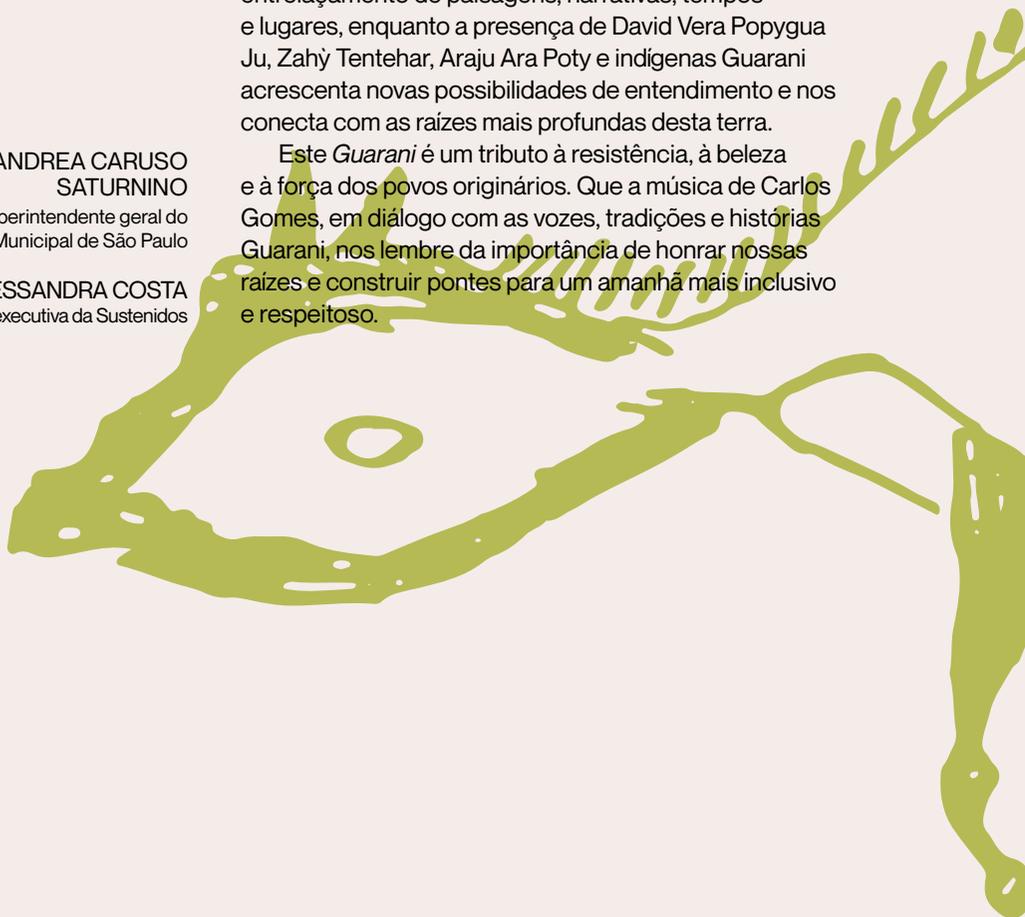
Nesta montagem, o aqui-lá se faz possível graças à participação especial de Ailton Krenak e Denilson Baniwa como cocriadores, ao lado de uma equipe liderada pela valente Cibele Forjaz. A visualidade criada por Denilson Baniwa nos convida a habitar um entrelaçamento de paisagens, narrativas, tempos e lugares, enquanto a presença de David Vera Popygua Ju, Zahy Tentehar, Araju Ara Poty e indígenas Guarani acrescenta novas possibilidades de entendimento e nos conecta com as raízes mais profundas desta terra.

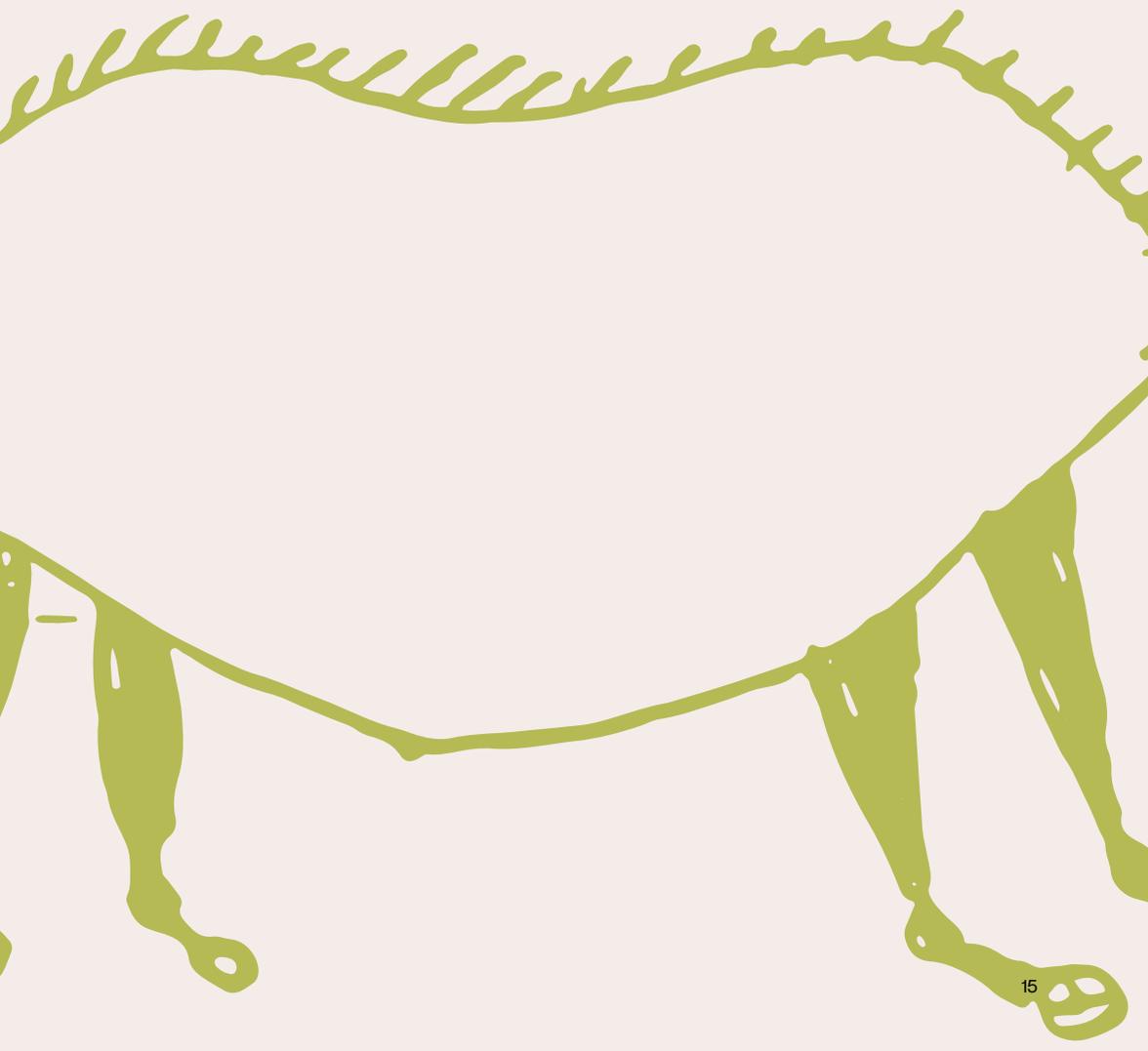
Este *Guarani* é um tributo à resistência, à beleza e à força dos povos originários. Que a música de Carlos Gomes, em diálogo com as vozes, tradições e histórias Guarani, nos lembre da importância de honrar nossas raízes e construir pontes para um amanhã mais inclusivo e respeitoso.

ANDREA CARUSO
SATURNINO

superintendente geral do
Theatro Municipal de São Paulo

ALESSANDRA COSTA
diretora executiva da Sustenidos





PERI,

UM

NARCISO

TROPICAL

(OU:

NÃO EXISTE

UM GUARANI

SOZINHO)

Em 2023, eu tive a oportunidade de integrar o coletivo que realizou uma montagem de *O Guarani* questionando, na visão indígena, a versão instituída ao longo de todo o século XX até agora. O fundamento que norteou a montagem foi a invocação do pensamento indígena, assim como do corpo indígena. Esse corpo indígena deveria questionar Peri, aquele sujeito solitário, imerso numa realidade colonial. Assim, nós decidimos dar a ele uma família: o povo de Peri seria os Guarani do Jaraguá. Ali, dava-se início a um verdadeiro ato psicomágico e político. A ópera não seria apenas mais uma experiência estético-musical, mas um dispositivo de mudança na realidade histórica para os povos indígenas. O Jaraguá tinha um reclamo: **o Jaraguá é terra indígena**. Até que, presentes no palco do Municipal, eles estenderam uma faixa pedindo demarcação já, sendo acolhidos pelo público após cada uma das apresentações nas escadarias do teatro e em uníssono clamando pela demarcação do Jaraguá. O reclamo foi atendido por decreto federal no final de 2024. De todos os desdobramentos, reconhecimentos e premiações que a montagem teve, o mais definitivo deles é, sem dúvida, a homologação da terra Guarani.

É inegável o contentamento de poder realizar agora, em 2025, esta remontagem. Mesmo tendo sofrido críticas prévias à estreia da ópera, tivemos casa lotada todos os dias durante a temporada, inclusive em récita extra. Isso prova o anseio do público de espetáculos oferecidos em espaços como o Theatro Municipal de São Paulo por inovação no campo das artes cênicas.

Sobre o mármore e a murta escreveu o Padre Vieira, dando conta das metamorfoses expressas na inconstância da alma selvagem. E evoco outro mito aqui, o Narciso grego, para referir a esse Peri, de José de Alencar, que é o personagem central da ópera de Carlos Gomes, *O Guarani*, de par com Cecília ou Ceci.

Um sujeito abstraído de seu mundo torna-se presa fácil dessa narrativa que imprime o corpo indígena em mente deslizando ao sabor dos acontecimentos da história. Sem um povo, vaga Peri entre mundos coloniais que, de pronto, vão ser estranhados por antropofágicos da Semana de 22, que viam nesta trama uma invenção colonial de um insustentável mito de origem. Ópera de encomenda de D. Pedro II, interessado em criar uma representação europeia da formação dos brasileiros a partir da conversão dos nativos do Novo Mundo.

Como afirma Ligiana Costa, dramaturgista da montagem: “Quanto ao mito do casal primordial, este se constitui a partir do sacrifício de ambos os protagonistas. Peri deve abrir mão de sua espiritualidade e de seu povo para submeter-se a um batismo católico e Ceci deve despedir-se definitivamente de sua família e cultura”.

Um século depois, artistas indígenas se debruçam sobre a imagem instituída e nela nada veem que reflita a longa jornada de construção deste “homo brasiliis”, e decidem lhe dar um duplo de carne e osso, rasgando a imagem refletida no espelho d’água, pois a água virou veneno.

Avanheé, o outro que agora fala e pensa outros mundos possíveis, em que seres humanos e não humanos tecem sociabilidades, reconhecem suas multiplicidades e reivindicam afetos além do mundo da mercadoria.

Pedras e plantas fazendo planeta, em unidade imprevista no estreito caminho colonial. Nessa nossa releitura da obra, invocamos a pouco lembrada movimentação dos pajés Tupi que lideraram

no século XVII a prática de “desbatismo”, que consistia na liberação dos indígenas catequizados pelos jesuítas, resultando num movimento de revolta contra a imposição dos ritos católicos e a instituição dos aldeamentos pela coroa portuguesa. O “desbatismo” de Peri é acompanhado do resgate dos Aimoré, que no libreto são difamados enquanto vilões e, nesta montagem, assumem o lugar da própria floresta, embargando o avanço predatório movido pelos colonos.

O desafio de tocar essa pedra, como diria Drummond, no meio do caminho, foi pretexto para convidar o artista Denilson Baniwa com sua coragem inventiva a tocar o mármore e fazer faíscas: movendo e projetando imagens, institui novos imaginários, em que as figuras consagradas dos cantores são transfiguradas em seres híbridos de pó, sem perder sua indispensável função narrativa na ópera em curso. Raios e tempestades adentram o templo das artes e confirmam o que vaticinou Cibele Forjaz à frente da direção de cena: “Sem trabalho não tem ARTE, arte é trabalhar sobre a pedra”.

Tocar esse totem é transcender o cotidiano duro e resistente a mudanças que grita ao nosso redor, “fazer falar o papel” – o texto em movimento a serviço dos sentidos criando campos de força e afetos. Uma radicalidade no termo, para afirmar a presença feminina na montagem desta ópera, que conta com a maioria de mulheres na condução e realização deste magnífico espetáculo em cena no palco. Além da presença da Orquestra e Coro Guarani do Jaraguá Kyre’y Kuery, esta montagem põe no palco Zahy Tentehar, que reescreve num canto autoral o fim desta trama.

AILTON KRENAK
concepção geral

IL GUARANY,

ÓPERA DE

CARLOS GOMES

x OS GUARANI,

NOSSOS

CONTEMPORÂNEOS

UM BOM PROBLEMA

Fui convidada para fazer a direção cênica da ópera *Il Guarany*, no Theatro Municipal de São Paulo, em março de 2023. Na hora, a emoção embargou minha voz e aceitei imediatamente. É um desafio imenso para qualquer encenador(a) montar essa ópera icônica de Carlos Gomes, não só pela beleza da obra em si, mas também por seu significado simbólico, como um marco para a história da ópera brasileira. No mesmo dia ouvi a música, li uma tradução do libreto e vi duas encenações em vídeo... e só aí percebi o tamanho do problema. Um problema bom – e nada mais fecundo para a criação do que ter problemas concretos para resolver –, mas, ainda sim, montar *O Guarani* no século XXI levanta dificuldades conceituais imensas que precisam ser enfrentadas com consciência.

A ópera *Il Guarany*, com estreia em 1870 no Teatro alla Scala de Milão, teve seu libreto baseado no romance *O Guarani* (1857), de José de Alencar, mas foi escrito por Antonio Scalvini e Carlo d’Ormeville, um italiano e outro francês. Trata de temas fundamentais sobre a origem do Brasil e a busca por uma cultura “genuinamente brasileira”, mas foi redigida em italiano e tem como modelo as óperas românticas italiana e francesa do século XIX, que têm no exotismo um tempero fundamental. Assim como *Aida* (de Verdi, que estreou no Cairo em 1871) tem pirâmides e elefantes, o “nosso” *Guarani* tem uma tribo de selvagens canibais, os AIMORÉ. Um Brasil para europeu ver...

O libreto conta a história de amor entre Peri, um homem Guarani, e Ceci, uma mulher brasileira, filha de um fidalgo português, em pleno Brasil Colônia (o romance tem início em 1604). Tanto no livro quanto na ópera, a ideia que rege a trama é a da integração entre os diferentes povos formadores do então jovem país do futuro, ou seja, entre os povos originários que viviam nestas terras e os “colonizadores” (que, dependendo do ponto de vista, podem ser considerados simplesmente como “invasores”) para formar uma nação coesa e pacífica. Assim sendo, simbolicamente o romance entre Peri e Ceci trata de um encontro amoroso que dá origem ao povo brasileiro, enquanto a guerra contra os Aimoré trata da luta da civilização contra a barbárie. Ou seja, para construir uma nação coesa e pacífica, seria necessário catequizar e civilizar os “índios bons” e matar os “índios maus”, os “selvagens canibais”. Um pensamento que poderia até ter algum sentido em 1870, na construção de um nacionalismo romântico, que busca inventar o surgimento de um país coeso, mas que não tem o menor cabimento no século XXI.

Depois de quase cinco séculos de luta de resistência dos povos indígenas por sobrevivência física e cultural, em 1988 a Constituição brasileira assume, finalmente, que o Brasil é um país multiétnico e plurilinguístico e, em seu Artigo 231, determina que cada povo ou etnia tem direito a seus territórios originários, língua, religião e cultura próprias, assim como saúde e educação diferenciadas, como prerrogativas básicas. Podem manter-se isolados, se for do seu desejo, ou entrar de cabeça no mundo urbano, na política, na moda, na literatura, na educação, na medicina, no teatro, nas ciências, na filosofia, na ópera e em tudo o mais, sem deixar de ser quem se é. E como resume lindamente Eduardo Viveiros de Castro: “deixar de ser canibal, não significa não pensar canibal”¹.

Em pleno século XXI, não estamos mais em busca de um país culturalmente coeso, mas de uma sociedade que respeite as suas muitas diferenças. Sabemos muito bem que a colonização, o Império e as várias repúblicas brasileiras nunca foram pacíficas com os povos indígenas e o contato (do século XVI ao XXI) foi, e é sempre, violento. Não buscamos mais UMA CULTURA genuinamente brasileira, porque

1 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais*. Cosac & Naify, 2015.

vivemos em um país formado por CULTURAS DIFERENTES, por confluências e divergências entre essas múltiplas culturas, vivas e em movimento. Temos, como sempre, o problema da tradução entre mundos. E, para isso, há pajés e pensadores, embaixadores e artistas... Por isso, uma equipe imensa de artistas, da ópera e de fora dela, reuniu-se entre divergências e confluências para realizar juntos uma montagem de *IL GUARANY* que colocasse em relação a GRAN ÓPERA de Carlos Gomes e a cultura (ou as culturas) GUARANI, em um encontro entre mundos.

A forma que encontramos de propiciar cenicamente esse encontro entre mundos, e que também veio a constituir-se como ideia-síntese da encenação, surgiu de uma conversa com Ailton Krenak sobre o capítulo “O Mármore e a Murta”, do livro *A Inconstância da Alma Selvagem*, do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro². Nesse capítulo, Viveiros parte de um sermão em que o Padre Antônio Vieira relaciona a fé dos europeus ao mármore – que quando esculpido toma uma forma única, que permanece rígida e inalterada para sempre – e a fé dos povos indígenas à murta, que quando esculpida também toma a forma desejada, mas que com o tempo cresce para todos os lados e, portanto, está sempre em transformação. O que para o famoso padre catequizador do século XVII é um problema grave, a impermanência da fé cristã para os povos gentios, para o antropólogo do século XX e XXI é a grande qualidade das diferentes formas de ser e pensar dos povos originários, estar sempre em movimento, ou seja, a tal da “inconstância da alma selvagem”. Buscamos, então, justapor múltiplos planos visuais distintos para revelar as contradições entre a beleza rigorosa da ópera e a fluidez da forma dos povos indígenas.

Do ponto de vista das visualidades, procuramos seguir a própria tradição das artes cênicas de origem ocidental, que tem na ópera uma espécie de modelo de experimentação sonora e visual. Desde o século XIX, a ópera é considerada uma “obra de arte total”³ e é campo de experimentações fundamentais na área da encenação, da cenografia e da iluminação cênica.

2 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem*. Cosac & Naify, 2002.

3 *Gesamtkunstwerk*, conceito criado por Richard Wagner em *A obra de arte do futuro* (1849).

No primeiro plano brilham as belas formas clássicas (mesmo que românticas) do Mundo-Mármore. No proscênio, os solistas encarnam a beleza e a rigidez das obras de arte esculpidas em mármore, compondo com os lindos afrescos da boca de cena do Theatro Municipal. Na caixa cênica, o Coro Lírico canta e encanta em frente a uma pedra formada por volumes sólidos ou vazados de linhas retas, mercadorias empacotadas com madeira e plástico, que também servem de tela para a projeção de uma pedra de mármore, com veios de ouro, representando as riquezas naturais sobre e sob a terra que foram saqueadas pela metrópole no Brasil-Colônia e continuaram sendo saqueadas, sob outras formas de colonialidade e imperialismos, culturais e econômicos.

Mas ainda restava resolver o maior dos problemas dessa ópera: Como revelar os mundos visíveis e invisíveis que moram para além ou aquém das pedreiras de mármore e cidades de concreto, como São Paulo? Como colocar em cena a multiplicidade e a fluidez das formas indígenas, tão presentes e, ao mesmo tempo, invisibilizadas na história do Brasil, numa obra que busca fundar a ideia de um país a partir de conceitos historicamente colonialistas, como os da catequização dos gentios e civilização dos selvagens?

TEM GUARANI NO IL GUARANY

No primeiro momento, resolvemos encarar a questão complicada da representação indígena em uma ópera interpretada por cantores líricos, em italiano. Não é mais possível cometer atos de etnocídio cultural como pintar um cantor de vermelho, juntar artefatos de vários povos indistintamente para criar um “índio genérico” e chamá-lo de Bom Guarani ou Malvado Aimoré. Não mais no Brasil do século XXI, em que o slogan NUNCA MAIS UM PAÍS SEM NÓS estampa as comunicações do novo Ministério dos Povos Indígenas. A luta por sobrevivência física e cultural continua, mas em novos campos de batalha e com novas armas e estratégias.

Cento e cinquenta e três anos depois da primeira estreia da ópera brasileira mais conhecida aqui e no mundo, o Theatro Municipal de São Paulo teve a ousadia de convidar “os Guarani” – neste caso específico, um grupo Guarani Mbya do Território Indígena do Jaraguá, que vive em São Paulo, capital – para participar de uma montagem contemporânea de *Il Guarany*, não apenas como figuração, para constar, mas como atores, atrizes, músicos, cantores e, principalmente, parceiros de criação.

Não queremos mais matar ou salvar Peri, mas revelar suas contradições... E contradições, em uma obra de arte, podem ser expostas de mil maneiras. Na nossa versão, David Vera Popygua Ju, um Guarani contemporâneo, ator e professor da Escola Estadual Indígena Djekupe Amba Arandy, na aldeia Tekoa Ytu, cai de paraquedas colorido em um ensaio da ópera *Il Guarany*, em que estranha e é estranhado. Recorremos à noção de polifonia da pessoa humana, misturada a lições básicas do Teatro Épico, para criar um duplo cênico: David Vera Popygua Ju representa Peri Eté (o Peri “verdadeiro”) duplo do “Peri lírico”, que canta o papel histórico da ópera *Il Guarany* (interpretado por Henrique Bravo e Marcello Vannucci). Com Peri Eté, vem sua comunidade, um coro de 24 pessoas, entre músicos, Xondaros e Xondarias que formam a Orquestra e Coro Kyre’y Kuery (Guerreiros Sagrados), criado especialmente para a ocasião e que canta e dança duas músicas nos entreatos (*Xondaro Jeroky e Xepe Xiaraju*) e um trecho de *Nhanembaraete*, durante uma suspensão no IV Ato, no momento em que Peri resolve se converter ao cristianismo para salvar Ceci.

Nesse mesmo sentido, o povo Aimoré transforma-se em cena em um “devir-ser floresta”. Essa floresta cênica, inspirada na árvore dos cantos Yanomami (Amoa-Hi), torna-se uma floresta de redes... que balançam suavemente na brisa da vibração dos cantos da ópera. O Cacique Aimoré (Licio Bruno e Savio Sperandio), por sua vez, transformou-se em um antropólogo. Não é um indígena Aimoré, mas é um branco aceito pela comunidade e que tem um papel na sociedade em questão, participa dos ritos e é um mediador ou tradutor entre mundos.

O efeito desse encontro ou pororoca entre *Il Guarany* e os Guarani, entre Ópera e Xondaro,

aconteceu pela primeira vez em maio de 2023 e tornou-se um feito histórico. Entre adoradores e detratores, renovadores ou puristas, conquistamos o grande público e demos muito assunto para jornalistas e críticos; colocamos intelectuais e pensadores da cultura para conjecturar, escrever e debater; viramos referência (para o bem ou para o mal) e ganhamos um prêmio importante para a ópera brasileira: em 2024, a montagem recebeu o prêmio Ópera XXI, como a Melhor Produção de Ópera Latinoamericana.

Todo esse movimento gerou reflexão e curiosidade, e nos trouxe a oportunidade de, menos de dois anos depois da primeira montagem, retornar ao trabalho.

O GUARANI 2025 OU A VINGANÇA DAS ONÇAS

Uma remontagem é, antes de tudo, uma chance de revisão e aprofundamento. Continuamos no mesmo caminho, mas conseguimos tempo de maturação para acertar milhares de detalhes, para enraizar as características das personagens, para radicalizar alguns conceitos que não ficaram bem traduzidos cenicamente ou devidamente explicitados na primeira montagem.

Então, agora, resolvemos criar uma linha contínua e crescente da presença Guarani para chegar no final de forma mais coerente. Durante toda a ópera, vivemos e vemos em cena ou através da câmera de um videoativista, como em um documentário ao vivo, uma ocupação pacífica do Theatro Municipal de São Paulo pelo Coro Kyre'y Kuery, afinal São Paulo é, e sempre foi, terra Guarani.

Para além das identidades, buscamos desta vez não só revelar, mas tornar menos óbvias e mais complexas as alteridades em jogo. Nesse sentido, demos uma resposta mais contundente à conversão de Peri, com uma transformação radical de Ceci ao longo da trama. Essa mudança gradual de Ceci ao conhecer Peri também está presente, de alguma forma, no romance de José de Alencar.

Assim sendo, para fortalecer a relação entre a história do romance com os duplos cênicos, repensamos o significado da presença sempre contundente da atriz e performer Zahy Tentehar. Nesta versão, ela não é mais simplesmente um duplo cênico de Ceci, mesmo porque essa não é uma personagem indígena, mas uma pessoa que, por amor (não apenas por Peri, mas também pela própria natureza onde vive), se “indigeniza” ou se “complexifica” no decorrer da história. Na versão de 2025, Zahy Tentehar é a Onça Pajé, o espírito da indígena assassinada que dá origem à vingança sangrenta dos Aimoré. Junto com essa entidade, surge um coro de mulheres-onça, liderado pela atriz Guarani Araju Ara Poty. Esse coro vai acompanhar Ceci durante a história e tornar-se cada vez mais presente, até que, quando a protagonista é levada para a floresta pelos “selvagens Aimoré”, as onças realizam um rito de canibalismo guerreiro, com uma anexação entre inimigos, que vai gerar uma grande metamorfose de Ceci... Toda relação tem dois ou mais pontos de vista: não é só Peri que tem de se transformar para conquistar Ceci, ela também precisa se modificar profunda e estruturalmente para poder viver com ele no meio da floresta.

Para representar cenicamente essa série de confrontos, contrastes e transformações, contamos com o auxílio luxuoso dos desenhos e imagens animadas de Denilson Baniwa, que são de tirar o fôlego. Esperamos que esse encontro entre mundos possa gerar belezas e, se possível, viajar país adentro ou fora.

CIBELE FORJAZ
direção cênica

São Paulo, 25 de janeiro de 2025
471 anos da cidade de São Paulo

OS

PARADOXOS

DE

IL

GUARANY

Nascido de um paradoxo comum ao seu momento histórico, aquele referente à busca da autenticidade nacional feita a partir do registro estético de matriz europeia, a ópera *Il Guarany* ainda nos intriga. Ao tentar oferecer à jovem nação uma obra culta digna dos cânones metropolitanos, mas concebida a partir de assuntos brasileiros e da invenção de uma cor local notável nos efeitos musicais, Carlos Gomes era consagrado no Teatro alla Scala, de Milão, e no Brasil do século XIX. Visto como ultrapassado logo em seguida pelos modernistas, que criticavam o caráter postiço da ópera, *Il Guarany* em muito também se distinguia do romance de José de Alencar no qual se inspirava, cuja tentativa de tupinizar a literatura através do personagem Peri terminava por desaparecer no libreto escrito em italiano. Carlos Gomes, um pardo que se considerava descendente de indígenas e era visto na Europa através de sua cor exótica, lançou mão dos recursos e pressupostos disponíveis à época: inventou uma sonoridade primitivista e um indígena genérico representante da natureza, a fim de entregar ao Brasil um emblema cultural de sua identidade nacional em processo de estabelecimento.

O paradoxo, entretanto, se desdobra na contemporaneidade marcada pela luta antirracista, pela busca de relações de conhecimento e de identificação com povos originários, mas ainda não completamente liberta de cacoetes do senso comum oriundos de pressupostos românticos. Como imaginar *um* indígena que não seja o representante da *natureza*, que não se conforme à imagem arcaica de contraste com o mundo industrializado, e que seja, afinal de contas, não uma unidade genérica, mas expressão da multiplicidade de civilizações passadas e presentes? O que efetivamente se sabe dos povos de hoje e de suas possibilidades de relação com a cultura urbana letrada, aquela que se acomoda aos museus e às salas de ópera? Faria sentido pensar em uma produção estética coletiva, porta-voz de alguma comunidade nacional, quando agora o problema é mais o esfacelamento do comum, do dissenso, da falência de narrativas eurocêntricas e da reavaliação de relações de poder herdeiras da violência, do racismo e da desigualdade?

Afinal, o pressuposto cultural do selvagem consolidado pelo contexto do século XIX – diretamente associado ao extermínio de populações indígenas e à escravização de pessoas negras que serviram de base à jovem nação – não está tão distante dos tempos atuais. O que agora se coloca em disputa é a ideia de uma cultura nacional, cordial e unificada, que se estabeleceu através de invenções arbitrárias outrora fundadas por artistas e intelectuais brasileiros cuja tez nem sempre foi branca. Não há como se furtar à revisão crítica de obras e imagens românticas, se o que se pretende é compreender a diversidade intelectual, política e estética de povos indígenas historicamente silenciada e com a qual a atual encenação de Cibele Forjaz busca travar diálogo. O contraponto contemporâneo a este marco da invenção da cultura nacional deve conseguir, portanto, reforçar a compreensão dos desafios envolvidos na produção de arte e de pensamento no Brasil de hoje. Deve, também, mostrar que a originalidade intelectual de artistas indígenas pode, por conta própria, oferecer a sua leitura às imagens estabelecidas ao longo do processo de formação dos mitos românticos e modernistas sobre os povos originários. O Guarani mitificado pelos românticos vai, então, se confrontar com os Guarani reais presentes no palco, na

PEDRO CESARINO
professor do Departamento
de Antropologia da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de
São Paulo (FFLCH-USP)

companhia de seus parentes David Vera Popygua Ju, Zahy Tentehar, Denilson Baniwa e Ailton Krenak, assim apontando para as possibilidades de uma cultura brasileira de fato cosmopolita. Os debates em torno de *Il Guarany* ainda seguem vivos.



O MAESTRO

DA ABOLIÇÃO:

CARLOS GOMES

NO FRONT

DA LUTA

A importância de Carlos Gomes para a história brasileira não se restringe aos seus feitos líricos. Sua relação com a causa abolicionista é pouco conhecida pelo grande público e ela reflete não somente a aproximação do maestro com esse movimento, mas a impressionante ação da cena lírica brasileira na luta pela libertação de escravizados.

A campanha pela abolição da escravatura, que foi intensificada no Brasil nas últimas décadas do século XIX, encontrou no gênero lírico um aliado poderoso, capaz de transformar os teatros de ópera brasileiros em verdadeiros espaços artísticos de transformações sociais: a partir de 1880, dezenas de espetáculos, “conferências-concerto”, e saraus foram realizados, organizados por músicos como Horácio Fluminense, Luiz Pedrosa e Viriato Figueira da Silva, em prol de alforrias de escravizados. É importante salientar o protagonismo feminino nesse cenário. Cantoras líricas brasileiras e estrangeiras, como Luiza Regadas, Lucia Avali e Nadina Bulicioff, estiveram à frente de verdadeiros atos pela liberdade nos palcos.

Se o nome de Luiza Regadas, conhecida como “rouxinol abolicionista”, nos é pouco conhecido, talvez para alguns seja nota a cena de Elizabeth Taylor nas vestes da soprano russa Nadina Bulicioff, no filme *A Vida do Jovem Toscanini*, de Franco Zeffirelli. O filme, apesar de trazer uma romantização sobre os fatos, colocando europeus como protagonistas na luta nacional, apresenta uma cena muito intrigante em torno de uma representação da ópera *Aida*, de Giuseppe Verdi, no Rio de Janeiro. Nela, a atriz interpretando a cantora russa arrebenta suas algemas cenográficas e, diante do público, que de pé afitava lenços, entrega a seis escravizadas cartas de liberdade.¹

Este e outros eventos abolicionistas foram organizados pelo engenheiro e ativista André Rebouças, pelo militante e jornalista José do Patrocínio e pelo político e diplomata Joaquim Nabuco. Além destes, podemos citar também a presença de outras figuras notáveis como Luiz Gama e Vicente de Souza, bem como a importância de Henrique Alves de Mesquita, Joaquim Callado, Viriato Figueira da Silva, Anacleto de Medeiros e Patápio Silva, todos músicos negros que estiveram ativos também no movimento pós-abolição. Contudo, foram os primeiros três nomes que apresentaram a luta abolicionista ao compositor Carlos Gomes e o envolveram nela.

Rebouças, que foi uma das principais figuras do movimento, defendia com veemência a ideia de uma abolição gradual, mas sem concessões que favorecessem os interesses dos senhores de escravos. Em carta ao engenheiro Sílio Boccanera Junior, de 24 de abril de 1897, o ativista esmiuçou a relação de Gomes com a causa abolicionista e salientou as libertações feitas em seu nome entre 1880 e 1888:

Na Bahia, a 26 de julho de 1879, representando-se o Guarany, foram libertadas duas crianças. Esse nobre exemplo foi seguido nas festas do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Campinas. A. Carlos Gomes dedicou ao Ceará² a bela Marcha popular – Ao Ceará Livre – em 1884. Sua grande ópera – Lo Schiavo – é a apoteose musical da Abolição. Carlos Gomes – glorioso Maestro da Abolição

1 ALONSO, A. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro* (São Paulo: Companhia das Letras, 2015).

2 O estado do Ceará desempenhou papel de vanguarda na história do Brasil, decretando a libertação das pessoas escravizadas em 25 de março de 1884.

– é o título que lhe compete na legenda e na História. Esperando que lhe sirvam no grandioso trabalho, que empreendeu, estas notas e as enviadas pelo meu muito prezado amigo visconde de Taunay, assino-me com a maior consideração.³

Além disso, o próprio Visconde de Taunay, importante figura da elite brasileira e amigo próximo do compositor, também estava inserido nesse contexto de transformação social. Taunay, que mais tarde se tornaria membro da Academia Brasileira de Letras, incentivou Gomes a encontrar espaço para expressar suas ideias e seus sentimentos a respeito da abolição em sua obra, chegando a propor o tema para a ópera *Lo Schiavo*⁴.

As libertações às quais André Rebouças se refere marcam o lento retorno do maestro ao Brasil. É importante, no contexto que nos interessa aqui, a descrição detalhada do evento de alforria ocorrido em Salvador, em 1879, no qual:

O retrato de Carlos Gomes foi carregado por duas meninas escravas; em seu nome, elas receberam dos intérpretes de Ceci e Peri a carta de alforria. Em carta, o compositor agradeceu, segundo ele, a libertação das escravas e a inserção do retrato no salão do teatro, que foram as homenagens que mais o comoveram.⁵

Ainda no mesmo ano, Gomes adotaria o gesto de entregar por suas próprias mãos alforrias a escravizados, como foi o caso de uma mulher chamada Felicidade, que levou tanto o compositor quanto seu filho Carlos André às lágrimas, comovendo também a recém-liberta que beijou as mãos do pai e do filho.

O definitivo retorno de Carlos Gomes ao Brasil ocorreu em 1886, mas, ao contrário do que se imagina, o maestro não colheu no seu país de origem as glórias que duramente conquistou na Europa.

3 REBOUÇAS, André. [Carta a Sílio Boccanera Junior, 24 abr. 1897]. 0056-I-DIG-09.06.1896-Reb.d/Coleção Carlos Gomes/Acervo Museu Imperial/Ibram. Disponível em: <http://200.159.250.2:10358/handle/acervo/253>. Acesso em: 12 set. 2024.

4 Por questões editoriais e mercadológicas, o argumento, que inicialmente girava em torno dos personagens negros escravizados, foi posteriormente modificado se tornando também uma trama indianista, assim como *O Guarani*.

5 TEIXEIRA, Mariana Franco. O Maestro da Abolição: Carlos Gomes e a ópera *Lo Schiavo*. In: XIII Semana de História Política. 2018, Rio de Janeiro. XIII Semana de História Política – Quando “a imaginação toma o poder”: Democracias e Representatividades, 2018. p. 181-182.

Se por lá, no início de sua carreira e durante o seu sucesso, ele teve que lidar com as faces da discriminação racial e da xenofobia carregando as alcunhas de um *selvaggio* de pele morena e *testa di leone*⁶, ao chegar no Brasil teve que lidar com a pecha de ter sido vinculado ao imperador, mas também – e é inevitável não concluir isso – com o racismo. A própria imagem de Gomes vai, com o passar do tempo e na intenção de enquadrá-lo como palatável herói nacional, sendo embranquecida. Tal dado fica evidente quando nos deparamos com o quadro, reproduzido ao lado, de Domenico de Angelis e Giovanni Capranesi, *Os Últimos Dias de Carlos Gomes*, finalizado apenas três anos após a morte do compositor. Aqui, Gomes, um homem negro, é velado por amigos, médicos e políticos de Belém.

Numa comovente carta, o maestro relata sua situação de abandono e descaso:

Não fui lembrado para um emprego qualquer no Conservatório de Música da Capital. Não tenho ânimo para pedir um lugar ao diretor daquele armazém de empregados; creio, porém, poder merecer (como abrigo) um lugar como o dos músicos portugueses que lá estão recebendo ordenados. No Rio de Janeiro não me querem nem para porteiro do Conservatório, em São Paulo, nem para bolheiro, em Campinas, não me compreenderam, julgando-me um impostor, um forasteiro.⁷

A abolição da escravidão, embora tivesse sido formalmente proclamada em 1888, não trouxe, de fato, a liberdade plena para os negros, nem recém-libertados que foram lançados à sua própria sorte sem reparação ou indenização, nem para aqueles outrora bem-sucedidos, como Carlos Gomes.

6 É de suma importância destacar também a figura da cantora Joaquina Lapinha, que anos antes abria portas ao ser a primeira cantora lírica brasileira a fazer carreira internacional. Joaquina Lapinha enfrentou os mesmos desafios que Carlos Gomes por ser negra, chegando a passar tinta branca no rosto por seu "defeito de cor", e também por ser mulher, tornando-se pioneira ao receber autorização para se apresentar em espetáculos públicos em Lisboa. No retorno de suas viagens internacionais, a cantora trouxe consigo duas escravizadas libertas, Eva e Inácia.

7 LENITA W. M. NOGUEIRA, Música e Política: o caso de Carlos Gomes. In: XV Congresso da ANPPOM, 2005, Rio de Janeiro. *Anais do XV Congresso da ANPPOM*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. p. 245. Citação de: *Carta a César Bierrenbach, Milão, 22 de novembro de 1895*. In: BOCANERA, Silvio. p. 269-272.



ALICIA OLIVEIRA,
GABRIEL LABAKI
e KARINA KOREN
sob supervisão de
LIGIANA COSTA

Permanecem abertos os capítulos da história da música brasileira que vêm sendo reescritos graças a estudiosos comprometidos com a relação da arte lírica nacional – e, em especial, o seu mais importante compositor – e as lutas que atravessam os séculos pela libertação de todos os povos.

8 Pormenor de *Os Últimos Dias de Carlos Gomes*, 1899, de Domenico de Angelis e Giovanni Capranesi. Óleo sobre tela, 224cm x 484cm, Coleção: Museu de Arte de Belém. Foto: Percival Tirapelli. Acervo digital: IA-UNESP.

IL GUARANY

NO PALCO

E NO ACERVO

DO THEATRO

MUNICIPAL

DE SÃO PAULO

Il Guarany, de Carlos Gomes, é talvez uma das óperas mais conhecidas escritas por um compositor brasileiro. Exatamente por este motivo, o Theatro Municipal de São Paulo recebeu diversas montagens completas do espetáculo desde seus primeiros anos de existência. Segundo o levantamento feito pela pesquisadora Anita de Souza Lazarim – disponível no programa de sala da montagem de *Il Guarany* de 2023 –, a obra foi executada no Municipal pela primeira vez apenas com sua profonia introdutória no dia de sua inauguração, em 1911. Depois disso, o espetáculo foi apresentado, em dezenas de récitas, nos seguintes anos: 1919, 1922, 1924, 1926, 1929, 1933, 1934, 1936, 1941, 1942, 1949, 1951, 1957, 1964, 1967, 1970, 1972, 1974 e 2000. Contando com o espetáculo de dois anos atrás, esta será a vigésima primeira temporada lírica que *Il Guarany* é trazido ao palco do TMSP.

A primeira montagem de *Il Guarany* completa que o Theatro Municipal de São Paulo recebeu foi na temporada lírica de 1919. Segundo o periódico *O Estado de S. Paulo* de 15 de outubro daquele ano, o espetáculo esteve a cargo da Empresa Da Rosa-Mocchi. Os empresários italianos Faustino da Rosa e Walter Mocchi foram responsáveis por boa parte das temporadas líricas do TMSP entre 1912 e 1926, trazendo sempre todos os elementos necessários para o espetáculo (músicos,

instrumentos, partituras, cenários, figurinos etc.)¹. Ocorreram duas récitas, sendo a segunda em caráter extraordinário. O maestro da orquestra na ocasião foi Vincenzo Bellezza e contou com os solistas Giuseppe Taccani (Peri), Zola Amaro (Ceci), além de contar com os bailados da Companhia Pavlova no terceiro ato.

O destaque desta montagem foi, sem dúvida, a cantora Zola Amaro, que interpretou o papel de Ceci. A soprano foi bastante elogiada pela crítica, que citou sua segurança e limpidez de emissão vocal. Ainda segundo aquele jornal, a cantora recebeu diversas coroas de flores após o espetáculo, sendo uma delas do próprio governador do estado de São Paulo.

Theatro Municipal
EMPRESA WALTER MOCCHI

Grande Companhia LYRICA
EMPRESA DA ROSA MOCCHI

HOJE - 10 DE OUTUBRO DE 1919 - HOJE
:- A'S 20 1/2 HORAS :-

6.ª RECITA DE ASSIGNATURA

GUARANY

Opera bailado em 5 actos de Carlos Gomes

M.o Concedador e Director da Orhestra Cav. V. BELLIZZA
Maestro dos coros: G. MAFREDINI
Regisseur geral: Cav. ROMEO FRANCIOLI

PERSONAGENS:

Don Antonio	C. Walter
Cecilia	Zola Amaro
Pery	G. Taccani
D. Alvaro	Grazzollé
Gonzalez	L. Montesanto
Cacique	N. de Angelis
Ruiz	Nardi
Alonso	Arcelli
Don Pedro	Rendans

No 3.o acto bailados por Mme. Anna Pavlova,
Mr. Siewits e toda a Companhia

Argumento, noticias etc. sobre esta
opera. procure O ENTREACTO. A
venda no vestuario.

Ficha Técnica do programa de sala do espetáculo *Il Guarany*, em sexta récita de assinatura da Temporada Lírica de 1919 do Theatro Municipal de São Paulo. Série: Programas de Espetáculo e Eventos do Theatro Municipal de São Paulo. Coleção do Museu Theatro Municipal de São Paulo. Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo

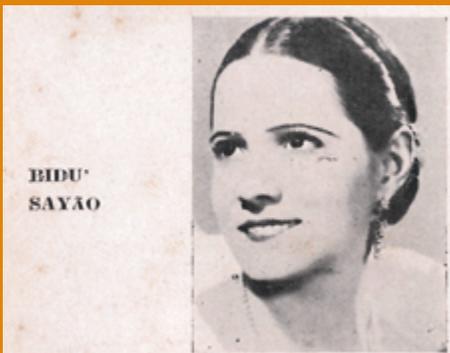
1 Cf. SATO, Eduardo Tadafumi. *Mário de Andrade n'A Gazeta (1918-1919): um 'plumitivo incipiente'?*. Dissertação: mestrado. IEB: USP, 2016, p. 52.

Em 1936, outra montagem vale a menção, já que foi realizada em homenagem ao centenário de Carlos Gomes. Por conta da participação de Bidu Sayão no papel de Ceci, os relatos sobre a terceira récita daquela temporada lírica davam conta da expectativa do público paulistano em ver a já muito famosa e prestigiada cantora lírica no palco do Municipal de São Paulo. Estando de volta de sua temporada nos Estados Unidos, com participação no Carnegie Hall de Nova York a convite de Arturo Toscanini, a soprano teria feito “inundar” o TMSP.

Segundo o *Correio Paulistano* de 17 de setembro daquele ano, “havia gente apinhada pelos corredores e ninguém se queixava”, além de diversos automóveis nos arredores do Theatro que davam muito trabalho aos inspetores municipais. Por esse motivo, muita gente ainda estava fora da Sala de Espetáculo enquanto a profonia inicial era executada – alguns com ingressos, outros apenas “grilos”, pessoas que não possuíam bilhete de entrada.

Nesse espetáculo, o maestro e diretor da orquestra foi Umberto Benetone. Além de Bidu Sayão, foram solistas Duilio Baronti (Don Antonio de Mariz) e Georges Thill (Peri), contando ainda com os bailados do terceiro ato a cargo do corpo de baile da Escola do Theatro Municipal de São Paulo, sob direção de Maria Olenewa.

Ficha Técnica e foto de Bidu Sayão (Ceci) no programa de sala do espetáculo *Il Guarany*, em terceira récita de assinatura da Temporada Lírica de 1936 do Theatro Municipal de São Paulo. Série: Programas de Espetáculo e Eventos do Theatro Municipal de São Paulo. Coleção do Museu Theatro Municipal de São Paulo. Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.



17 de Setembro de 1936	PROGRAMA	3.ª Récita de Assinatura
GUARANI		
Opera em 4 atos de CARLOS GOMES PERSONAGENS		
<i>Don Antonio de Mariz</i> - velho fidalgo português.	Duilio Baronti	
<i>Cecilia</i> - sua filha	Bidu Sayão	
<i>Peri</i> - chefe da tribo dos Guarani	Georges Thill	
<i>Don Alvaro</i> - aventureiro português	Alessio De Paoli	
<i>Gonzalez</i> - aventureiro hespanhol, hospede de Don Antonio	Armando Borgioli	
<i>Rui Bento</i> - idem.	Blendo Giusti	
<i>Alonso</i> - idem.	José Perotta	
<i>O Cacique</i> - Chefe da tribo dos Aimore's	Giacomo Vaghi	
<i>Pedro</i> - escudeiro de Don Antonio	Bruno Mario	
Maestro Concertador e Diretor de Orquestra : Umberto Benetone		
Regisseur : Marcello Govoni		
Diretor Geral da montagem cênica : Pericle Ansaldo		
Aventureiros de diferentes nações - Homens e mulheres da colônia portuguesa - Índios da tribo dos Aimore's - No 3.º acto: Danças pelo corpo de baile da Escola do Theatro Municipal sob a direção de MARIA OLENEWA - Solistas: Luiza Carbonell, Maryle Breno, Maria Carbonell e Juco Lindberg. - Coreografia de Maria Olenewa - Regisseur do corpo de baile: Amorico Ferreira		

Outro documento que nos faz refletir sobre a ópera de Carlos Gomes e sua trajetória no palco do Theatro Municipal de São Paulo é o programa de sala de 25 de outubro de 1957, na segunda récita de assinatura da temporada daquele ano. A apresentação inaugurou o que foi chamado de Temporada Lírica de Primavera e exibiu a montagem de *Il Guarany* dirigida por Carlos Marchese.

O elenco trazia nomes já conhecidos na cena lírica paulista por suas performances da mesma ópera em anos anteriores: a soprano Maria Sá Earp viveu a personagem Ceci em 1949, 1951 e 1957; o tenor Armando Assis Pacheco reprisou o papel de Peri que havia performado em 1951; Paulo Fortes reviveu o mesmo Gonzales de 1949; e José Perrotta deu vida a Don Antonio assim como fez em 1941, 1942 e 1951.

A apresentação contou ainda com a Orquestra Sinfônica Municipal regida pelo maestro Armando Belardi, o Coro Lírico com regência do maestro Sisto Mechetti, além do corpo de baile coreografado por Marília Franco e Vaslau Veltchek.

São Paulo, 25 de Outubro de 1957 — às 21 horas — 1.ª Récita de Assinatura

" IL GUARANY "

Ópera baile em 4 atos de Antonio CARLOS GOMES

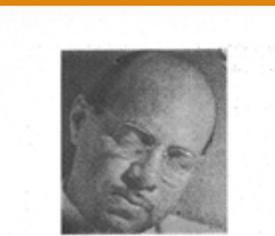
Don Antonio de Mariz, velho fidalgo português	JOSE PERROTTA
Cecília, sua filha	MARIA SA EARP
Pery, chefe da tribo dos "Guarany"	ASSIS PACHECO
Gonzales, aventureiro espanhol	PAULO FORTES
Cacique, chefe da tribo dos "Aymorés"	NEWTON PAIVA
Dom Alvaro, aventureiro português	JOÃO CALIL
Ray-Bento, aventureiro espanhol	MARIO VIGNONE
Alonso, aventureiro espanhol	L. NASCIMENTO

Regente: Maestro ARMANDO BELARDI

Maestro do Coro SISTO MECHETTI	Coreógrafos: MARILIA FRANCO — VASLAU VELTCHEK	Regisseur CARLOS MARCHESE
Mta. ELA PODOROWSKY	Cenografia SANTA-ROSA	
Los Balletinos MARILIA FRANCO — JONNY FRANKLIN		

Ficha Técnica do programa de sala do espetáculo *Il Guarany* em primeira récita de assinatura da Temporada Lírica de 1957 do Theatro Municipal de São Paulo. Série: Programas de Espetáculo e Eventos do Theatro Municipal de São Paulo. Coleção do Museu Theatro Municipal de São Paulo. Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.

A escolha de *Il Guarany* como abertura da Temporada Lírica de Primavera de 1957 não foi por acaso. A récita inaugural da ópera foi realizada como uma homenagem ao pintor e cenógrafo Santa Rosa, falecido em 1956 na Índia. Ele foi responsável pela criação de toda a cenografia daquela montagem e, além de ter sua obra eternizada no palco do Theatro Municipal, recebeu uma homenagem no programa de sala do evento onde foi inserida uma nota escrita por Luiza Barreto Leite para o *Jornal de Letras* de dezembro de 1956.



SANTA-ROSA E O TEATRO

Santa Rosa era a própria dualidade:

Forte de inteligência, fraco de coração. O corpo fraco e agitado como o amor que o impregnava todo, privou-o de sua presença física; mas o cérebro sereno e lúcido como a imortalidade, sobrevoou-o o dom de sua presença sempre que se desceia honesta, simples e humanamente preocupar o mundo da arte, sobretudo da arte dramática.

Santa Rosa, o amigo de vinte anos, o companheiro de sucessos e fracassos, o conselheiro das horas avulsas, a consciência dos sonhos insatisfeitos, partiu por sempre. Muitos são os amigos que começam a partir, uns para os quatro cantos do mundo conhecido, outros para além dos horizontes cogitados pelos homens que se julgam donos da ciência e da razão. A gente já começa a se conformar com esses vácuos

que nos privam pouco a pouco daquilo que torna respirável e mundo em termo de nós mesmos.

Mas aqueles que, como Santa, contribuíram para que possamos viver em paz com nosso mundo interior, não desaparecerão jamais. Por isso procure reparar, em dois, a dia que sua verdade era mesmo, sim, o amigo que partiu para o Oriente, onde certamente ficará por muitos anos, enriquecendo seu conhecimento humano, aprofundando sua cultura, penetrando nas raízes de todas as artes e de todas as ciências. Certo, o mestre que nos orientou no caminho árduo de quem deseja atingir o insuperável, romper a barreira da incongruência alheia sem tirar a si próprio.

Quando conheci, em 1930, aquele que seria o mestre de sua pátria gerado em todo que se refere à arte dramática, eu viaha deasil, com a cabeça vazia de realidades mais repleta de sonhos e associações ideológicas, "vila de papai", possuidora de conhecimentos literários adquiridos ao Deus dará, e um diploma que poderia servir de guia para uma jovem mais atônica de coisas práticas. Ele vinha do Nordeste, sem diploma e sem papai, mas com uma bagagem de experiências adquiridas na vida de mestre, poeta e antologista nos livros consagrados acertadamente porque a escassez econômica não lhe permitiu dispensar dinheiro nem tempo.

Eramos muitos os que nos achávamos com o futuro da arte dramática no Brasil. Fundamos um, dois, três grupos, até chegarmos aos "Comunidades", de qual foi o mestre indubitavelmente o orientador. Como tudo a ser organizado, jamais estava em parte alguma, evento depois de muito inspirado, muito solidário, muito procurado. Dali para mim, de vinte anos exatamante, o método de todos aqueles que de uma certa forma estavam ligados ao indisciplinado caminho: "Onde irá se metido o Santa? Agora que a arte mais precisa dele não vem sempre!" Mas, quando do misterioso, na Hora H, ele sempre aparecia — no qual sempre — e salvava as situações mais insólitas.

(Continua)

com duas ou três palavras, duas ou três palavras, confirme o caso.

Sempre verdade, sempre seguro de si mesmo e dos seus conhecimentos, nunca se negava a ajudar ninguém com um conselho, com uma indicação precisa. Não fazia parte de grupos nem de palestras. Poesia, sim, e irrecheável, os seus pontos de vista estéticos e por isso sua voz sempre plenamente vitoriosa, que hoje o aclama, porque está morto e incapaz de dizer verdades, fé e possível e o impossível para destruir sua influência. Tarefa inútil porque a obra que realizou está aí, em todos os teatros, desde o dramático e o lírico até o de ballet e o espetáculo de revista. Não foi ele quem criou os primeiros cenários funcionais e artísticos? Não foi ele quem criou os primeiros cenários que dirigiram o espetáculo teatral, desde os atores até as bonecas? Não foi ele quem esclareceu toda a nossa geração de poetas, indicando sempre o livro certo, iam encontrar a solução para as nossas dúvidas de auto-critica. Hese técnica, Hese literariamente? Não foi ele quem nos serviu de apoio quando desamparados nos confundimos às experiências que havíamos sido feitas por Álvaro Moreira ou Flávio de Carvalho, no sentido de renovar também a arte dramática no Brasil? Não foi ele quem procurou dar um sentido nacional às escolas de teatro ou de arte em geral?

Muito gente (agora não, porque deixou de fazer cenários e passava posições burocráticas) tenta destruir a continuidade de sua obra empregando contra ele o termo "mágico", daqueles que não sabem definir suas ideias, "mágico", sim, também ele foi chamado assim por aqueles que nasceram depois, evolutivamente, mas que não saíram nunca artisticamente. Em compensação outros começaram a chamá-lo de Copernic ou Einstein. Mas não se sonece.

É a verdade o que dizem até o ponto em que poderiam comparar o sentido renovador que liga seus renas. Mas Santa Rosa não foi nem Copernic, nem Einstein, nem mesmo Gordon Craig, como é cenógrafo e teórico da arte dramática criador de uma escola que ma-

deu a vida das coisas. Santa Rosa, como todo o criador, não poderia ser ninguém se não ele próprio.

O nome Santa, esse caboclo tão brasileiro de corpo, de alma e de coração, era um grão no espírito e na força.

Um herdeiro em linha reta da pureza clássica aplicada ao mais avançado senso estético moderno, Santa Rosa era um fenômeno brasileiro e por isso pôde fazer tanta coisa pelo nosso teatro, porque teatro é vida e é criação, é humanizada a poesia, realidade e sonho. Seu trabalho está aí ainda inconcluso, porque no Brasil nada se realiza totalmente, mas vivo e palpável em todos os palcos, em todos os estranhos que tiram a estrada aberta por nós, sob a sua orientação, em todos os jovens que procuram fazer sempre melhor. Sua influência não só se faz sentir entre os mistificadores, aqueles que não querem estudar nem trabalhar e que julgam o sucesso mais importante do que a consciência artística. Para esses Santa Rosa é um homem morto, cujo nome será usado de acordo com o interesse que desejarem dele no momento. Porque o homem, era amigo de todos, tinha o coração fraco. Mas o nosso Santa, o Santa de convicções firmes, incapaz de ceder quando se tratava de um ponto de vista estético, esse tinha pouco amigos. E o que se considerará existindo para mim, e que eu, embora saiba que já não existe mais, saberei sempre que existe ainda e que existirá sempre. O nosso Santa era forte, ninguém poderá afastá-lo de sua missão junto ao teatro brasileiro, poderemos apenas dizer como sempre: "Deve ter a sua missão de Santa, que ninguém jamais quisera mais se precisas!" Mas no momento exato ele estará lá com a sua compreensão intuitiva e o nosso teatro continuará caminhando pela estrada marcada por ele.

LUIZA BARRETO LEITE
(Jornal de Letras - Dezembro 1956)

Imagem do programa de espetáculo de *Il Guarany* com texto de Luiza Barreto Leite, 1957. Série: Programas de Espetáculo e Eventos do Theatro Municipal de São Paulo. Coleção do Museu Theatro Municipal de São Paulo. Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.

Além do programa de sala, o acervo conta ainda com registros fotográficos das diversas montagens de *Il Guarany*, como este, abaixo, de Armando Assis Pacheco caracterizado como o personagem Peri em 1957. Vale frisar que esta fotografia, assim como muitas outras de nosso acervo, reflete comportamentos e estereótipos da época que já não são mais aceitos atualmente.



Foto: Armando Assis Pacheco como Peri em *Il Guarany*. Foto de lanini, 1957. Coleção do Museu Theatro Municipal de São Paulo, Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.

Se em 1957 a caracterização dos personagens de *Il Guarany* estava carregada de estereótipos tratados com normalidade àquela época, em 2023 a encenação mais recente da composição de Carlos Gomes – cuja remontagem podemos agora desfrutar – ganhou uma abordagem contemporânea a partir do olhar do líder indígena, ambientalista, filósofo e escritor Ailton Krenak.

A partir da concepção geral de Krenak, o artista plástico indígena Denilson Baniwa assinou a direção artística do espetáculo ao lado de Simone Mina. Também se juntou a essa equipe o músico Lívio Tragtenberg que, a partir das suas experiências com músicos Guarani, pôde pensar numa conexão entre a composição de Carlos Gomes e a música Guarani para os entreatos. Ligiana Costa esteve à frente do dramaturgismo, Roberto Minczuk na regência e a direção cênica foi de Cibele Forjaz.



Capa e Ficha Técnica de programa de sala do espetáculo *Il Guarany*, de 2023, do Theatro Municipal de São Paulo. Série: Programas de Espetáculo e Eventos do Theatro Municipal de São Paulo. Coleção do Museu Theatro Municipal de São Paulo. Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.

O programa de sala desta montagem contém um texto de Ailton Krenak, em que o escritor alerta para a problemática que cerca o personagem central de *Il Guarany*: embora Peri seja indígena, a narrativa o coloca a serviço do mundo europeu. Trata-se de “uma invenção colonial de um insustentável mito de origem sob encomenda de D. Pedro II, interessado em criar uma representação europeia da formação dos brasileiros com a conversão dos nativos do Novo Mundo”.

Ao mesmo tempo, o texto da diretora cênica Cibele Forjaz – também presente no programa de sala daquele ano – destaca a quebra dessa narrativa encomendada dando lugar a uma abordagem atual em que tensões da formação social brasileira – em especial no que diz respeito aos povos originários – são colocadas em evidência.

Um sujeito abstrato de seu mundo torna-se presa fácil dessa narrativa que imprime o corpo indígena em mente desafiante ao sabor dos acontecimentos da história. Sem um povo, vaga Peri entre mundos coloniais que de pronto vão ser restrinidos por Mário de Andrade e outros antropólogos da Semana de 22, com verdadeira imprecisão, uma invenção colonial de um insustentável mito de origem sob encomenda de D. Pedro II, interessado em criar uma representação europeia da formação dos brasileiros com a conversão dos nativos do Novo Mundo.

“Quanto ao mito do casal primordial, este se constitui a partir do sacrifício de ambos os protagonistas. Peri deve abrir mão de sua espiritualidade e de seu povo para se submeter a um batismo católico e Ceci deve se despedir definitivamente de sua família e cultura, o que Waipiê chama de complementação binária entre ‘cultura ruralizada’ e ‘festividade domesticada’”, cita Lúgania Costa, dramaturga desta montagem.

Um século depois, artistas indígenas se debruçam sobre a imagem e nada veem que reflita a longa jornada de construção deste “homem-brasil” e decidem lhe dar um duplo de carne e osso, trazendo à imagem refletida no espelho o Içiqui, povo à água viva, veneno, Avaitéi, o outro que agora fala e pensa outros mundos possíveis, onde seres humanos e não humanos tocam socialidades, reconhecem suas multiplicidades e reavancam siletoz além do mundo da mercadoria.

Pedra e plantas fazendo planeta, em unidade imprevista no estreito caminho colonial. Dispensam o batismo de Peri, abrem passagem aos encontros festivos dos outros Ailtoni, em sintonia com vento, floresta e fogo.

O desafio de tocar essa pedra, como diria Drummond, no meio do caminho, foi pretexto para convidar o artista Denilson Barosa com sua coragem inebriada a tocar o mármore e fazer falas: movendo e projetando imagem, institui novos imaginários, em que as figuras consagradas dos cantores e também do coro são transfigurações em seres híbridos de pó sem perder sua indispensável função narrativa da ópera em curso. Raças e temperamentos aderiram o tempo das artes e confirmam o que velacionou Cibele Forjaz à frente da direção de cena: “Sem trabalho não tem ARTE, arte é trabalhar sobre a pedra”.

colônias, na floresta, na ópera e em tudo o mais sem deixar de ser quem se é. E como resume lindamente Eduardo Viveiros de Castro: “deixar de ser cambaí, não significa não pensar cambaí”.

Em pleno século XXI não estamos mais em busca de um país coeso, mas de uma sociedade que respeite as suas diferenças. Sabemos muito bem que a colonização, o império e as várias Repúblicas brasileiras nunca foram pacíficas com os povos indígenas e que o contatoão século XVI ao XXI foi e é sempre violento. Não acreditamos mais em UMA CULTURA genuinamente brasileira, porque vivemos em um país formado por CULTURAS DIFERENTES EM CONTATO, por conflitos e divergências entre essas múltiplas culturas, visões e em movimento. Temos, como sempre, o problema da tradução entre mundos. E, para isso, há países e pensadores, embaixadores e artistas.

E é que estamos tentando fazer aqui e agora no Theatro Municipal de São Paulo, um encontro entre mundos. Para isso, uma equipe imensa de artistas, de ópera e de fora dela, reuniu-se entre divergências e conflitos para realizar essa nova montagem de O GUARANY, que vocês podem testemunhar agora, de 12 a 30 de maio de 2023. A promessa a ter o povo Guarani presente e como parceiros de criação insiste caso específico: Guarani M'Bya do Território Indígena do Jaraguá, que vivem em São Paulo, capital. A encenação parte de uma direção síntese de Ailton Krenak sobre a “Mámore e a Murtu”, capítulo do livro A Inconstância de Alma Selvagem? A partir dessa imagem e desse conceito, criamos vários planos diferentes de leitura dessa obra.

O primeiro, é o da música de Carlos Gomes, que é sempre protagonista em uma ópera. Nesse sentido, procuramos seguir as direções dos mestres Roberto Minczuk, Milno Zaccaro e Alessandro Sangora para que o canto possa ser ouvido e apreciado em sua plenitude. Então o canto é uma prioridade nesta encenação.

Do ponto de vista das visualidades, procuramos seguir a própria tradição das artes cênicas de origem indígena, que tem na ópera uma espécie de modelo de experimentação sonora e visual. Desde o século

1. VANDERLEI DE CASTRO, Eduardo. *Mámore e Murtu*. São Paulo, 2018.
2. VANDERLEI DE CASTRO, Eduardo. *A Inconstância de Alma Selvagem*. São Paulo, 2018.

Imagem do programa de sala do espetáculo *Il Guarany* com trecho do texto de Ailton Krenak, 2023. Série: Programas de Espetáculo e Eventos do Theatro Municipal de São Paulo. Coleção do Museu Theatro Municipal de São Paulo. Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.

Imagem do programa de sala do espetáculo *Il Guarany* com trecho do texto de Cibele Forjaz, 2023. Série: Programas de Espetáculo e Eventos do Theatro Municipal de São Paulo. Coleção do Museu Theatro Municipal de São Paulo. Centro de Documentação e Memória – Praça das Artes – Complexo Theatro Municipal de São Paulo.

Não à toa, *Il Guarany* de 2023 ficou marcado por levar ao palco do Theatro Municipal uma comunidade indígena. A Orquestra e Coro Guarani do Jaraguá Kyre'y Kuery se fizeram presentes nos entreatos, com as músicas *Xondaro Jeroky* e *Xepe Xiaraju*, além de *Nhanembaraete* no quarto ato.

Além disso, os atores Zahy Tentehar e David Vera Popygua Ju interpretaram Pery Etê e Ywy Etê, respectivamente, como uma espécie de duplicidade da Ceci e do Peri interpretados pelos cantores Nadine Koutcher e Débora Faustino, Atalla Ayan e Enrique Bravo.



Fotos: *Il Guarany*, 2023.
Foto de Rafael Salvador.



Este texto integra as ações do Núcleo de Acervo e Pesquisa (NAP), da Gerência de Formação, Acervo e Pesquisa, apresentando ao público fragmentos históricos das montagens das óperas da atual temporada lírica a partir de itens documentais do acervo do Complexo Theatro Municipal de São Paulo. O NAP é constituído por uma equipe interdisciplinar que desenvolve estratégias de documentação, conservação preventiva e pesquisa do acervo, visando sua preservação e difusão. Formado por uma variada gama de itens documentais e coleções de diferentes tipos e suportes, o acervo está acondicionado no Centro de Documentação e Memória (na Praça das Artes) e na Central Técnica de Produções Chico Giacchieri (situada no bairro do Canindé), além das obras expostas nas dependências do edifício histórico do Theatro Municipal. Pesquisadores e o público em geral podem consultar parte dessa memória por meio do Portal do Acervo ou solicitando agendamento através do formulário disponível na página do NAP no site do Theatro Municipal.

BRUNO
BORTOLOTO
DO CARMO
pesquisador

MARIANA BRITO
SANTANA
assistente de pesquisa

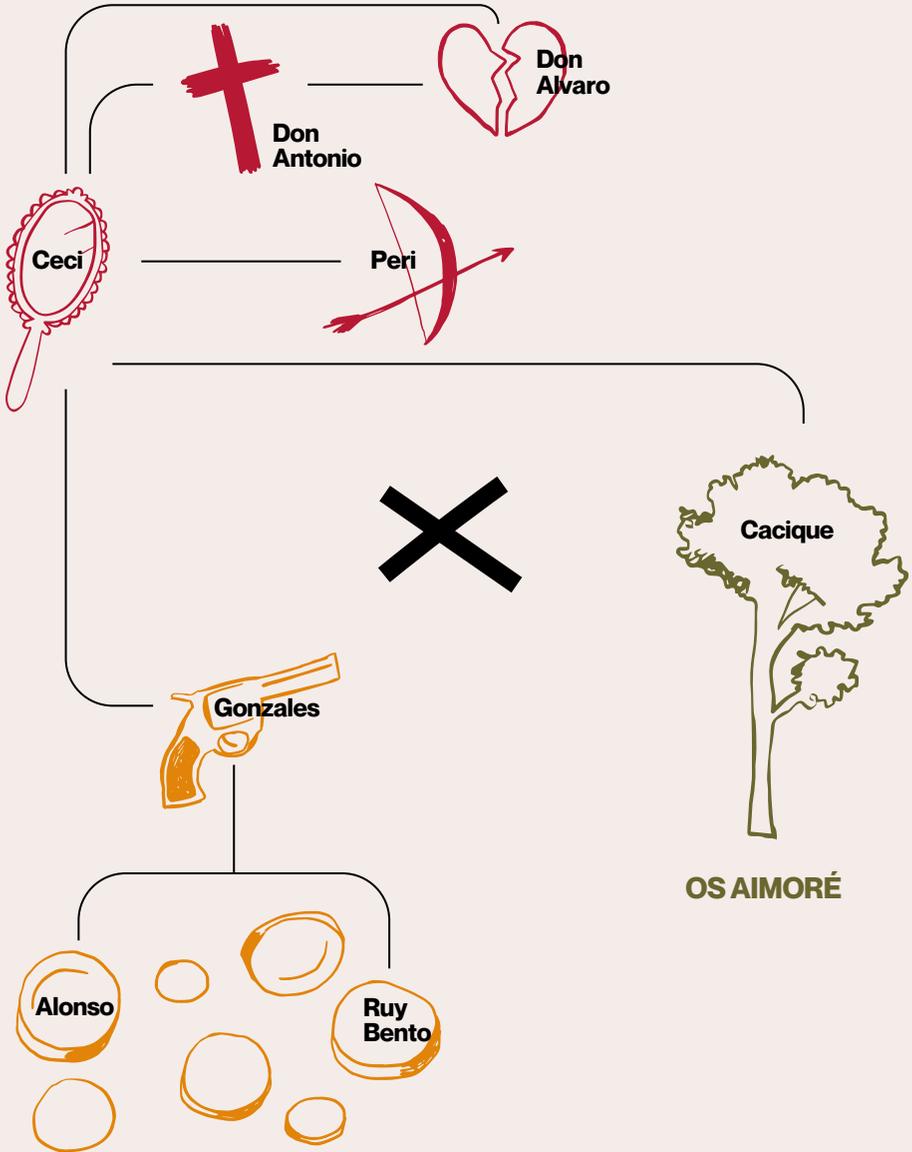


SOBRE

A

ÓPERA

**COLONIZADORES
PORTUGUESES**



**EXPLORADORES
ESPANHÓIS**





SINO NO PSE

IL GUARANY O GUARANI

Ópera em quatro atos.

Música: Antonio Carlos Gomes (1836-1896)

Libreto: Antonio Scalvini (1835-1881)
e Carlo d'Ormeville (1840-1924), baseado no romance
O Guarani (1857), de José de Alencar (1829-1877)

Estreia: Teatro alla Scala de Milão, 19 de março de 1870.

PERSONAGENS

Peri, príncipe dos Guarani (tenor)
Don Antonio de Mariz, fidalgo português (baixo)
Ceci, sua filha (soprano)
Gonzales, aventureiro espanhol (barítono)
Don Alvaro, aventureiro português (tenor)
O Cacique dos Aimoré (baixo)
Alonso, aventureiro espanhol (baixo)
Ruy Bento, aventureiro espanhol (tenor)
Pedro, homem de armas de Don Antonio (baixo)

PRIMEIRO ATO

Nas redondezas do castelo de Don Antonio em meio à floresta, próximo ao Rio de Janeiro, em 1560. Um grupo de caçadores retorna de uma caçada, entre eles Gonzales e Don Alvaro, ambos interessados em Cecilia, filha do fidalgo Don Antonio. Don Antonio aparece e, dando-lhes boas-vindas, conta que, enquanto estiveram fora, uma jovem Aimoré foi morta por um dos colonos e que o povo Aimoré clama por vingança. A filha de Don Antonio, alvo do ataque dos Aimoré, teria sido salva por Peri, um indígena Guarani, que se apresenta entre os portugueses e espanhóis. Cecilia aparece e recebe do pai a notícia de que se casará com Don Alvaro. Todos juntos entoam uma Ave-Maria e Peri, o único que não acompanha a evocação da prece, ouve Gonzales conspirar um ataque com seus comparsas. Todos saem de cena, menos Cecilia e Peri que, em um dueto, confessam um ao outro seus sentimentos. Peri sai na intenção de impedir o golpe dos aventureiros.

SEGUNDO ATO

Cena 1

Peri, na frente da gruta na floresta, canta a nobreza de sua ancestralidade antes de surpreender o grupo de aventureiros em meio à organização do golpe. Os aventureiros fogem, com exceção de Gonzales, que é rendido por Peri. Gonzales jura que vai abandonar o local e Peri se embrenha na floresta.

Cena 2

Gonzales chega no alojamento dos aventureiros. Todos juntos cantam enaltecendo o ouro e juram fidelidade ao espanhol, que canta as glórias e alegrias da vida de um aventureiro. O grupo se separa para pôr em prática o plano de golpe contra Don Antonio, que envolve também o sequestro de Cecilia por parte de Gonzales.

Cena 3

Em seu quarto, Cecilia entoa uma balada sobre o amor, uma evocação ao seu próprio amor por Peri. Depois que Cecilia se adormenta, Gonzales invade seu quarto e tenta violentá-la, sendo impedido por uma flecha lançada por Peri. Aventureiros invadem o recinto e Don Antonio aparece para entender o motivo da desordem. Peri entrega o traidor Gonzales e cria-se uma grande tensão entre os dois grupos: os aventureiros e os colonos portugueses fiéis

ao fidalgo. A situação é interrompida pela notícia de que os indígenas Aimoré estariam invadindo o castelo. Os dois grupos se unem, a partir de uma convocação de Gonzales, em nome de um “ódio comum” a todos.

TERCEIRO ATO

Na aldeia dos Aimoré, na floresta, celebra-se a parcial vitória contra os colonos. O Cacique dos Aimoré se encanta por Cecília. Peri é trazido também como prisioneiro e suas qualidades guerreiras são louvadas pelo próprio Cacique, que ordena que se prepare o sacrifício de Peri. Antes do sacrifício, o condenado tem direito a um momento de intimidade, e é nesse momento que o casal tem mais um dueto. Peri ingere um veneno na intenção de que sua carne, ao ser comida pelos adversários dos colonizadores, os mate. O Cacique ordena que a vítima seja, então, oferecida aos deuses dos Aimoré. No fim da cerimônia, ouvem-se tiros da invasão dos colonos na aldeia. Don Antonio abraça sua filha em meio à batalha.

QUARTO ATO

Nos subterrâneos do castelo, os aventureiros tentam mais uma vez armar um golpe para sequestrar Cecília. Don Antonio escuta a trama e manda prendê-los. Do lado de fora do castelo, os Aimoré preparam um ataque e estão dispostos a matar o fidalgo. Peri, que se salvou do envenenamento graças a ervas que serviram de antídoto, se encontra com Don Antonio, que lhe pede que fuja dali. Peri diz que consegue levar uma pessoa consigo e pede ao fidalgo que o deixe salvar Cecília. A princípio, Don Antonio recusa, pois não pode entregar sua filha a um pagão. Para salvar Cecília, Peri aceita o batismo. Cecília se despede do pai e é levada por Peri. Don Antonio põe fogo nos barris de pólvora, explodindo o próprio castelo e todos que ali estão.







GUA

RA

NY



IL

QUA

RA

NI

PERSONAGGI

DON ANTONIO DE MARIZ (basso)
vecchio idalgo portoghese

CECILIA (soprano)
figlia di don Antonio

PERI (tenore)
capo della tribù dei Guarany

DON ALVARO (tenore)
avventuriere portoghese

GONZALES (baritono)
avventuriere spagnuolo, ospite di don Antonio

RUY BENTO (tenore)
avventuriere spagunolo, ospite di don Antonio

ALONSO (basso)
avventuriere spagunolo, ospite di don Antonio

II CACICO (basso)
capo della tribù degli Aimorè

PEDRO (basso)
uomo d'arme di don Antonio

Coro e comparse
Avventurieri di diverse nazioni
Uomini e Donne della colonia portoghese
Selvaggi della tribù degli Aimorè
Corpo di ballo
Uomini e Donne della tribù degli Aimorè

*La scena ha luogo nel Brasile, a poca distanza
da Rio de Janeiro. Epoca 1560.*

PERSONAGENS

DON ANTONIO DE MARIZ (baixo)
velho fidalgo português

CECILIA (soprano)
filha de Don Antonio

PERI (tenor)
chefe da tribo Guarani

DON ALVARO (tenor)
aventureiro português

GONZALES (barítono)
aventureiro espanhol, hóspede de Don Antonio

RUY BENTO (tenor)
aventureiro espanhol, hóspede de Don Antonio

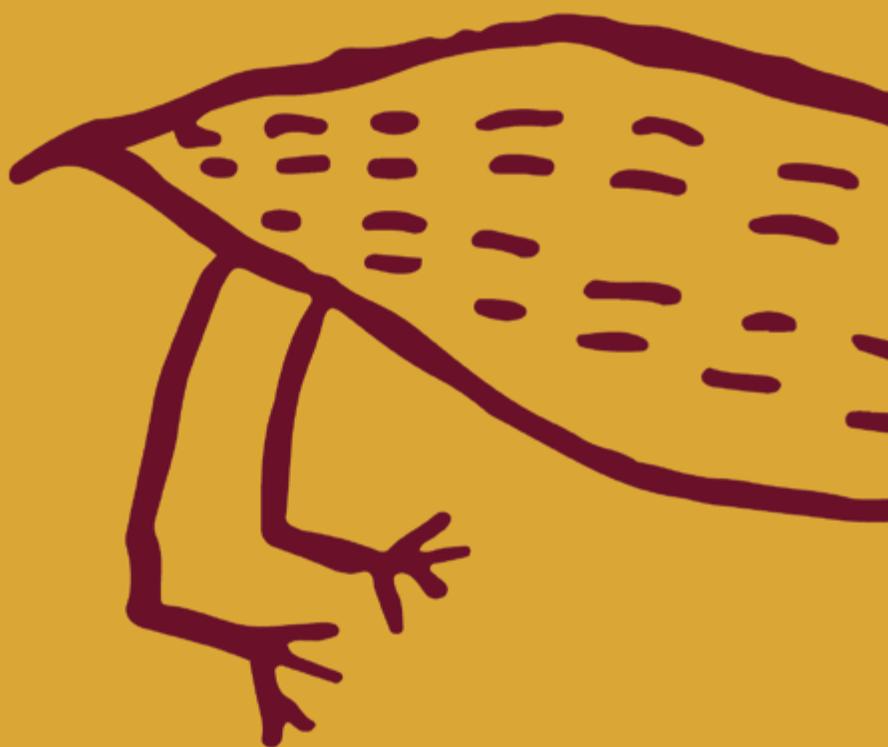
ALONSO (baixo)
aventureiro espanhol, hóspede de Don Antonio

O CACIQUE (baixo)
chefe da tribo Aimoré

PEDRO (baixo)
homem de armas de Don Antonio

Coro e figurantes
Aventureiros de diversas nações
Homens e mulheres da colônia portuguesa
Selvagens da tribo Aimoré
Corpo de baile
Homens e mulheres da tribo Aimoré

A trama se passa no Brasil, nas proximidades do Rio de Janeiro, em 1560.





ATTO

PRIMO

PRIMEIRO

ATO

SCENA PRIMA

(Spianata dinanzi al castello di don Antonio de Mariz. All'alzarsi del sipario la scena è vuota; attraversano la scena alcuni gruppi di comparse portando al collo dei cervi ed altri selvatici di generi diversi: odonsi internamente suoni di caccia. Indi vengono il Coro di cacciatori, don Alvaro, Gonzales, Ruy, Alonso, Avventurieri)

CORO *(di cacciatori)*
Dal piano al monte ognor
trascorre il cacciator;
a lui dinanzi fugge
la fiera belva invan,
invan di sdegno rugge
contro l'ardita man.
Nell'antro ov'ella è ascosa
lo spinge il baldo ardir;
ella assalir pur osa,
ma pronto egli è a ferir.
Poi di sua preda carico
e pien di gioia il cor
pone la freccia e l'arco
lo stanco cacciator.

GONZALES *(con ironia ad Alvaro)*
Alfin giungemmo all'ospitale tetto,
che sì teneri sensi in te ridesta;
tregua dunque al dolor!

ALVARO *(irritato)*
E con qual dritto
ardisci numerare i miei sospiri?

GONZALES *(come sopra)*
Pace, o venturier, troppo t'accende
il mal celato amor.

RUY, ALONSO *(ridendo)*
Ah! ah! spietato,
compatisci il meschino, è innamorato!

GONZALES *(Fra sè)*
Ei di Cecilia amante, oh! gelosia!

PRIMEIRA CENA

(Esplanada em frente ao castelo de Don Antonio de Mariz. Quando a cortina se abre, o palco está vazio. Atravessam a cena alguns grupos de figurantes carregando cervos e outros animais selvagens diversos; ouvem-se internamente sons de caça. Em seguida, entram o Coro dos Caçadores, Don Alvaro, Gonzales, Ruy, Alonso, Aventureiros.)

CORO *(dos caçadores)*
O caçador corre sempre
da planície para o monte.
Em vão, a fera audaz
foge de sua presença.
Em vão, ruge irada
contra a temerária mão.
Sua destemida valentia
impeliu-a ao antro onde se esconde,
mas, se ela ousa atacar,
ele está pronto a ferir.
Depois, carregando sua presa,
com o coração cheio de alegria,
depõe a flecha e o arco
o cansado caçador.

GONZALES *(com ironia para Alvaro)*
Finalmente chegamos ao teto hospitaleiro,
que desperta em você tão ternos sentimentos;
trégua, então, com a dor!

ALVARO *(irritado)*
E com que direito
você ousa contar os meus suspiros?

GONZALES *(como acima)*
Paz, ó aventureiro, o amor mal escondido
o inflama demais.

RUY, ALONSO *(rindo)*
Ah! Ah! Impiedoso,
tenha compaixão do coitado, ele está enamorado!

GONZALES *(para si mesmo)*
Ele, namorado de Cecilia. Oh, que ciúme!

ALVARO Che mediti?

GONZALES Nulla...

(Fra sè)

Su te ben io vegliar saprò, né tua sarà colei,
che m'ha destato in petto
fuoco fatal di prepotente affetto!

ALVARO *(Fra sè)*

Ei m'odia, ma non temo il suo furore...

GONZALES *(Fra sè)*

Qui simular conviene odio e amore!

CORO L'idalgo vien... silenzio...

(Don Antonio, dal castello, seguito da Uomini d'arme)

ANTONIO Che siate i benvenuti! Invero lunga
parve la vostra assenza;
e mentre altrove vi trae la caccia
altro infortunio ne percosse...

ALVARO Cielo!

E noi tutti ignorammo!...

ANTONIO Uno dei nostri
per grave errore, una gentil fanciulla
della tribù degli Aimorè trafisse;
venia non trova l'imprecato fallo,
e fremente l'indian vendetta chiede!

GONZALES E l'abbia intera... rinnovar fra poco
sapremo uniti la tenzon dell'armi,
ciascun di noi è un forte...

CORO *(d'avventurieri)*

E il bravo venturier sfida la morte!

ANTONIO *(con calma)*

Vano sarebbe il valor vostro, o fidi,
se un genio protettor la cara vita
salva non fêa dalla figliola mia.

- ALVARO** No que você está pensando?
- GONZALES** Em nada...
- (para si mesmo)*
- Eu saberei vigiar você muito bem! Ela não será sua!
Ela, que despertou em meu peito
o fogo fatal de irresistível afeto!
- ALVARO** *(para si mesmo)*
Ele me odeia, mas não temo seu furor...
- GONZALES** *(para si mesmo)*
Aqui convém simular ódio e amor!
- CORO** O fidalgo vem vindo... silêncio...
- (Don Antonio, do castelo, seguido por guardas)*
- ANTONIO** Sejam bem-vindos. Como pareceu longa
a ausência de vocês.
E, enquanto a caça os levou a outros lugares,
outro infortúnio nos golpeou...
- ALVARO** Céus!
E nós não soubemos de nada!...
- ANTONIO** Um dos nossos,
por um grave erro, feriu gravemente
uma gentil donzela da tribo dos Aimoré;
uma falha maldita que não tem perdão,
e os indígenas, furiosos, clamam por vingança!
- GONZALES** E que a tenham por inteiro... Nós, unidos,
sabermos dentro em pouco renovar o combate armado,
cada um de nós é um forte...
- CORO** *(dos aventureiros)*
E o bravo aventureiro desafia a morte!
- ANTONIO** *(com calma)*
Sua coragem teria sido em vão, meus fiéis,
se um gênio protetor não salvasse
a cara vida de minha filhinha.

ALVARO Ciel! come avvenne?

ANTONIO Nella placid'onda
incauta, poco lunge, ella spirava
le fresc'aure del bosco...

ALVARO E fu sorpresa?

ANTONIO Da selvaggi nascosti... e preda loro
l'infelice saria, se svelta a forza
dall'empie mani ei non l'avesse.

TUTTI *(meno Antonio)*
Oh! noma
il salvator...

ANTONIO Ei stesso
vêr noi si move... lo guardate... è desso!

(Pery alla destra)

ANTONIO *(a Pery, che esita ad appressarsi)*
T'appressa, amico.

GONZALES Un indiano!

**ALVARO, RUY,
ALONSO, GONZALES** Salve!

GONZALES Ma chi sei tu? rispondi,
tu che in noi tutti ammirazione infondi?

PERY *(lo guarda, indi con fierezza)*
Pery m'appella
in sua favella
l'eroico popolo
dei Guarany.
Di regi figlio,
non v'ha periglio
che arretrar pavido
vegga Pery.

ANTONIO Fratello e amico in faccia a ognun ti chiama
il vecchio idalgo...

(lo abbraccia)

ALVARO Céus! Como aconteceu?

ANTONIO À beira do rio,
despreocupada, um pouco longe, ela estava
respirando a brisa fresca do bosque...

ALVARO E foi surpreendida?

ANTONIO Por selvagens escondidos... E a infeliz seria presa deles,
se ele não a tivesse arrancado à força daquelas
mãos cruéis.

TODOS *(menos Antonio)*
Oh! Qual é o nome
do salvador?

ANTONIO É aquele mesmo
que está se movendo em nossa direção... olhem-no... é ele!

(Peri, à direita)

ANTONIO *(para Peri, que hesita em se aproximar)*
Aproxime-se, amigo.

GONZALES Um indígena!

**ALVARO, RUY,
ALONSO, GONZALES** Salve!

GONZALES Mas quem é você? Responda,
você que causa admiração em todos nós?

PERI *(olha para ele, e depois com orgulho)*
Peri me chama
na sua linguagem,
o povo heroico
dos Guarani.
Filho de reis,
não há perigo
que recuar com medo
veja Peri.

ANTONIO Irmão e amigo, diante de todos, o chama
o velho fidalgo...

(abraça-o)

PERY E un vero amico io sono!

CORO Qual nobil sguardo!

ANTONIO Che m'arrechi?

PERY Tace accampato l'indiano,
e forse cova vendette atroci...

ANTONIO Esplorator fedele
in te riposo, o amico...

PERY E ben lo puoi;
della tribù degli Aimorè le imprese
spero fallite andran...

ANTONIO Pure conviene
gli agguati prevenir.

PERY Signor, t'acqueta;
altro il mio cor non brama,
che di sventare la codarda trama.

(si ode internamente la voce di Cecilia)

CECILIA Deh! riedi... deh riedi...
ritorna al mio cor.
E giorni beati
vivremo d'amor.

CORO Qual voce!

PERY *(Fra sè)*
Dessa!

(si ritira nel fondo)

ANTONIO D'amorose note
la mia gentil fanciulla
fa l'aure risuonar.

ALVARO Oh gioia estrema!
Tutte nel cor le sento.

GONZALES *(Fra sè)*
È felice costui!... oh rio tormento!

- PERI** E eu sou um verdadeiro amigo!
- CORO** Que nobre olhar!
- ANTONIO** Que notícias você me traz?
- PERI** O acampamento dos indígenas está silencioso,
e talvez estejam preparando uma vingança atroz...
- ANTONIO** Confio em você, amigo,
explorador fiel...
- PERI** Pode confiar;
espero que as ações da tribo Aimoré
venham a falhar...
- ANTONIO** Entretanto, convém prevenir
as emboscadas.
- PERI** Senhor, acalme-se;
meu coração nada mais deseja
do que esvaziar a trama covarde.
- (ouve-se internamente a voz de Cecilia)*
- CECILIA** Ah! Volte... volte...
retorne para o meu coração.
E viveremos
dias felizes de amor.
- CORO** Que voz!
- PERI** *(para si mesmo)*
É ela!
- (retira-se para o fundo)*
- ANTONIO** Minha gentil menina
faz o ar ressoar
de notas amorosas.
- ALVARO** Oh, alegria extrema!
Eu as ouço todas no coração!
- GONZALES** *(para si mesmo)*
Como ele está feliz... Oh, que cruel tormento!

(Cecilia seguita da alcune Damigelle, e detti)

CECILIA Gentile di cuore
leggiadra di viso,
ho dolce l'affetto
ho vago il sorriso;
di dolce contento
lo sguardo mi brilla,
se in volto gli leggo
d'amor la favilla;
per lui solo affido
sull'ali dei venti
il suon lusinghiero
di garruli accenti!
Deh riedi, deh riedi...
mi stringi al tuo cor
e giorni beati
vivremo d'amor!

ANTONIO, *(ad Alvaro)*
GONZALES, CORO Felice mortale,
la stringi al tuo cor,
e giorni beati
vivrete d'amor!

ANTONIO Cecilia, esulta.
Reso ai nostri lari
vedi lo sposo che ti scelse il padre.

(indica Alvaro)

CECILIA *(confusa, impallidendo)*
Egli!...

ALVARO Oh! Cecilia.

(s'avvicina a lei con affetto)

ANTONIO Il guardo abbassi, e bianca
d'inusitato pallor chini la fronte?

CECILIA *(facendo forza a sé stessa)*
M'inchino al tuo volere...

ANTONIO L'obbedirmi è per te sacro dovere!

(Cecilia, seguida por algumas senhoritas, e os mencionados)

CECILIA De coração gentil,
com um rosto gracioso,
tenho o afeto doce
e um sorriso ameno.
Meu olhar brilha
de doce alegria,
se em seu rosto leio
a centelha do amor.
Somente por ele confio
às asas dos ventos
o som prazeroso
de ruidosas inflexões!
Ah! Volte, volte...
Aperte-me contra seu coração
e viveremos
dias felizes de amor!

**ANTONIO,
GONZALES, CORO** *(para Alvaro)*
Feliz mortal,
aperte-a contra seu coração
e viverão
dias felizes de amor!

ANTONIO Exulte, Cecilia.
Voltou ao nosso lar
o esposo que seu pai escolheu para você.

(indica Alvaro)

CECILIA *(confusa, empalidecendo)*
Ele!...

ALVARO Ó Cecilia!

(aproxima-se dela com afeto)

ANTONIO Você abaixa o olhar
e inclina o rosto branco de inesperada palidez?

CECILIA *(fazendo um esforço)*
Eu me dobro à sua vontade...

ANTONIO Obedecer-me é, para você, um dever sacro!

(suona l'Ave Maria)

ANTONIO Ma l'aere imbruna, e il bronzo della sera
c'invita alla preghiera. Or dunque insieme
nel comune dolor che ci contrista,
in ginocchio preghiamo
e nei consigli di lassù speriamo.

(tutti si scoprono e s'inginocchiano)

Salve, o possente vergine,
madre dell'uomo santo,
tu ne proteggi provvida
se il dì verrà del pianto:
e forte al par che pia,
ne assisti...

TUTTI Ave Maria!

**ANTONIO, ALVARO
GONZALES,
RUY, ALONSO** Fa' che vediamo estinguersi
la rabbia dei nemici,
né più di sangue tingano
l'ire le spade ultrici;
e forte al par che pia,
ne assisti...

TUTTI Ave Maria!

*(in questo momento Pery si è avanzato, e
scorgendo tutti inginocchiati si pone in atto
rispettoso dietro Gonzales)*

CECILIA, ALVARO Poi se avverrà che il turbine
un lieto di rischiari,
verrem prostrati a sciogliere
il voto sugli altari;
perché tu fosti pia
e forte...

TUTTI Ave Maria!

(si alzano)

GONZALES *(piano a Ruy e Alonso)*
Allor che annotti, non veduti entrambi
alla grotta vi attendo del selvaggio...

(soa a Ave-Maria)

ANTONIO Mas está escurecendo, e o sino da tarde nos convida a rezar. Então, juntos, na dor comum que nos entristece, rezemos ajoelhados e confiemos nos conselhos do mais alto.

(todos descobrem as cabeças e se ajoelham)

Salve, poderosa Virgem,
Mãe do Homem Santo.
Você nos protegerá previdente
ao chegar o dia do pranto:
e, tão forte quanto pia, nos
assista...

TODOS Ave Maria!

**ANTONIO, ALVARO
GONZALES,
RUY, ALONSO** Faça com que vejamos extinguir-se o ódio dos inimigos, e que não mais a ira tinja de sangue as espadas vingadoras; e, tão forte quanto pia, nos assista...

TODOS Ave Maria!

(nesse momento, Peri se aproximou e, vendo todos ajoelhados, se coloca em atitude respeitosa atrás de Gonzales)

CECILIA, ALVARO Depois, se acontecer que o turbilhão torne claro um dia feliz, viremos prostrados a pagar a promessa sobre os altares; porque você foi pia e forte...

TODOS Ave Maria!

(levantam-se)

GONZALES *(baixinho para Ruy e Alonso)*
Assim que anoitecer, sem ser vistos,
eu os espero na gruta do selvagem...

RUY, ALONSO Verremo...

PERY *(che ha udito. Fra sè)*
Quello sguardo... quell'accento...
Io saprò prevenire il tradimento

ANTONIO Or che sciolta è la preghiera
ed i voti s'innalzâr,
venga pur l'iniqua schiera,
sarò lieto di pugnar.

CECILIA, DONNE Su, correte coraggiosi
il nemico ad affrontar;
noi starem pei valorosi
le corone ad intrecciar.

TUTTI Venga pur l'iniqua schiera,
sarò lieto di pugnar.

*(Perys'avvia per uscire da un lato: tutti gli altri
entrano nel castello, meno Cecilia, che si ferma
sulla soglia e si volge a Pery)*

CECILIA *(chiamando)*
Pery...

PERY *(retrocedendo)*
Che brami?

CECILIA Appressati...

PERY Parla...

CECILIA Al castello mio
perché t'involi?...

PERY Un umile schiavo,
o gentil, son io;
né di calcar tue soglie
degnò mi fèa la sorte...

CECILIA Che dici? E non seil'angelo
che mi salvò da morte?...

PERY Sì, ma colà t'attendono
soavi gioie al core;

RUY, ALONSO Viremos...

PERI *(que os ouviu; para si mesmo)*
Aquele olhar... aquela entonação...
eu saberei prevenir a traição.

ANTONIO Agora que a oração terminou
e elevamos nossos votos,
que venha então o malvado bando,
estou contente em lutar.

CECILIA, MULHERES Eia, corram corajosamente
a enfrentar o inimigo;
nós ficaremos tecendo as
coroas para os valentes.

TODOS Que venha então o malvado bando,
estou contente em lutar.

(Peri vai saindo por um lado: todos os outros entram no castelo, menos Cecilia, que se detém na entrada e se dirige a Peri)

CECILIA *(chamando)*
Peri...

PERI *(retrocedendo)*
Que deseja?

CECILIA Aproxime-se...

PERI Fale...

CECILIA Por que você
evita o meu castelo?...

PERI Um escravo humilde,
ó gentil, eu sou.
O destino não me fez digno
de pisar a sua entrada...

CECILIA O que você está dizendo? E não é você
o anjo que me salvou da morte?

PERI Sim, mas lá dentro a esperam
suaves alegrias ao seu coração;

Alvaro t'ama e inebriasi
del tuo divino amore.

CECILIA Al padre e non ai palpiti
cedo del cor...

PERY Fia vero?...

CECILIA Te 'l giuro, inestinguibile
in me vivrà un pensiero...

PERY Qual?...

CECILIA Che al furor dei barbari
sol fui per te rapita.

PERY E ovunque e sempre, ah! credilo,
fia sacra a te mia vita.

CECILIA E al fianco tuo sicura
senza timor vivrò;
ma di', perché tal cura
hai tu di me?...

PERY Non so! Non so!
Sento una forza indomita
che ognor mi tragge a te;
ma non la posso esprimere,
né ti so dir perché.
So che un tuo detto, o vergine,
un tuo sorriso, un guardo,
come un acuto dardo,
scende a ferir mi il cor...
So che pe 'l tuo più rapido,
pe 'l tuo minor desio,
pronto a versar son io
tutto il mio sangue ognor...
Ma non ti posso esprimere
quello che sento in me;
il cor non so dischiuderti,
né ti so dir perché.

CECILIA *(Fra sé)*
Io pure, io pure invano
chiedgo a me stessa ognor
che è mai quel senso arcano,

Alvaro ama você e se inebria
com o seu divino amor.

CECILIA Eu cedo à vontade de meu pai,
não às batidas do meu coração...

PERI É verdade?...

CECILIA Eu lhe juro, em mim viverá
sempre um pensamento inextinguível...

PERI Qual?...

CECILIA Que somente graças a você
eu escapei do furor dos bárbaros.

PERI E em qualquer lugar e sempre, ah!, creia-me,
eu consagro a você a minha vida.

CECILIA E a seu lado, segura,
viverei sem medo.
Mas, diga-me, por que
tanto cuidado comigo?

PERI Não sei! Não sei!
Sinto uma força indômita
que sempre me impulsiona até você,
mas eu não a posso exprimir,
nem sei dizer-lhe por quê.
Sei que uma palavra sua, ó virgem,
um sorriso seu, um olhar,
fere meu coração
como um agudo dardo...
Sei que por seu mais rápido,
por seu menor desejo,
estou pronto a derramar sempre
todo o meu sangue...
Mas não posso exprimir a você
aquilo que sinto dentro de mim.
Não posso abrir meu coração para você.
Nem sei dizer por quê.

CECILIA *(para si mesma)*
Eu também, eu também pergunto em vão
a mim mesma, sempre,
o que será tal misteriosa sensação

che mi commuove il cor.
Lo sguardo suo sì vivido
sento riflesso in me;
ma invan me stessa interrogo,
ma né mi so dir perché.

PERY *(scuotendosi)*
Ma il tempo vola
e altrove essere io deggio...

CECILIA Dove?...

PERY *(con accentod'ira)*
Dove una rete infame
tender d'abbiette trame
impunemente sperano
tre vili traditor.

CECILIA Chi mai?... Chi mai?...

PERY Non chiederlo;
a me son noti e basta;
io ti saprò difendere,
saprò salvarti ognor.

CECILIA Qualunque via dischiudasi
al libero tuo piè,
la mia parola supplice
sempre risuoni in te;
e fido a me conservati,
riedi a mio padre, a me.
M'affido al tuo valor...

PERY Io dei perigli rido.

CECILIA I vili a lui denunzia...

PERY Ma non denunzio, uccido.

CECILIA Ma deh! Che a me non tolgasi
la candida tua fé;
vivi, o Pery, te n' supplico
pe 'l padre mio, per me!...
Se il braccio tuo difendere
non mi dovesse ancor,
morrei compianta vittima,
come mietuto fior.

que me comove o coração.
Sinto refletido em mim
seu olhar tão vívido;
mas em vão me pergunto,
mas não sei dizer por quê.

PERI *(agitado)*
Mas o tempo voa
e eu devo ir para outro lugar.

CECILIA Para onde?

PERI *(com inflexão irada)*
Onde uma rede infame
feita de desprezíveis tramas
aguarda impunemente por
três vis traidores.

CECILIA Quem?... Quem são?...

PERI Não pergunte.
Eu sei quem são e basta!
Eu saberei defendê-la,
sempre saberei salvá-la!

CECILIA Qualquer que seja o caminho
que se abra aos seus livres passos,
que minhas palavras suplicantes
ressoem sempre dentro de você;
e conserve-se fiel a mim,
retorne a meu pai, a mim.
Confio em seu valor...

PERI Eu rio dos perigos.

CECILIA Denuncie os infames a meu pai...

PERI Mas não denuncio, eu mato!

CECILIA Que eu não seja despojada
da sua cândida fé.
Viva, ó Peri, eu lhe suplico,
por meu pai, por mim!
Se seu braço não mais
me pudesse defender,
eu morreria como uma pranteada vítima,
como uma flor arrancada.

PERY Che dici, ahimè!... deh! calmati...

CECILIA Morrei siccome un fior...

PERY Morire?... Oh!ciel, non dirmelo.
No, tu non déi morir!...
a mille morti impavido
io ti saprei rapir!...
A me t'affida, o vergine,
eterna è la mia fé!...
numi, parenti, patria,
tutto obliai per te.

CECILIA Or vanne, ma sollecito
ritorna al tetto mio.

PERY Addio, mio sol benefico...

CECILIA Mio salvatore, addio.

PERY T'affida a me...

CECILIA M'affido a te...

PERY Mio dolce amor...

CECILIA Mio salvator...

PERY M'involo a te...

CECILIA Ma riedi a me...

CECILIA, PERY Addio!...

(Pery esce da un lato, Cecilia entra nel castello)

PERI O que você está dizendo, ai de mim!... Acalme-se...

CECILIA Morreria como uma flor...

PERI Morrer?... Oh! céus, não me diga isso.
Não, você não deve morrer!...
Impávido, eu saberei proteger você
de mil mortes!...
Confie em mim, ó virgem,
minha fé é eterna!...
Deuses, família, pátria,
esqueci de tudo por você!

CECILIA Vá agora, mas regresse
rapidamente ao meu teto!

PERI Adeus, meu sol benéfico...

CECILIA Meu salvador, adeus.

PERI Confie em mim...

CECILIA Confio em você....

PERI Meu doce amor...

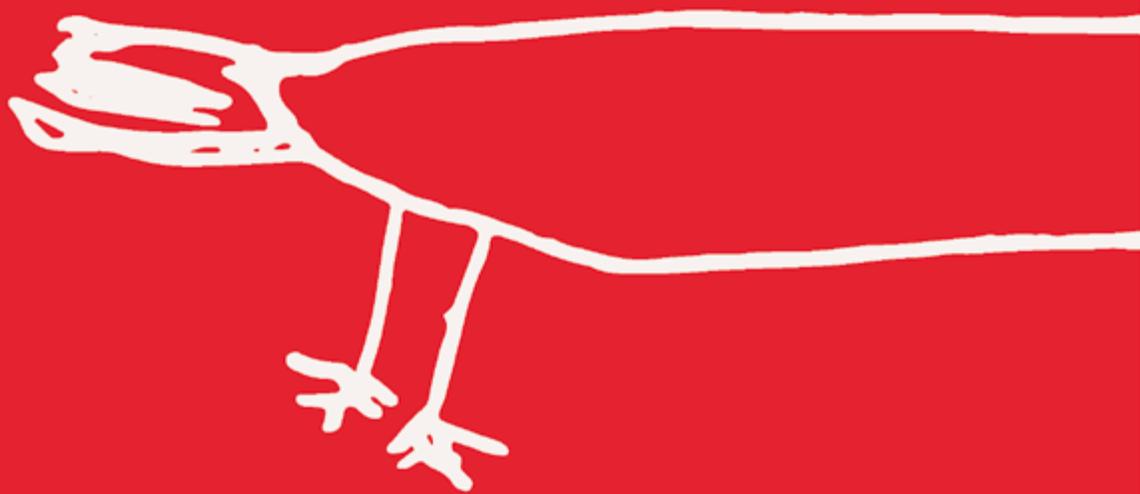
CECILIA Meu salvador...

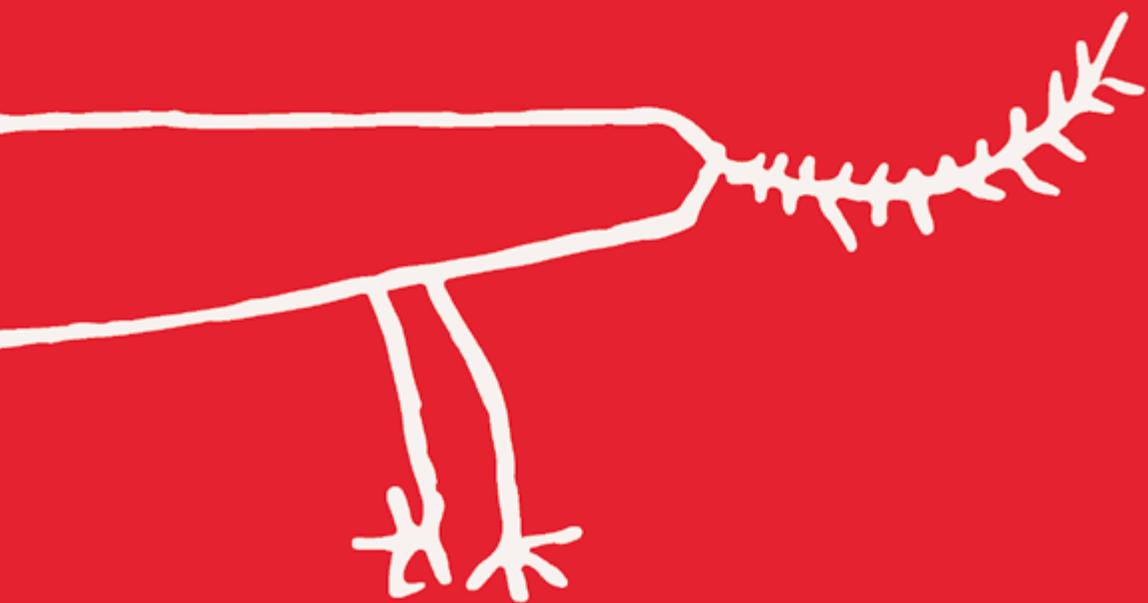
PERI Deixo você...

CECILIA Mas volte para mim...

CECILIA, PERI Adeus!

(Peri sai por um lado, Cecilia entra no castelo)





ATTO

SECONDO

SEGUNDO

ATO

(Una grotta del selvaggio. A destra un'ampia grotta che occupa metà della scena, a sinistra un folto bosco; presso la grotta vi è un grosso tronco d'albero spezzato dal fulmine. È notte. Pery solo, dal fondo strisciando fra le macchie)

PERY Son giunto in tempo! qual celata serpe,
strisciando mi fra i dumi e fra le spine
io li prevenni e guadagnai la via.
Grazie al fato ne rendo. Il torvo sguardo
dello spagnolo, ed il parlar sommesso
son le prove di un turpe tradimento!
Ma più di tutto un presentir arcano
or mi tormenta. Vanne, esso mi grida,
più non frappor dimora,
vola in soccorso della tua signora!
Vanto io pur superba cuna
sempre bella fra i perigli,
se figliol della fortuna
mi chiamar del sole i figli,
se mio padre le sue frecce
nel morire mi lasciò.
Ma ti vidi, o vergin bella,
ed obliai per fin la gloria,
per chiamarti la mia stella;
bastò un guardo... una memoria,
e il leon della foresta
il tuo schiavo diventò!...
Ma alcun s'appressa!... oh istante!...
or celarmi degg'io fra quelle piante.

(trasalendo guarda nell'interno e poi esclama)

Venga pure il traditore
che imperterrito qui sto!...

(si nasconde dietro il tronco d'albero)

(Gonzales, Ruy-Bento e Alonso entrano guardinghi e s'inoltrano nella grotta. Pery è nascosto)

GONZALES Ecco la grotta del convegno.

ALONSO Ebbene?

(A Gruta do Selvagem. À direita, uma ampla gruta que ocupa metade do palco; à esquerda, um denso bosque; próximo à gruta há um grande tronco de árvore atingido por um raio. É noite. Peri, sozinho, vem do fundo se esgueirando pela mata cerrada.)

PERI Cheguei a tempo! Como uma serpente dissimulada, me esgueirando em meio às moitas e aos espinhos, eu os precedi pelo caminho. Agradeço ao destino. O olhar sombrio do espanhol e seus sussurros são as provas de uma vergonhosa traição! Mas, mais do que tudo, um pressentimento misterioso me atormenta. Vá, ele grita, não demore mais, voe em socorro de sua senhora! Também eu me orgulho de um berço soberbo sempre belo em meio aos perigos, Filho da Fortuna me chamam os filhos do Sol. Meu pai, ao morrer, deixou-me suas flechas. Mas eu a vi, ó bela virgem, e me esqueci da glória para chamá-la de minha estrela. Bastou um olhar... uma lembrança, e o leão da floresta tornou-se seu escravo!... Mas alguém vem vindo!... Que instante!... Agora devo me esconder entre aquelas plantas.

(movendo-se bruscamente, olha para dentro e depois exclama)

E que venha o traidor,
pois eu, destemido, aqui estou!...

(esconde-se atrás do tronco de árvore)

(Gonzales, Ruy Bento e Alonso entram cautelosamente e entram na gruta. Peri está escondido)

GONZALES Eis a gruta do encontro.

ALONSO E então?

- GONZALES** Oggi d'estrema aita ho d'uopo.
- RUY** Parla...
- GONZALES** Udiste mai d'una miniera, ricca di puro argento, che si offriva un giorno da Dias Roberto al re Filippo?...
- ALONSO** Udimmo.
- RUY** Ma nella tomba ei trasse il suo mistero.
- GONZALES** No, quel mistero è noto a me...
- RUY, ALONSO** Fia vero?
- GONZALES** E se il destin sorride ai miei desiri... se destar saprete nei venturieri l'universal rivolta... farvi ricchi poss'io...
- ALONSO** Di noi disponi: per essi tutti io giuro.
- RUY, ALONSO** La rivolta è in tua man: vivi sicuro.
- (avviandosi)*
- GONZALES** *(trattenendoli)*
V'è un patto ancor: per la gentil Cecilia ardo d'immenso amore, e vuò rapirla al padre, al fidanzato, a tutti... secondarmi giurate?...
- RUY, ALONSO** Noi lo giuriamo.
- PERY** *(dal nascondiglio)*
Traditori!
- GONZALES** Cielo!
- (afferrando la carabina escono con veemenza dalla grotta)*
- Fummo scoperti!

GONZALES Hoje preciso de uma ajuda extrema.

RUY Fale...

GONZALES Vocês ouviram falar de uma rica mina de prata pura que um dia foi oferecida por Dias Roberto ao Rei Felipe?...

ALONSO Ouvimos.

RUY Mas ele levou seu mistério para a sepultura.

GONZALES Não, eu conheço aquele mistério...

RUY, ALONSO É verdade?

GONZALES E se o destino sorrir aos meus desejos... se vocês souberem despertar nos aventureiros uma total revolta... eu posso torná-los ricos...

ALONSO Disponha da gente. Juro por todos eles.

RUY, ALONSO A revolta está em suas mãos, esteja seguro.

(saindo)

GONZALES *(detendo-os)*
Há ainda um acordo: eu ardo de imenso amor pela gentil Cecilia e quero raptá-la do pai, do noivo, de todos... Vocês juram me ajudar?

RUY, ALONSO Nós juramos.

PERI *(do esconderijo)*
Traidores!

GONZALES Céus!

(agarrando a carabina, saem da gruta com veemência)

Fomos descobertos!

RUY, ALONSO Laggiù forse...

GONZALES Alcuno ci spiava...
s'insegua, e mano al ferro!

(Ruy e Alonso s'internano nel bosco e fuggono)

GONZALES Chi mai?...

PERY *(uscendo dal nascondiglio)*
Son io, che tutto intesi.

GONZALES Tu?...

(trae il pugnale, ma Pery gli si slancia addosso, gli afferra il braccio, gli toglie il pugnale e lo fa cadere in ginocchio)

PERY Serpe vil, che al tradimento
hai sì ben l'alma indurita,
va', t'invola sul momento,
risparmiar ti vo' la vita:
ma giurar mi pria tu devi
questi luoghi abandonar,
e la vita che ricevi
con l'inganno non pagar.

GONZALES Ah! che mai, che mai pretendi!...
crudo troppo è tal desio!...
lo partire!... e non comprendi
la mia pena, il dolor mio?...

PERY *(interrompendolo)*
No, la vita, o il giuramento
ch'io ti chiesi... scegli

GONZALES Ah! no!...

PERY Proferisci un solo accento
e perdono o morte io do.

GONZALES *(Fra sè)*
Giurar debbo, ma la fede
a costui non serberò;
la promessa ch'ei mi chiede
col pugnale infrangerò.

RUY, ALONSO Lá longe talvez...

GONZALES Alguém estava nos espiando...
Vamos segui-lo, e mão na espada!

(Ruy e Alonso entram no bosque e fogem)

GONZALES Quem será?...

PERI *(saindo do esconderijo)*
Sou eu, que ouvi tudo.

GONZALES Você?

(puxa o punhal, mas Peri salta sobre ele, agarra-lhe o braço, arranca-lhe o punhal e o força a ajoelhar-se)

PERI Serpente vil, que tem a alma
bem endurecida para a traição!
Vá, fuge imediatamente,
quero poupar-lhe a vida;
mas, primeiro, você deve me jurar
que vai abandonar estes lugares,
e que não pagará com enganos
a vida que está recebendo.

GONZALES Ah! O que você pretende!...
Este desejo é muito cruel!...
Eu, partir! E você não compreende
a minha pena, a minha dor?...

PERI *(interrompendo-o)*
Não! Ou a vida, ou o juramento
que te pedi... escolha.

GONZALES Ah! Não!...

PERI Diga uma só palavra
e eu lhe darei o perdão ou a morte.

GONZALES *(para si mesmo)*
Eu devo jurar, mas
não mantere a palavra;
romperei com o punhal
a promessa que ele me pede.

Alla man dell'empio fato
sol per poco io cederò,
più potente e inaspettato
sovra lui piombar saprò.

PERY *(Fra sè)*
Se t'insidia un traditore;
mia diletta, non tremar;
su te veglia un difensore,
che ogni rischio sa sfidar

(Forte)

Ti decidi alfin; paventa
del furor che m'infiammò...

GONZALES Partirò: la mia parola
sacro pegno io te ne do.

PERY Pago io sono; ma rammenta...

GONZALES Non temer, giurato io l'ho!...

PERY Parti, iniquo, va', t'invola...

(lo spinge fino al fondo, e quando è uscito esclama:)
Grazie, o ciel, salvata io l'ho!...

(esce rapidamente)

*(La caserma degli avventurieri. Camera di rozzo aspetto,
armi appese, giacigli, tavole e rozze panche, anfore di
vino e bicchieri. Ruy e Alonso entrano circondati
d'Avventurieri)*

ALONSO Udiste?

CORO Udimmo. E all'ardua
scoperta di miniere,
chi fora... parla, svelalo,
il nostro condottiere?...

ALONSO Gonzales...

CORO Desso!...

Cederei apenas um pouco
ao destino cruel,
e depois, mais potente e inesperado,
saberei cair sobre ele.

PERI *(para si mesmo)*
Se um traidor a ameaça,
não trema, minha querida.
Por você vela um defensor,
que desafia qualquer risco.

(forte)

Enfim, decida-se: tema
o furor que me inflama...

GONZALES Partirei:
minha palavra é sagrada promessa.

PERI Estou satisfeito; mas lembre-se...

GONZALES Não tema, eu jurei!

PERI Parta, malvado, vá, desapareça...

(empurra-o até o fundo e, quando sai, exclama:)
Agradeço aos céus, eu a salvei!...

(sai rapidamente)

*(O alojamento dos aventureiros. Sala de aspecto
rústico. Armas penduradas, catres, mesas e bancos
rústicos, ânforas de vinho e copos. Ruy e Alonso entram
rodeados por aventureiros.)*

ALONSO Vocês ouviram?

CORO Ouvimos. E no duro trabalho
de descobrir a mina,
quem seria... diga, revele-nos,
o nosso líder?

ALONSO Gonzales...

CORO Ele!...

ALONSO Impavido
disagi affronta e morte.

CORO E noi per dio imperterriti
dividerem sua sorte.

ALONSO Dunque la mano e l'opera
concordi a lui donate?

CORO È vano più ripetere;
su tutti noi contate.

RUY Compagni, vedrem sorgere.
forse l'età dell'oro.

CORO Un'alba così fulgida
festeggeremo in coro.

(radunandosi)

TUTTI L'oro è un ente sì giocondo
che fa bello tutto il mondo,
sempre nuovo, sempre antico,
esso è il primo nostro amico
quando in tasca meco resta
non pavento la tempesta,
ma se fugge un giorno solo,
vien la noia, vien il duolo.
Io per me scommetterei
che si stima anche laggiù;
io non so... ma in fin direi
che si spende ancor lassù.
I proverbi van dicendo,
vanno attorno diffondendo,
che il tesoro più sincero
è per noi l'amico vero;
io per me del paragone
non divido l'opinione,
ed ho fisso nel cervello
che val più di questo quello.
Io per me scommetterei
che si stima anche laggiù;
io non so... ma in fin direi
che si spende ancor lassù.

ALONSO Sem medo,
ele afronta adversidades e a morte.

CORO E nós, por Deus, valentes
dividiremos com ele sua sorte.

ALONSO Concordam então
em pôr mãos à obra?

CORO Não é preciso repetir mais;
contem com todos nós.

RUY Companheiros, talvez vejamos surgir
a idade do ouro!

CORO Um amanhecer tão fúlgido
festejaremos em coro.

(juntando-se)

TODOS O ouro é um ser tão alegre
que faz o mundo inteiro ficar belo,
sempre novo, sempre antigo,
é o nosso primeiro amigo.
Quando permanece no meu bolso
não temo a tempestade,
mas se ele foge só por um dia,
vem o tédio, vem a dor.
Eu, por mim, apostaria
que o estimam até lá embaixo;
Eu não sei..., mas enfim diria
que se gasta também lá em cima.
Dizem os provérbios,
vão difundindo por aí,
que o tesouro mais sincero
é, para nós, um amigo verdadeiro.
Eu não compartilho da opinião
dessa comparação.
E tenho, fixo no cérebro,
que este vale mais que aquele.
Eu, por mim, apostaria
que o estimam até lá embaixo;
Eu não sei..., mas enfim diria
que se gasta também lá em cima.

GONZALES *(comparisce in mezzo agli avventurieri co' la massima disinvoltura)*
Ebbene, miei fidi, quai novelle?

RUY, ALONSO, CORO Tutti siamo giurati a te.

ALONSO *(a parte a Gonzales)*
Ma l'incompreso
grido della foresta?

GONZALES *(dissimulando)*
Eh via! fu sogno d' accesa fantasia.
Ma orsù, conviene dar mano all'opra,
e pria che spunti il sole,
compier si dée l'impresa.
È d'uopo intanto don Antonio ingannar,
e con astuzia far credere dobbiam
che questa notte è notte di tripudio.

TUTTI Oh! ben tu pensi.

GONZALES Olà dunque, miei bravi!
Versate il Porto, e colmisi il bicchiere
infino all'orlo, perché lieto intanto
del venturiere la canzone io canto.

(gli versano da bere e lo circondano)

Senza tetto, senza cuna,
vita abbiamo nel gioir;
lieta o avversa la fortuna
non c'importa di morir.

TUTTI Chi ne impera sola ed una
è la donna del sospir.

GONZALES Si nel duol che nel diletto
non si teme il rio destin,
è la mira del moschetto
che ci guida nel cammin.

TUTTI Sovra il capo maledetto
non imbianca il nostro crin.

GONZALES Noi girovagli del mondo
percorremmo ogni sentier,

GONZALES *(aparece em meio aos aventureiros com a máxima desenvoltura)*
E aí, meus fiéis, quais são as novidades?

RUY, ALONSO, CORO Todos juramos acompanhá-lo.

ALONSO *(à parte, para Gonzales)*
E o grito não
identificado na floresta?

GONZALES *(dissimulando)*
Esqueça! Foi um sonho de intensa fantasia.
Mas vamos, convém pôr mãos à obra,
e, antes que desponte o Sol,
devemos completar a tarefa.
É preciso, nesse meio-tempo, enganar Don Antonio
e com astúcia devemos fazê-lo acreditar
que esta noite é noite de comemoração.

TODOS Oh! Pensou bem!

GONZALES Olá, portanto, meus bravos!
Sirvam o Vinho do Porto e que os copos se
encham até a borda, porque enquanto isso
eu, alegre, vou cantar a canção do aventureiro.

(servem-lhe a bebida e o circundam)

Sem teto, sem berço,
nossa vida é desfrutar;
feliz ou adversa seja a fortuna
não nos importamos em morrer.

TODOS A única que nos comanda
é a mulher que suspira.

GONZALES Seja na dor ou na alegria
não se teme o destino adverso.
É a mira do mosquete
que nos guia no caminho.

TODOS Em nossas cabeças malditas
a cabeleira não embranquece.

GONZALES Vagando pelo mundo
percorremos todos os caminhos,

ché geografo profondo
nella vita è il venturier.
(suona mezzanotte)

Or zitti all'opra
non un sospir,
perfin lo sguardo
ci può tradir,
quando il segnale
l'arme darà,

(mostra una pistola)

accorra ognuno
non un sospir,
perfin lo sguardo
ci può tradir.

TUTTI Tutti verremo, non paventar,
pronta è la destra come l'acciar.

(Tutti si ritirano in silenzio)

*(La camera di Cecilia. Alcova a destra con letto;
gran finestrone aperto; tavolino con lampada; altro
mobile presso la finestra, su cui una chitarra spagnola;
porta chiusa nel fondo; un raggio di luna inonda la
stanza e si riflette sull'alcova. Cecilia, sola, dirigendosi
alla finestra)*

CECILIA Oh! come è bello il ciel!...
Par che natura nell'ora del silenzio,
Arcanamente penetri dentro l'alma,
e favelli d'amor con mesta calma!

(guardando la chitarra)

Ed allora perché le tue canzoni,
istrumento gentil, più non commetti
all'aure innamorate?... or via, risorgi
dal polveroso oblio,
e fa' che amore, la natura e dio
t'inspirino un lamento,
che, gemendo, risponda al mio tormento!

*(prende la chitarra, e dopo
brevi arpeggi canta la seguente)*

pois, na vida, o aventureiro
é um profundo geógrafo.
(soa a meia-noite)

Agora, vamos silenciosos ao trabalho
nem mesmo um suspiro,
até o olhar nos
pode trair.
Quando as armas
derem o sinal,

(mostra uma pistola)

venham todos correndo
nem mesmo um suspiro,
até o olhar nos
pode trair.

TODOS Viremos todos, não tema,
a mão, como a espada, está pronta.

(todos se retiram em silêncio)

(Os aposentos de Cecília. À direita, dormitório com cama; um grande janelão aberto; mesinha com lâmpada; outro móvel perto da janela, sobre o qual uma guitarra espanhola; porta fechada no fundo; um raio de Lua inunda o quarto e se reflete no dormitório. Cecília, só, dirigindo-se à janela.)

CECILIA Oh, como o céu está bonito!...
Parece que a natureza, na hora do silêncio,
misteriosamente penetra dentro d'alma
e fala de amor com triste calma!

(olhando para a guitarra)

E então, instrumento gentil, por que
não mais oferece suas canções
às brisas enamoradas? Vamos, ressurgir
do empoeirado esquecimento,
e faça com que o amor, a natureza e Deus lhe
inspirem um lamento,
que, gemendo, responde ao meu tormento!

*(apanha a guitarra e, depois de
breves arpejos, canta o seguinte)*

C'era una volta un principe
mesto, pensoso e bello,
che era d'ognuno il palpito,
la gloria del castello...
Ma non voleva amar!
Forte, leal, sensibile,
parea qual fido amante;
avea negli occhi il fascino
e nel gentil sembiante...
Pur non voleva amar!
Ma un dì fanciulla povera
a lui passò d'appresso,
rimase muto, estatico...
e più non fu lo stesso...
Egli dovette amar!
Oh! Invan tentiam resistere
al palpito divino,
ché sull'eterne pagine
è scritto nel destino:
tutti dobbiamo amar!

(depone la chitarra)

Ma di riposo ho d'uopo;
e tu ne' sogni miei
riedi, o Pery: l'angelo mio tu sei!

(si ritira lentamente)

Oh! invan tentiam resistere
al palpito divino,
che sull'eterne pagine
è scritto nel destino:
tutti dobbiamo amar!

(entra nell'alcova)

*(Dopo lungo silenzio scorgesi Gonzales
che valica la finestra ed entra con precauzione)*

GONZALES Tutto è silenzio!... L'eco ha ripetuto
morendo il suon dell'ultime sue note.
Ma perché tremo?
è questo il gran momento
compendiator della mia vita!...
In breve il destin di me decider deve!...

Era uma vez um príncipe
triste, pensativo e belo,
pelo qual todos palpitavam,
a glória do castelo...
Mas não queria amar!
Forte, leal, sensível,
parecia um amante fiel;
trazia nos olhos um fascínio
como no gentil semblante...
E, no entanto, não queria amar!
Mas um dia uma donzela pobre
passou perto dele,
que ficou mudo, estático
e não foi mais o mesmo...
Ele tinha de amar!
Oh, em vão tentamos resistir
à divina palpação
que está escrita
nas eternas páginas do destino:
todos devemos amar!

(larga a guitarra)

Mas preciso repousar:
e você, em meus sonhos,
retorne, ó Peri: você é o meu anjo!

(retira-se lentamente)

Oh, em vão tentamos resistir
à divina palpação
que está escrita
nas eternas páginas do destino:
todos devemos amar!

(entra no dormitório)

*(Depois de um longo silêncio, distingue-se Gonzales,
que pula a janela e entra com precaução)*

GONZALES Tudo é silêncio!... O eco repetiu, morrendo,
o som de suas últimas notas.
Mas por que estou tremendo?
É este o grande momento
que resume a minha vida!...
Em breve o destino deve decidir sobre mim!...

*(prende il lume e solleva la cortina dell'alcova,
in cui vedesi Cecilia immersa nel sonno)*

Ve', quanto è bella!... or provo,
al mirarla, una gioia interminata!
Ed io sento che, amato da costei,
purificarmi ancor forse potrei...
Ma che dico? follie... vane illusioni!...
Ogni senso d'amor nel petto ascoso
devere starsi muto.
Gonzales all'infamia è ormai venduto!...

*(s'appressa a Cecilia e fa per afferrarla, ma questa si
risveglia di soprassalto e balza in piedi gettando un grido)*

CECILIA Ciel!... chi s'appressa!...

GONZALES Non temer, fanciulla,
qual ara sacra mi sarai.

CECILIA Ma come venisti in queste soglie
nel cuore della notte?

GONZALES Amor possente mi condusse.

CECILIA Che dici? Troppo impura
t'uscì dal labbro orribile parola.

GONZALES Amore il labbro non profana...

CECILIA Iniquo!

GONZALES Ascolta...

CECILIA Va', t'invola;
ogni tua voce suona a me funesta.
Vanne, insensato!

(va per chiamare)

GONZALES Per pietà, t'arresta!

(supplice)

Donna, tu forse l'unica
eri che il mio destino

(pega uma lâmpada e levanta a cortina do dormitório, no qual se vê Cecília imersa no sono)

Como é bela!... Provo,
ao olhar para ela, uma alegria interminável!
E sinto que, amado por ela,
poderia talvez ainda me purificar...
Mas que estou dizendo? Loucura... Ilusão vã!...
Qual sentimento amoroso escondido no peito
deve permanecer mudo.
Gonzales, neste ponto, vendeu-se à infâmia!

(aproxima-se de Cecília e vai agarrá-la, mas ela acorda sobressaltada e pula, em pé, gritando)

CECILIA Céus!... Quem está aí!

GONZALES Não tema, donzela,
você é para mim como um altar sacro.

CECILIA Mas como você veio até aqui
no coração da noite?

GONZALES Foi o amor poderoso que me trouxe.

CECILIA O que está dizendo? A horrível palavra
saiu muito impura de seus lábios.

GONZALES O amor não profana os lábios...

CECILIA Iníquo!

GONZALES Ouça-me...

CECILIA Vá, desapareça;
qualquer das suas palavras me soa funesta.
Vá, insensato!

(prepara-se para chamar)

GONZALES Por piedade, pare!

(suplicante)

Mulher, você talvez seja a única
que meu destino,

coll'amor tuo divino
potevi a me cangiar.
Oh, cedi! e se di sangue
questa mia man gronda,
sol tu puoi farla monda,
le macchie cancellar!

CECILIA *(con indignazione)*
E tu chi sei che ardisci,
audace avventuriero,
raccolto nel mistero
a me d'amor parlar?...
Oh! vanne, fuggi, involati,
io di spregiarti ho il dritto,
se pensi col delitto
la fede mia macchiar!...

(va verso la porta)

GONZALES Pietà, Cecilia!... ascoltami,
per te divampo...

CECILIA *(chiamando)*
Aita!

GONZALES Silenzio!...
o posso perderti, o donna!...

CECILIA No, la vita
potrai rapirmi, o barbaro,
l'onor giammai!... olà!

GONZALES Incauta!... e chi resistere
al mio voler potrà?
L'insano orgoglio tuo
fatale a te sarà!

CECILIA *(cadendo in ginocchio)*
Eterno iddio difendimi
da sì nefando amor.

GONZALES Non più!... l'impongo!... seguimi...

(per afferrarla)

CECILIA Invano!

com seu amor divino,
poderia me mudar.
Oh, ceda! E se desta mão
o sangue escorre,
só você pode limpá-la,
apagar as manchas!

CECILIA *(com indignação)*
E você, que é
um audaz aventureiro
imerso no mistério,
ousa falar-me de amor?
Oh! Vá, fuja, desapareça,
tenho o direito de desprezá-lo
se você pensa com delitos
macular a minha fé!...

(vai em direção à porta)

GONZALES Piedade, Cecilia!... Ouça-me,
você me incendeia...

CECILIA *(chamando)*
Ajuda!

GONZALES Silêncio!...
Ou posso causar a sua perdição, ó mulher!...

CECILIA Não, você pode tirar-me
a vida, ó bárbaro,
mas a honra jamais!... Olá!

GONZALES Incauta!... E quem poderá
resistir à minha vontade?
Meu orgulho insano
será fatal para você!

CECILIA *(ajoelhando-se)*
Eterno Deus, defende-me
de um tão nefando amor.

GONZALES Não mais!... Eu ordeno!... Siga-me...

(está por agarrá-la)

CECILIA Em vão!

(mentre Gonzales alza la destra per afferrarla, una freccia entra dalla finestra, e ferisce Gonzales alla mano)

GONZALES *(gettando un grido)*

Oh rio dolor!...
sono ferito!

(va alla finestra e scarica la pistola; grido d'allarmi interno)

CECILIA Oh giubilo!

(guardando la freccia)

La freccia di Pery.

GONZALES *(con intenzione)*

Ma non gioire, altri angeli
qui veglian su' tuo idi.

ALVARO *(accorrendo nel mezzo)*

Quali grida!... qual colpo!...

CECILIA *(slanciandosi nelle sue braccia)*

Io sono salva!

ALVARO *(snudando la spada)*

Tu qui, Gonzales!

(Gli Avventurieri entrano co' la spada alla mano preceduti da Ruy e Alonso)

GONZALES Miei fedeli!... sia

costei strappata alle sue braccia.

ALVARO *(proteggendo Cecilia col suo corpo)*

Indietro!...

ANTONIO *(slanciandosi nel mezzo)*

Indietro tutti! oppur la vostra spada
piantar dovrete nel mio sen!

(pausa, poi agli avventurieri)

Ma come?

(Pery apparisce alla finestra)

(enquanto Gonzales ergue a mão direita para segurá-la, uma flecha entra pela janela e fere a mão de Gonzales)

GONZALES *(dando um grito)*
Oh, que dor!...
Estou ferido!

(vai até a janela e descarrega a pistola; gritos de alarme interno)

CECILIA Que júbilo!

(olhando a flecha)

A flecha de Peri!

GONZALES *(com intenção)*
Mas não se alegre, outros anjos
estão velando aqui por você.

ALVARO *(entra correndo)*
Que gritos!... Um tiro!...

CECILIA *(atirando-se nos braços dele)*
Estou salva!

ALVARO *(desembainhando a espada)*
Você aqui, Gonzales!

(os aventureiros entram de espada na mão, precedidos por Ruy e Alonso)

GONZALES Meus fiéis!... Que
ela seja arrancada dos braços dele.

ALVARO *(protegendo Cecilia com o próprio corpo)*
Para trás!...

ANTONIO *(pulando no meio)*
Todos para trás! Ou então devem plantar
suas espadas em meu peito!

(pausa, e depois aos aventureiros)

Mas como?

(Peri aparece na janela)

ANTONIO In queste soglie? chi vi trasse? e quale
ragion possente?... su, parlate, il voglio!
Or qui fra voi un traditor si cela!

PERY *(nel mezzo)*
Se no 'l ravvisi... io te 'l dirò.

TUTTI *(meno glia vventurieri e Gonzales)*
Lo svela.

PERY Vedi quel volto livido
di rabbia e di terrore?...
ei china gli occhi... miralo,
è desso il traditore...
Un giorno amico ed ospite
la fede ti giurava,
poi la rivolta, il barbaro,
e l'onta seminava.
Tentò per sin tua figlia
col palpito aborrito...
ed io lo volli uccidere,
lo volli... e fu ferito!
Guardate tutti!... il sangue
gli stilla dalla mano.

(afferrandolo)

GONZALES *(confuso)*
Tu menti!...

TUTTI È ver!

PERY Nasconderlo a me tu cerchi invano!

ANTONIO Dio che intesi!... nel mio tetto
tale sfregio... tale insulto!
ma restar non puote inulto,
sangue e pianto costerà...
È dal cielo maledetto
chi tradisce l'amistà!

GONZALES *(Fra sè)*
L'indomato e cieco affetto
in me sorge più gigante;
il mio sdegno in tale istante
più ritegno ormai non ha.

ANTONIO Nestes recintos? Quem os trouxe? E qual a razão potente?... Vamos, falem, eu quero! Ou aqui entre vocês se esconde um traidor!

PERI *(no meio)*
Se o senhor não o reconhece... eu lhe direi!

TODOS *(menos os aventureiros e Gonzales)*
Revele!

PERI Vê aquele rosto lívido
de raiva e de terror?...
Ele abaixa os olhos... Olhe para ele,
é esse o traidor...
Aquele que um dia, amigo e hóspede, lhe jurou
sua fé,
e depois o bárbaro semeou a revolta
e a vergonha.
Tentou se aproveitar de sua filha
de forma horrível...
e eu quis matá-lo,
eu quis... e foi ferido!
Olhem todos! O sangue lhe
pinga da mão.

(agarrando-o)

GONZALES *(confuso)*
Você está mentindo!...

TODOS É verdade!

PERI Você procura esconder em vão!

ANTONIO Deus, o que estou ouvindo!... sob o meu teto
uma tal ofensa... um tal insulto!
Mas não pode ficar impune,
custará sangue e pranto...
É amaldiçoado pelo céu
quem atraiçoa a amizade!

GONZALES *(para si mesmo)*
O desejo indomável e cego
cresce em mim mais gigantesco;
o meu ódio neste instante
não tem mais freios.

Se il mio nome è maledetto
più tremendo diverrà.

CECILIA *(Fra sè)*
Ah! Perché, perché nel petto
freme l'anima agitata,
se un prodigio m'ha salvata
dalla tanta sua viltà?
È dal cielo maledetto
chi tradisce l'amistà!

PERY *(Fra sè)*
L'ira atroce che ho nel petto
fèa convulsa la mia mano;
ma non sempre sull'insano
la mia freccia fallirà...
ché da tutti è maledetto
chi tradisce l'amistà!

ALVARO *(Fra sè)*
L'ira ultrice ed il dispetto
fa di me truce governo;
s'ei cadesse nell'inferno,
l'odio mio lo colpirà...
È dal cielo maledetto
chi tradisce l'amistà!

RUY, ALONSO, CORO *(a Gonzales)*
Non temer, fin che protetto
sei dal forte avventuriero,
anche il tuo nemico altero
la cervice piegherà.
E fia scudo al maledetto
de' suoi fidi l'amistà!

CORO *(a don Antonio)*
Portoghese, nel tuo tetto
seminar l'infamia e l'onta;
ma de' tuoi la spada è pronta
che i ribaldi punirà.
È dal cielo maledetto
chi tradisce l'amistà!

*(Odesi un suono interno improvviso e
fragoroso d'istrumenti selvaggi. Tutti
rimangono interdetti ed atterriti)*

Se meu nome é maldito,
mais medonho se tornará.

CECILIA *(para si mesma)*
Ah! Por que freme em meu peito
a alma agitada,
se um prodígio me salvou
de tamanha vileza?
É amaldiçoado pelo céu
quem atraiçoa a amizade!

PERI *(para si mesmo)*
A ira atroz que tenho no peito
fez tremer a minnha mão;
mas nem sempre minha flecha
deixará de atingir o insano!
É amaldiçoado por todos
quem atraiçoa a amizade!

ALVARO *(para si mesmo)*
A ira vingativa e o desprezo
fazem com que eu mal me controle;
mesmo que ele caia no inferno,
meu ódio o atingirá...
É amaldiçoado pelo céu
quem atraiçoa a amizade!

RUY, ALONSO, CORO *(para Gonzales)*
Não tema! Enquanto você for protegido
pelo forte aventureiro,
mesmo o seu orgulhoso inimigo
baixará a cabeça.
Será escudo do amaldiçoado
a amizade de seus fiéis!

CORO *(para Don Antonio)*
Português, em sua casa
semearam infâmia e vergonha,
mas a espada dos seus está pronta
para punir os canalhas.
É amaldiçoado pelo céu
quem atraiçoa a amizade!

*(Ouve-se, internamente, um som inesperado e
fragoroso de instrumentos selvagens. Todos
ficam desorientados e aterrorizados)*

TUTTI Chi s'appressa? qual fragor!...

PEDRO *(entrando ansante, a don Antonio)*
L'indian fa siepe al tuo castello intorno.
Della donzella uccisa,
chiede col sangue vendicar lo scorno.

TUTTI In qual momento!

(movimento di terrore fra gli avventurieri)

GONZALES *(a tutti)*
E a che temer costoro,
se qui sono fra voi? diam tregua all'ire;
formino gli odii tutti un odio solo,
e sicuri saremo che l'empia guerra
ricaccerem sotterra!

TUTTI All'armi!... all'armi!... all'armi!...

GONZALES *(a parte agli avventurieri)*
Quandol'indian fia vinto, allor la nostra
impresa compiremo; io sol sospendo
e non rinunzio all'alto mio progetto.

ANTONIO Il nemico comun strugger dobbiamo;
voi lo giurate?...

TUTTI Sì, tutti il giuriamo.
Vile indiano, trema, trema!
Per te venne l'ora estrema!
Il tuo dardo senza punta
nella polvere striscerà.
Dell'eccidio l'ora è giunta,
guai chi sente la pietà!

DONNE All'ardita impresa assunta
fido ognuno resterà;
salve, o prodi, l'ora è giunta,
la vittoria in man vi sta!

*(Tutti si slanciano alla difesa
del castello brandendo le armi)*

TODOS Quem se aproxima? Que barulho!...

PEDRO *(entrando ofegante, para Don Antonio)*
Os indígenas estão cercando o castelo.
Querem, com sangue,
vingar a donzela morta.

TODOS Em que momento!

(movimento de terror entre os aventureiros)

GONZALES *(para todos)*
E por que temê-los
se eu estou aqui entre vocês? Vamos dar uma trégua à ira,
que os ódios formem um ódio único,
e estaremos seguros que soterraremos
esta impiedosa guerra!

TODOS Às armas!... Às armas!... Às armas!...

GONZALES *(à parte, para os aventureiros)*
Quando os indígenas forem vencidos, então terminaremos
nosso trabalho; eu só interrompo, mas não renuncio
ao meu grande projeto.

ANTONIO Devemos destruir o inimigo comum;
vocês juram?...

TODOS Sim, todos juramos.
Índigena vil, trema, trema!
A hora extrema chegou para você!
Seu dardo sem ponta se
arrastará na poeira.
Chegou a hora do extermínio,
pobre de quem sente piedade!

MULHERES À ousada empresa
todos permanecerão fiéis.
Salve, ó bravos, chegou a hora,
a vitória está em suas mãos!

*(todos se lançam à defesa
do castelo brandindo as armas)*





ATTO

TERZO

TERCEIRO

ATO

CANTO GUARANI Sepé Tiaraju pave'i re ojejuca yvypo rovai
nhande rekoa'i rupi ojejuca rire rei aema yvypo
rovai nhande rayu'i aguã jakuaa'i Sepé Tiaraju
nhandereko mobo'e, nhandereko mobo'e
Yva tegui nhandere oma'è maramo nhande mbaraete
nhandepy'a guaxu Sepé Tiaraju nhande re
oma'è, nhande re oma'è
Sepé Tiaraju nhande mbyte rupi oiko ramo pave'i
jajoguerovy'a jajoguerovy'a!!

(Il campo degli Aimorè, sul limitare di una foresta, ed a poca distanza dal castello, che si scorge nel fondo. Il campo ha l'aspetto animato; si riparano i guasti del giorno innanzi. Alcune Donne medicano i Feriti, fanno cotone, spremono frutti e versano da bere nel «coco» ai Guerrieri della tribù. Questi preparano ed aguzzano frecce, e provano i loro archi. A destra una specie di tenda del Cacico, composta di foglie di palma. Da alcune pietre presso la tenda sorge un fumo aromatico. I Fanciulli corrono da un lato all'altro, e prestano aiuto alle Donne. A sinistra presso un grand'albero sta Cecilia prigioniera; essa è velata, ed in doloroso atteggiamento. Alcuni Aimorè la custodiscono)

CORO D'AIMORÈ (I) Aspra, crudel, terribile
fu l'implacabil guerra.

CORO (II) Coperta di cadaveri
rosseggia ancor la terra.

CORO (I) Nell'aure ancor echeggiano
i nostri maracà.
Di questi dardi al sibilo
il sol s'oscurirà.

(le inubie e i maracà sono strumenti bellici in uso fra selvaggi, fatti generalmente col femore di qualche nemico vinto in battaglia; molti di essi hanno la forma semplicissima di un ramo d'albero qualunque)

CANTO GUARANI Sepé Tiaraju lutou até a morte por todos nós.
Lutou até o suspiro contra os braços para nos defender.
Por isso nunca desistimos de lutar pelos nossos
direitos, porque Sepé Tiaraju nos ensinou a lutar!
Nos ensinou a lutar!
Ele está no céu, mas sempre nos guia, nos dá força
e coragem nós temos a bravura e o espírito do Sepé
Tiaraju em nossos corações
Nós temos a mesma bravura e o espírito do Sepé
Tiaraju em nossos corações.
Sepé Tiaraju sempre está espiritualmente junto conosco,
por isso nos alegramos!
Por isso nos alegramos!

*(O acampamento dos Aimoré, à beira da floresta e a
pouca distância do castelo, que se nota ao fundo.
O acampamento tem um aspecto animado; consertam-se
os danos do dia anterior. Algumas mulheres medicam
os feridos, fazem ataduras, espremem frutas e dão de
beber dentro dos cocos aos guerreiros da tribo.
Estes preparam e afiam flechas, e experimentam seus
arcos. À direita, uma espécie de tenda do Cacique, feita
de folhas de palmeira. De algumas pedras próximas
à tenda se eleva uma fumaça aromática. Os meninos
correm de um lado para outro e ajudam as mulheres.
À esquerda, próximo a uma grande árvore, está Cecília,
prisioneira; usando um véu, e em dolorosa atitude.
Alguns Aimoré a vigiam.)*

CORO DOS AIMORÉ (I) Dura, cruel, terrível,
a guerra foi implacável.

CORO (II) Coberta de cadáveres,
a terra ainda se tingiu de vermelho.

CORO (I) Pelos ares, ainda ecoam
os nossos maracás.
O Sol se escurecerá ao sibilo
destes dardos.

*(As inúbias e os maracás são instrumentos bélicos usados
entre os selvagens, feitos geralmente com o fêmur de
qualquer inimigo vencido em batalha; muitos deles têm a
forma muito simples de um qualquer ramo de árvore.)*

CORO (I Y II) *(adunandosi)*

Ma per l'empio portoghese
più speranza omai non v'è:
tremi, tremi quel che offese
la tribù degli Aimorè.
Di costui cadrà atterrato,
sterminato
ogni servo ed ogni sgherro,
fuoco e ferro!...
Ferro e fuoco, lo giuriamo,
quelle torri struggerà;
fino il vino che mesciamo
diman sangue diverrà.
Di colui cadrà atterrato,
sterminato
ogni asilo ed ogni loco,
ferro e fuoco!...

(Si ode un suono rauco e rimbombante. Tutti ammutoliscono e si ritirano da un lato, lasciando in umile atteggiamento il passo dinanzi la tenda. Il Cacico della tribù si presenta sulla soglia della sua tenda. Ha il corpo coperto di due pelli di tapiro, che gli servono di manto. Un gran "cocar" di penne rosse gli cinge il capo; tiene una grossa clava che consegna tosto ad un vecchio Aimorè, e gli pende dal fianco una specie di buccina, formata da un femore umano. Il suo aspetto è maestoso e feroce ad un tempo)

CACICO *(dall'alto della sua tenda)*

Canto di guerra alla mia tenda intorno
e canto di vittoria,
che del nemico fiaccherà la boria!
Degli Aimorè nel campo
fulmine è l'odio, ed è vendetta un lampo.

(avanzandosi)

Dov'è la prigioniera,
la figlia dell'odiato portoghese?

CORO Vedila, è dessa!

CECILIA *(Fra sé)*

Qual momento!

CORO (I E II) *(reunindo-se)*
Mas para o iníquo português
não mais há esperança:
que estremeça, estremeça
quem ofendeu a tribo Aimoré.
Cada um de seus combatentes
cairá, prostrado,
exterminado,
fogo e ferro!...
Ferro e fogo, juramos,
destruirão aquelas torres;
até o vinho que servimos
amanhã se transformará em sangue.
Cairão prostrados,
exterminados
todos os seus refúgios e todos os seus lugares,
ferro e fogo!...

(Ouve-se um som rouco e retumbante. Todos emudecem e se afastam para o lado, deixando, em atitude humilde, livre a passagem em frente à tenda. O Cacique da tribo se apresenta na entrada da tenda. Tem o corpo coberto por duas peles de tapir que lhe servem de manto. Um grande cocar de penas vermelhas lhe cinge a cabeça. Segura uma pesada clava, que entrega a um velho Aimoré, e lhe pende da cintura uma espécie de buzina feita de um fêmur humano. Seu aspecto é majestoso e feroz ao mesmo tempo.)

CACIQUE *(do alto de sua tenda)*
Canto de guerra em torno de minha tenda,
e canto de vitória
que enfraquecerá a arrogância do inimigo!
No campo dos Aimoré
o ódio é um raio, e a vingança um relâmpago.

(avançando)

Onde está a prisioneira,
a filha do odiado português?

CORO Veja, é ela!

CECILIA *(para si mesma)*
Que momento!

CACICO *(sollevando il velo)*
Cielo!...che veggio io mai...
e quale prodigio di bellezza
la natura in lei trasfuse!...

CORO Ma la donna altera
stirpe è dei bianchi; cader deve!

(si avventano verso Cecilia alzando le clave)

CACICO *(frapponendosi con violenza)*
Indietro...
Guai a chi osasse sollevar la mano!...
strapparla al braccio mio,
non lo vorrebbe... no 'l saprebbe il dio!
(con dolcezza a Cecilia)

Giovinetta, nello sguardo
hai un ciel d'amore accolto;
nel tuo bianco e mesto volto
non traspare che virtù.
Che se a caso amica sorte
or ti trasse a me vicina,
schiava no, bensì regina
tu sarai della tribù.

CECILIA *(Fra sè)*
Oh! il pietoso sentimento
che in costui si generò,
di mio padre è un pio lamento
ch'entro il cor gli penetrò.

*(Un drappello d'Amorè conducono Pery prigioniero.
Uno di essi tiene nelle mani le armi di Pery, meno l'arco
che tiene appeso dietro le spalle)*

CACICO Qual rumore!

CORO S'appressa un prigioniero.

CACICO Un indiano!

CECILIA *(Fra sè)*
Pery!

PERY *(scorgendo Cecilia, fra sè)*
È salva... oh gioia!

CACIQUE *(erguendo o véu)*
Céus!... Que visão!
E qual prodígio de beleza lhe
deu a natureza!...

CORO Mas a mulher orgulhosa
é da estirpe dos brancos: deve tombar!

(avançam na direção de Cecília erguendo as claves)

CACIQUE *(opondo-se com violência)*
Para trás...
Azar de quem ousar erguer a mão!...
Nem nosso deus iria querer,
não saberia fazê-lo!
(com doçura, para Cecília)

Jovenzinha, em seu olhar
você acolhe um céu de amor;
no seu rosto, branco e triste,
transparece apenas virtude.
Já que por acaso o destino amigo
trouxe-a para perto de mim,
você não será escrava, mas
rainha da tribo.

CECILIA *(para si mesma)*
Oh! o sentimento piedoso
que nele nasceu
é o lamento pio de meu pai,
que penetrou em seu coração.

*(Uma tropa Aimoré conduz Peri prisioneiro.
Um deles tem nas mãos as armas de Peri,
menos o arco, que leva pendurado nas costas.)*

CACIQUE Que rumor!

CORO Aproxima-se um prisioneiro.

CACIQUE Um indígena!

CECILIA *(para si mesma)*
Peri!

PERI *(percebendo Cecília, diz para si mesmo)*
Está salva... Oh, que alegria!

CACICO Non m'inganno! costui mi sembra
il fido del l'odiato portoghese
o prodi,chi di voi ebbe il merto
di vincere la tigre del deserto?

CORO Niuno l'ebbe... ria fortuna
solo il trasse prigioniero,
ché l'impavido guerriero,
come un demone pugnò.
Ma lor quando la sua freccia,
come turbine di guerra
sibilava... ei cadde a terra;
fu il destin che lo domò.

CECILIA *(Fra sè)*
Generoso!

CACICO *(a Pery)*
Or bene, insano,
qual pensier, funesto arcano
verso noi ti sospingea?

PERY *(cupamente)*
Un'eterna unica idea!

CACICO La rivela, e ancor salvarti
potrai forse, o guarany!...

PERY Venni qui per trucidarti
ma la sorte mi tradi!

CACICO, CORO Sciagurato, e tu non sai
ch'or tu sfidi il punto estremo!

PERY Non mi cale!

CACICO E tu morrai.

PERY *(fieramente)*
Su, colpite... non vi temo.

*(gli Aimorè fanno per scagliarsi
su di lui, ma il Cacico si frappone)*

CACICO No, fermate!... consumato
non è pure il sacro rito;

CACIQUE Não me engano! Ele me parece
o amigo fiel do odiado português!
Ó bravos, quem entre vocês teve o mérito
de vencer o tigre do deserto?

CORO Nenhum de nós... sorte adversa
fez dele um prisioneiro,
já que o impávido guerreiro
lutou como um demônio.
Mas bem quando suas flechas
sibilavam qual torvelinho de guerra...
ele caiu por terra;
foi o destino que o derrotou.

CECILIA *(para si mesma)*
Generoso!

CACIQUE *(para Peri)*
Muito bem, insano,
que pensamento funesto, misterioso, o
trouxe até nós?

PERI *(sombrio)*
Uma eterna e única ideia!

CACIQUE Revele-a, e talvez você
ainda se salve, ó Guarani!...

PERI Vim aqui para matá-lo,
mas a sorte me traiu!

CACIQUE, CORO Desgraçado, e você não sabe
que seu desafio atingiu o ponto extremo!

PERI Não me arrependo!

CACIQUE E você morrerá!

PERI *(desafiadoramente)*
Vamos, pode me ferir... eu não o temo!

*(os Aimoré se preparam para lançar-se contra ele,
mas o Cacique se interpõe)*

CACIQUE Não, parem!... O sacro rito
ainda não foi consumado;

pria che l'empio sia svenato
esser deve appien compito,
poscia l'uomo maledetto
sarà pasto del banchetto
agli anzian della tribù!

CECILIA Non lo dir... cessa... non più!

CACICO *(a Cecilia)*
Ma dimmi... qual mestizia,
o donna, sì ti accora,
se il bacio tuo può rendergli
fin bella l'ultim'ora?
Se voglio io stesso eleggerti
a sposa della morte,
onde il rigor gli temperi
della fatal sua sorte?

PERY M'irridi pur... ma intrepido
tu mi vedrai morir.

CACICO Il so; d'amor nell'estasi,
morte sarà gioir.

CORO Non più; l'indugio tronchisi,
con essa ei dée morir!

CECILIA Pietà di lui!... deh!... salvalo,
o mi vedrai perir!

CACICO Orsù, tosto preparisi
pe 'l grande sacrificio;
e canti e ridde onorino
il nume a noi propizio...

(Cerimonia ballo. Pery è tratto presso l'albero e legato. Gli Indiani si dispongono intorno al campo. Nel fondo alcune Vecchie dipinte a liste nere e gialle preparano una gran bragia, lavano una pietra che deve servire di mensa, e un Indiano fa cenno a Pery che su quel palo fra poco sarà infitto il suo capo. Il Cacico sotto la sua tenda, appoggiato alla sua clava, fa un cenno alla più bella Indiana della tribù; questa china dolorosamente il capo; riceve da lui alcuni frutti, poi un vaso di vino che va ad offrire a Pery e che Pery ricusa. Riceve poscia una specie di spada d'osso, e gli offre anche questa, che

antes que o malvado seja morto,
o rito deve ser cumprido.
Depois, o homem maldito
será o alimento do banquete
dos anciãos da tribo!

CECILIA Não diga isso... pare... não mais!

CACIQUE *(para Cecilia)*
Mas me diga... porque, ó mulher, tal
tristeza a perturba,
se seu beijo pode fazer bela a
última hora dele?
Pois eu a escolhi como
a esposa da morte,
para que você alivie os rigores
da sua sorte fatal?

PERI Você zomba de mim... Mas me verá
morrer intrépido.

CACIQUE Eu sei; no êxtase do amor,
a morte será um deleite.

CORO Não mais; chega de atrasos,
ele deve morrer com ela!

CECILIA Tenha piedade dele... salve-o
ou me verá morrer!

CACIQUE Vamos, preparem-se
para o grande sacrifício,
e que cantos e danças honrem
a divindade que nos é propícia...

(Cerimônia dançante; Peri é levado até a árvore e amarrado. Os indígenas se colocam ao redor do campo. No fundo, algumas velhas pintadas com listras negras e amarelas preparam uma grande fogueira, lavam uma pedra que deve servir como mesa e um indígena faz um sinal a Peri que, naquela estaca, dentro em pouco, terá espetada sua cabeça. O Cacique, em sua tenda, apoiado em sua clava, faz um sinal para a mais bela indígena da tribo; ela inclina dolorosamente a cabeça; recebe dele algumas frutas, depois um copo de vinho que vai oferecer a Peri, e que Peri recusa. Recebe, depois, uma espécie de

Pery lascia tostocadere al suolo. In questo punto il Cacico conducendo Cecilia per la mano e seguito dalle quattro Guardie, scende dal trono e facendo un mezzo circo sul proscenio s'avvia verso il fondo del campo. Le inubie e i maracàri suonano con un gran frastuono, e i Guerrieri Aimorès filano dinanzi a Pery, sfidandolo per ischernò con gesto selvaggio. Il Cacico è portato in trionfo dai suoi in una specie di lettiga di forma assai bizzarra)

CORO Di timor sul volto altero
non un'ombra comparì:
lode eterna al pro' guerriero,
baldo onor del guarany.

CECILIA *(Fra sè)*
S'avvi un ente sì esecrato
delle colpe protettor,
maledico i numi, il fato
d'ogni mostro assai peggio

PERY *(Fra sè)*
Morirò... ma invendicato
il mio nome non sarà,
il mio sangue avvelenato
mille morti costerà!

CACICO *(dall'alto della sua tenda)*
Cessar le esequie. Tu, gentil reina...

(scendendo e avvicinandosi a Cecilia)

qual è tra noi costume,
concedi la suprema ora felice
d'un posseduto amor!

(con ironia)

Un tuo bacio e un amplesso
infondano al suo cor gioia si viva
che morir gli sia grato
nella dolcezza di sapersi amato.

(agli altri)

Or si ritragga ognuno...

espada feita de osso, que Peri deixa cair imediatamente no chão. Neste ponto, o Cacique, conduzindo Ceclia pela mão e seguido por quatro guardas, desce do trono e, fazendo meia-volta sobre o palco, se dirige para o fundo do campo. As inúbias e os maracás soam com grande rumor e os guerreiros Aimoré desfilam diante de Peri, desafiando-o com gestos selvagens por escárnio. O Cacique é carregado em triunfo pelos seus em uma espécie de liteira bizarra.)

CORO Sobre seu rosto altivo
não se vê nenhuma sombra de medo:
louvor eterno ao bravo guerreiro,
honra ousada dos Guarani.

CECILIA *(para si mesma)*
Se existe um ser tão execrado
que protege os culpados,
eu amaldiçoo os deuses, o destino que
é pior que o de qualquer monstro.

PERI *(para si mesmo)*
Morrerei... mas meu nome não ficará
sem vingança,
meu sangue envenenado
causará mil mortes!

CACIQUE *(do alto de sua tenda)*
Cessaram as exéquias. Você, rainha gentil...

(descendo e se aproximando de Cecilia)

como é costume entre nós,
conceda-lhe a suprema hora feliz
de um possuído amor!

(com ironia)

Que um beijo seu e um amplexo
infundam em seu coração uma alegria tão viva
que lhe seja grato morrer
na doçura de saber-se amado.

(para os outros)

Que todos se retirem...

(a Pery e Cecilia)

E mentre il passo estremo omai s'appresta,
veglieremo su voi dalla foresta.

*(dietro un cenno del Cacico tutti si
ritraggono, meno Cecilia e Pery)*

CECILIA *(slanciandosi a lui)*
Ebben, che fu del caro padre?

PERY Desso è già salvo, ti calma.

CECILIA Oh! gioia!... cento grazie ti rendo...
ed or fuggi, se il puoi.

PERY Giammai! il fato mio
qui m'incatena; rimaner degg'io!

CECILIA Deh! non sprezzar sì altiero
la sorte che t'aspetta;
l'atroce lor vendetta
si sfreneria su te...

PERY I giorni miei non curo;
che importa il viver mio?
Né uomini, né dio
saranno inciampo a me!
Figlio quale son io
della foresta... non pavento il fato!

CECILIA Ma tu vaneggi!

PERY Se ti sembro insano
a' miei disegni t'oppor resti in vano.

CECILIA Se m'ami, deh! sì fiero
non favellarmi, o mio fedel, te n' prego,
ché se il destin severo
mi negasse salvarti in tal momento,
di duolo morirei, in cor lo sento!

(pausa)

PERY Perché di meste lagrime
vai tu bagnando il ciglio?

(para Peri e Cecília)

E, enquanto o passo extremo se aproxima,
velaremos por vocês lá da floresta.

*(a um sinal do Cacique, saem todos,
menos Cecília e Peri)*

CECILIA *(correndo para ele)*
E então, o que aconteceu com meu querido pai?

PERI Ele já está a salvo, acalme-se.

CECILIA Oh, alegria!... cem vezes obrigado...
E agora fuja, se puder.

PERI Jamais! Meu destino me
prende aqui; devo ficar!

CECILIA Não despreze por orgulho
a sorte que o espera;
a atroz vingança deles
se precipitará sobre você...

PERI Não ligo para os meus dias.
Que importa o meu viver?
Nem homens nem deuses
serão um obstáculo para mim!
Filho como eu sou
da floresta... não temo o destino!

CECILIA Mas você está divagando!

PERI Mesmo que eu lhe pareça insano,
é vão opor-se aos meus planos.

CECILIA Se você me ama, então não fale comigo
de forma tão terrível, meu fiel, eu lhe peço,
se o destino severo me nega
salvá-lo em tal momento,
morrerei de dor, sinto em meu coração!

(pausa)

PERI Por que você banha os cílios
com tristes lágrimas?

Vicino a te bell'angelo,
non so temer periglio:
sul fato mio non piangere,
deh! frena i tuoi sospir;
lasciami, o dio, deh lasciami
al fianco tuo morir!

CECILIA Che dici?... Ah! Non ripetere
questa fatal parola!
Salvar ti vo'; quest'ultima
speranza mi consola;
col sangue mio dei barbari
si placherà il furor;
io resto qui, tu involati,
t'affido il genitor.

PERY (*cupo*)
Con la mia morte io salvo
il genitore e te.

CECILIA Strano mistero è questo,
deh! lo palesa a me!...

PERY Ma non anco comprendesti
qual de' tuoi saria lo scempio?

CECILIA Ciel!... che parli!... che dicesti?

PERY Che a me solo qui s'aspetta
di punire e strugger l'empio.

CECILIA Oh! Pery, non proseguire,
deh! ti serba all'amor mio.

PERY Taci...

CECILIA Io t'amo!...

PERY Ah! no, non dirlo;
giunse l'ora di morir!

CORO (*interno*)
Morte!... morte!... il traditore
dal Cacico fu dannato,
sia trafitto, sia sbranato
dagli anzian della tribù.

Perto de você, anjo belo,
não temo nenhum perigo.
Não chore pelo meu destino,
detenha seus suspiros.
Deixa-me, ó Deus, deixa-me
morrer ao seu lado!

CECILIA Que disse?... Ah! Não repita
essas palavras fatais!
Quero salvá-lo; esta última
esperança me consola;
meu sangue aplacará
o furor dos bárbaros;
eu permaneço aqui, você se vai rapidamente,
confio meu pai a você.

PERI (*sombrio*)
Com minha morte, salvarei
seu pai e você.

CECILIA Este é um estranho mistério,
revele-o a mim!...

PERI Mas você ainda não compreendeu
que isso seria o massacre de todos os seus?

CECILIA Céus! O que foi que você disse?

PERI Que compete somente a mim
punir e destruir os malvados.

CECILIA Ó Peri, não prossiga.
Guarde-se para o meu amor.

PERI Cale-se...

CECILIA Eu amo você!...

PERI Ah, não diga isso,
chegou a hora de morrer!

CORO (*interno*)
Morte!... morte!... O traidor
foi condenado pelo Cacique.
Seja atingido, esquartejado
pelos anciãos da tribo.

CECILIA Oh, le tigri! sei perduto,
più salvarti non potrò!
Che mai festi?

PERY Qui temuto gli assassini attenderò!

*(trangugiando, non visto da Cecilia, un veleno
rinchiuso in un grano di cocco, che tiene
appeso al collo)*

Tutto è finito! oh, mio
dolce sogno d'amor!...
Franger mi sento il cor!
Cecilia, addio!

(esaltandosi)

Oh, mia capanna! Oh fertili
valli paterne, addio...
deh! raccogliete l'ultimo
sospir del labbro mio!
E poi che sento spegnersi
la vita dentro il cor.
L'arco temuto infrangesi
perfin del genitor.

(bacia il suo arco e lo spezza)

CECILIA *(Fra sè)*
Oh!ciel, pietà deh! prendati
di quel sì fido cor!

CORO *(interno)*
Sia trafitto, sia sbranato
dagli anzian della tribù.

CECILIA Oh! cielo, che vedi
quest'ora funesta,
l'orrenda tempesta
sol puoi diradar.
L'affanno che l'alma
già tutta m'assale
coll'ansia mortale
mi lacera il cor.

CECILIA Oh, os tigres! Você está perdido,
não posso mais salvá-lo!
Que foi que você fez?

PERI Aqui, temido, esperarei os assassinos!

*(engolindo rapidamente, sem que Cecília veja,
um veneno contido numa casca de coco que
tem pendurada no pescoço)*

Tudo terminado! Ó meu
doce sonho de amor!...
Sinto que meu coração se despedaça!
Cecília, adeus!

(exaltado)

Ó minha cabana! Ó férteis
vales paternos, adeus...
Recolham os últimos suspiros
dos meus lábios!
Já sinto que se apaga
a vida dentro do coração.
E que também se quebre o temido
arco de meu pai.

(beija seu arco e o despedaça)

CECILIA *(para si mesma)*
Ó céu, tenha piedade
daquele coração tão fiel!

CORO *(interno)*
Seja atingido, esquarterado
pelos anciãos da tribo.

CECILIA Ó céu, que contempla
este funesto momento,
só você pode amainar
a horrenda tempestade.
O sofrimento que me assalta
a alma inteira
com ânsia mortal
dilacera meu coração.

PERY Un nume m'ispira,
mi rende più forte,
ho in petto la morte,
ma non so tremar.
Di fronte la vedo,
la guardo, la sfido,
e tutto derido
col forte mio cor!

CACICO Fine all'ira... or si compia il sacro rito.

*(il Coro fa atto di alzar le armi
su Pery, mail Cacico li trattiene)*

Sol per mia mano ei dée restar colpito,
ma pria prostrati al suolo
il dio degli Aimorè tutti imploriamo,
e la vittima a lui pregando offriamo.

*(tutti meno il Cacico, Cecilia e Pery,
s'inginocchiano. Levando al cielo le mani)*

O dio degli Aimorè,
a noi ti volgi or tu;
tutta si prostra a te
la tua fedel tribù.

CORO O dio degli Aimorè,
a noi ti volgi or tu;
tutta si prostra a te
la tua fedel tribù.

CACICO Dal trono tuo discendi,
nume del ciel possente,
che pari al sol risplendi
sulla fedel tua gente.
Scendi e le piante scuotansi,
tremi commosso il suol,
l'onda s'arresti e il fulmine
rattenga a mezzo il vol.
Di questo breve amor,
il fuoco struggitor...

CORO Offriamo a te!...

PERI Um deus me inspira, me
torna mais forte,
trago a morte no peito,
mas não sei tremer.
Eu a vejo de frente, a
olho, a desafio
e zombo de tudo
com meu coração forte!

CACIQUE Que a ira termine... que se cumpra o sacro rito.

*(o coro ameaça erguer suas armas contra Peri,
mas o Cacique o detém)*

Apenas a minha mão deve golpeá-lo,
mas, antes, todos se prostrem,
imploremos todos ao deus dos Aimoré
e, rezando, ofereçamos a vítima a ele.

*(Todos, menos o Cacique, Cecilia e Peri, se ajoelham.
Erguem as mãos ao céu)*

Ó deus dos Aimoré,
olhe agora para nós;
a sua fiel tribo
prostra-se inteira diante de você.

CORO Ó deus dos Aimoré,
olhe agora para nós;
a sua fiel tribo
prostra-se inteira diante de você.

CACIQUE Desça do seu trono,
deus potente do céu
que resplende como o Sol
sobre seu povo fiel.
Desça enquanto as plantas se agitam
e o chão agitado treme,
a onda se detém e o raio
interrompe seu voo.
Deste breve amor
o fogo destruidor...

CORO Ofertamos a você!...

CACICO Il sangue del guerrier
caduto prigionier...

CORO Offriamo a te!...

CACICO L'estremo suo desir,
l'estremo suo sospir...

CORO Offriamo a te!...

CACICO, CORO *(alzandosi)*
O dio degli Aiorè,
il giusto tuo furor
placato sarà;
sull'ara sacra a te
il vile, il traditor
spento cadrà.

PERY *(fra sè)*
Il mio destin non temo
per lei, per lei sol fremo...
ma invano... ahimè!...

CECILIA *(fra sè)*
Gran dio del ciel, che adoro,
speme ed aita imploro
solo da te!

CORO Ei pera alfin...

PERY *(con disprezzo)*
Colpite...

(si ode di dentro una scarica di vari colpi di fucile)

CACICO Che fia?...

CORO Sorpresi siamo...

*(si ritraggono tutti sulla sinistra
aggrappandosi dietro il Cacico)*

CECILIA, PERY *(rifugiandosi dal lato destro)*
Oh! dolce speme!...

CORO *(con urlo selvaggio)*
All'armi!... all'armi!...

- CACIQUE** O sangue do guerreiro
que caiu prisioneiro...
- CORO** Ofertamos a você!...
- CACIQUE** Seu extremo desejo,
seu extremo suspiro...
- CORO** Ofertamos a você!...
- CACIQUE, CORO** *(erguendo-se)*
Ó deus dos Aimoré,
seu justo furor
será aplacado;
sobre o altar a você consagrado
o vil traidor
cairá morto.
- PERI** *(para si mesmo)*
Não temo meu destino
por ela, só por ela eu me agito...
mas em vão... ai de mim!...
- CECILIA** *(para si mesma)*
Grande Deus do céu, que adoro,
só a você imploro
esperança e ajuda!
- CORO** Que ele finalmente morra...
- PERI** *(com desprezo)*
Golpeiem...
- (ouve-se de dentro uma descarga de vários tiros de fuzil)*
- CACIQUE** Que se passa?...
- CORO** Fomos apanhados de surpresa...
- (recuam todos para a esquerda e se reagrupam atrás do Cacique)*
- CECILIA, PERI** *(refugiando-se do lado direito)*
Oh, doce esperança!...
- CORO** *(com grito selvagem)*
Às armas!... às armas!...

*(Don Antonio seguito da un drappello di Portoghesi
apparisce in fondo sul praticabile; gli Aimorè fanno una
scarica di frecce, i Portoghesi un'altra di fucili, il Cacico
vacilla e cade sorretto dai suoi che lo conducono via)*

CECILIA *(slanciandosi fra le braccia di don Antonio)*
Ah! padre!...
Salva per te son io!...

ANTONIO No: t'ha salvata iddio.

*(i portoghesi parte inseguo nogl'indiani,
parte restano sulla scena)*

(Don Antonio, seguido por uma tropa de portugueses, aparece no fundo sobre o praticável; os Aimoré atacam com flechas, os portugueses com fuzis. O Cacique vacila e cai, carregado pelos seus, que o levam embora.)

CECILIA *(atirando-se nos braços de Don Antonio)*
Ah! Pai!...
Fui salva por você!...

ANTONIO Não, foi Deus quem a salvou.

(parte dos portugueses persegue os indígenas, parte fica no palco)





ATTO

QUARTO

QUARTO

ATO

(I sotterranei del castello. Rischiarati da una face confitta in un pilastro. Una porta nel fondo con una scala, che conduce agli appartamenti. Una rozza porta a destra, che comunica con gli altri sotterranei. Una piccola porta a sinistra. Da un lato vari barili di polvere accatastati)

CORO Né torna ancora?...

ALONSO Attendere non vi sia grave;
ei solo salvar ci può dal barbaro
fato che a noi sovrasta.

CORO Purch'egli in tempo giunge reposita...

RUY Fia presto al volo
più che una freccia o un'aquila;
lo conoscete e basta.

ALONSO Dal vecchio idalgo intanto
nulla temer dobbiamo;
pochi a lui fidi restano,
e contro lor noi siamo.

CORO A morte ei ci dannava...

GONZALES *(presentandosi sulla porta di mezzo)*
Ed ei morir dovrà!

TUTTI Gonzales...

GONZALES Io che nunzio
vi son di libertà.

(volgendosi ad Alonso)

Quai nuove hai tu?...

ALONSO Trafitto Alvaro cadde...

GONZALES Il so...

ALONSO Nuovo tentar conflitto
l'idalgo omai non può.

GONZALES Sta ben; Cecilia?...

(Os subterrâneos do castelo. Iluminados por uma tocha encaixada numa pilastra. Uma porta no fundo com uma escada, que se comunica com outros subterrâneos. Uma pequena porta à esquerda. De um lado, vários barris de pólvora amontoados.)

CORO Ainda não voltou?...

ALONSO Esperar não é tão grave;
somente ele pode nos salvar
do bárbaro destino que nos ameaça.

CORO Desde que ele chegue a tempo...

RUY Ele está em condições de voar
mais que uma flecha ou uma águia;
vocês o conhecem e basta.

ALONSO Enquanto isso, nada devemos temer
do velho fidalgo;
restam a ele poucos homens fiéis
e nós somos contra eles.

CORO Ele nos condenou à morte...

GONZALES *(surgindo na porta do meio)*
E ele deve morrer!

TODOS Gonzales...

GONZALES Eu que sou o mensageiro
da liberdade de vocês.

(dirigindo-se a Alonso)

Que novidades você traz?

ALONSO Alvaro caiu ferido...

GONZALES Eu sei...

ALONSO Agora o fidalgo
não pode tentar um novo conflito.

GONZALES Está bem. E Cecília?

ALONSO Incolume qui tratta fu...

GONZALES E Pery?

ALONSO Il tutelar suo demone
a morte lo rapì.

GONZALES Sì, ma per poco!... al piede mio
l'infame cader dovrà...

(volgendosi agli avventurieri che lo circondano)

M'udite or tutti; desto
dallo stupor d'un impensato assalto
sorge più fiero l'indiano e giura
in suo furor, pei numi suoi vendetta;
a voi tutti rapita ogni speranza
saria, se a patti col nemico or ora io venuto non fossi.

TUTTI E che mai vuole?

GONZALES Che le porte gli s'aprano,
e vivo o morto in suo poter sia tratto
il signor del castello...

TUTTI *(mormorando fra loro)*
Opra infame c'impone...

GONZALES E che?... Esitate?... Preferite or dunque

(con eloquente intenzione)

per l'idalgo morir, che,
se distrutto fosse il nemico,
i vostri capi alla scure dannerebbe?...

TUTTI *(dopo breve esitanza)*
Teco legati siamo in una sorte istessa:
imponi; obbediremo.

GONZALES Unica e sola io vò salvar Cecilia;
all'amor mio
quella diletta conservar vogl'io.
In quest'ora suprema più forte
nel mio pettol'amor si ridesta;
i perigli disprezzo e la morte

ALONSO Foi trazida para cá ileso...

GONZALES E Peri?

ALONSO Seu demônio tutelar o
protegeu da morte.

GONZALES Sim, mas por pouco!... O infame
deverá tombar a meus pés...

(dirigindo-se aos aventureiros que o circundam)

Agora, ouçam-me todos: despertando
do estupor causado por um assalto inesperado,
os indígenas se levantam ainda mais ferozes e juram,
por seus deuses, vingança;
e vocês já poderiam perder toda a esperança se eu
agora mesmo não tivesse feito um pacto com o inimigo.

TODOS E o que eles querem?

GONZALES Que as portas lhes sejam abertas
e lhes seja levado, vivo ou morto,
o senhor do castelo...

TODOS *(murmurando entre eles)*
Uma tarefa infame se faz necessária...

GONZALES Quê? Vocês hesitam? Preferem então

(com eloquente intenção)

morrer pelo fidalgo, que,
se conseguisse destruir o inimigo,
condenaria suas cabeças ao machado?

TODOS *(após uma breve hesitação)*
Estamos unidos a você por uma sorte comum:
imponha; obedeceremos.

GONZALES A única que quero salvar é Cecilia;
quero conservar aquela querida
para o meu amor.
Nesta hora suprema, o amor desperta
ainda mais forte em meu peito;
desprezo os perigos e a morte

per quel fiore gentil di beltà.
Se la sorte a me un giorno funesta
l'ha rapita all'ardente desio,
né l'inferno, né il mondo, né dio
dal mio seno strapparla potrà.

RUY, ALONSO *(al coro)*

Ad armarci corriam, si ridesti il furor...
non ci freni pietà... non ci arresti il timor...

GONZALES Sull'iniquo Pery cada il colpo primier,
ch'io lo veggia al mio piè moribondo cader...
Sul tiranno oppressor che a morir ci dannò,
l'onta atroce a punir io con voi piomberò.

TUTTI Sì, l'idalgo oppressor da noi vinto cadrà,
e l'oltraggio crudel vendicato sarà.

GONZALES Io di coraggio darò l'esempio,
voi mi seguite...

TUTTI Noi tutti ti seguiamo...

GONZALES Morte all'idalgo

TUTTI Sì, morte all'empio...

(si avventano verso l'uscio di mezzo)

*(Don Antonio si presenta con
Pedro sulla porta a destra)*

ANTONIO No, traditori... la codarda trama
m'è nota, ed in mia man tutti vi tengo.

(a Pedro, che eseguisce)

Quest'uscio chiudi e qui mi lascia:
io solo basto a punir costoro.

PERY *(entrando per la porta di mezzo)*
Signor...

ANTONIO Pery!... scampato
dal veleno sei tu?...

por aquela flor gentil de beleza.
Se a sorte que um dia me foi funesta
roubou-a de meu ardente desejo,
nem o inferno, nem o mundo, nem Deus
arrancá-la poderá do meu peito.

RUY, ALONSO *(para o coro)*
Corramos a nos armar, que o furor desperte...
não nos detenha a piedade.... não nos pare o temor...

GONZALES Que o primeiro golpe caia sobre o iníquo Peri,
que eu o veja cair moribundo aos meus pés...
Com vocês, para punir a atroz vergonha, me atirarei
sobre o tirano opressor que nos condenou à morte.

TODOS Sim, o fidalgo opressor cairá, vencido por nós,
e o cruel ultraje será vingado.

GONZALES Eu darei o corajoso exemplo,
sigam-me vocês...

TODOS Nós todos o seguiremos...

GONZALES Morte ao fidalgo.

TODOS Sim, morte ao malvado...

(dirigem-se à saída do meio)

*(Don Antonio aparece com Pedro
pela porta da direita)*

ANTONIO Não, traidores... sei da trama covarde,
e tenho todos vocês na minha mão.

(para Pedro, que executa)

Feche esta saída e me deixe aqui:
basta apenas eu para puni-los.

PERI *(entrando pela porta do meio)*
Senhor...

ANTONIO Peri!... Você sobreviveu
ao veneno?...

- PERY** La mia signora di vivere m'impose
e volai nella selva e a prodigiose erbe,
la cui virtude è a me sol nota,
chiesi e ottenni la vita.
- ANTONIO** Fuggior dunque, se il puoi...
- PERY** Fuggir?
- ANTONIO** Fra poco fia distrutto il castello;
ai tuoi ritorna
e vivi, o amico, e si i felice;
a noi speranza altra non resta
che una morte onorata...
- PERY** E il braccio mio.
- ANTONIO** Che parli?...
- PERY** Uno di voi salvar poss'io...
Sul cupo torrente che cinge il castello
quest'uscio conduce.
- ANTONIO** Lo so; ma che intendi?
- PERY** Varcare l'abisso...
- ANTONIO** Tu invano il pretendi...
- PERY** Un nume m'ispira; varcar lo potrò.
- ANTONIO** Ma come?...
- PERY** Una trave gettare ho potuto
da questa alla sponda contraria...
- ANTONIO** E tu vuoi?
- PERY** Sul mobile ponte
con uno di voi fuggire...
- ANTONIO** Impossibile!...
- PERY** *(risoluto)*
Ad altri, a me no.

PERI Minha senhora impôs que eu vivesse.
Fui voando para a selva
e às prodigiosas ervas, cujas virtudes
somente eu conheço, pedi e obtive a vida.

ANTONIO Fuja então, se puder...

PERI Fugir?

ANTONIO Dentro em pouco, o castelo será destruído.
Retorne à sua gente
e viva, ó amigo, e seja feliz;
nenhuma esperança nos resta
a não ser uma morte honrada...

PERI E os meus braços.

ANTONIO Que você está dizendo? ...

PERI Posso salvar um de vocês...
Esta saída conduz à escura
torrente que circunda o castelo.

ANTONIO Eu sei, mas o que você pretende?

PERI Atravessar o abismo...

ANTONIO É uma expectativa em vão...

PERI Um deus me inspira, poderei atravessar.

ANTONIO Mas como? ...

PERI Consegui lançar um tronco
desta margem até a margem contrária...

ANTONIO E você quer?

PERI Fugir com um de vocês
pela ponte móvel...

ANTONIO Impossível!...

PERI *(resoluto)*
Para os outros, mas não para mim.

ANTONIO Va dunque... addio... fuggi.

PERY Signore...

ANTONIO Che chiedi?

PERY Un'ultima grazia...

ANTONIO Favella

PERY Concedi ch'io salvi Cecilia...

ANTONIO *(con subita gioia)*

Ah! cielo!...

PERY Per essa lo scampo ho cercato
non certo per me;
morra' se tal grazia mi neghi.

ANTONIO Concessa non fora dal padre
ad altri che a te...

Ma il ciel lo vieta; agl'idoli
culto tu presti e onore,
a un dio verace ed unico
è sacro il nostro core.

PERY Che intendo?... e tale ostacolo
sol si frappone?...
il dio, che da Cecilia adorasi,
adorerò pur io!...

ANTONIO Il ver favelli?...

PERY Gl'idoli dei Guarany rinnego;
alla tua fede iniziarmi,
prostrato al suol te n' prego.

(s'inginocchia)

ANTONIO *(levando gli occhi al cielo e quasi ispirato)*

Gran dio, che tutto regoli,
che tutto intendi e vedi,
la grazia tua benefica
a quest'eroe concedi.

(ponendo le mani sul capo di Pery)

ANTONIO Vá então... adeus... fuja!

PERI Senhor...

ANTONIO Que você quer?

PERI Uma última graça...

ANTONIO Fale!

PERI Permita que eu salve Cecília...

ANTONIO *(com súbita alegria)*

Ah! Céus!...

PERI Foi por ela que procurei este meio de escapar,
não para mim;
se o senhor me negar essa graça ela morrerá.

ANTONIO Eu não confiaria em outra pessoa
que não fosse você...
Mas o céu o proíbe:
você cultua e honra os ídolos,
e o nosso coração
é consagrado ao Deus verdadeiro e único.

PERI Que ouço? Esse é o único obstáculo
que se interpõe entre nós?
Eu também adorarei
o Deus adorado por Cecília!...

ANTONIO Você está dizendo a verdade?...

PERI Renego os ídolos dos Guarani.
Inicie-me na tua fé,
eu lhe imploro prostrado.

(ajoelha-se)

ANTONIO *(erguendo os olhos ao céu e quase inspirado)*
Grande Deus, que tudo comanda,
que tudo ouve e vê,
conceda sua graça benéfica
a este herói.

(pondo as mãos na cabeça de Peri)

Qui per santa triade
io cristian t'appello;
è questo il tuo battesimo,
o prode mio fratello.

*(traendo la spada e presentando
a Pery l'elsa in forma di croce)*

Su questa croce or giurami
serbarti fido ognor
al dio che in te rigenera
con la sua fede il cor.

PERY Su questa croce io giuro
serbarmi fido ognor
al dio che in me rigenera
con la sua fede il cor.

CANTO GUARANI Nhande mbaraete ´i katu
Pavê ´i jupivegua ´i
Nhamonhendu ´i katu
Mborai javy ´a awã
Javy ´a awã.

(si alza)

CECILIA *(accorrendo frettolosa e agitata)*
Padre...

ANTONIO Mia figlia...

CECILIA All'ultima ora siam giunti...

ANTONIO Iddio salva ti vuol...

CECILIA Fra gli angeli
sarò tra poco anch'io.
Degli Aimorè s'appressano
le turbe irate e rugge
del traditor la rabbia
che tutto avvampa e strugge.

ANTONIO No, m'odi,
un raggio splendere
vide Pery di fede;
degli avi nostri all'unico
nume ei si prostra e crede.

Aqui, pela Santíssima Trindade,
eu o chamo de cristão;
este é o seu batismo,
ó meu bravo irmão.

*(tirando a espada e apresentando a
Peri a empunhadura em forma de cruz)*

Sobre esta cruz agora jure-me
manter-se sempre fiel
ao Deus que em você
regenera com sua fé o coração.

PERI Sobre esta cruz eu juro
manter-me sempre fiel
ao Deus que me regenera
com sua fé o coração.

CANTO GUARANI **Vamos, sim, nos fortalecer
Todos juntos.
Vamos, sim, cantar nossos cantos
E ser felizes.**

(levanta-se)

CECILIA *(aproximando-se apressada e agitada)*
Pai...

ANTONIO Minha filha...

CECILIA Chegamos ao último momento...

ANTONIO Deus quer que você se salve...

CECILIA Dentro em pouco
eu também estarei entre os anjos.
A turba irada dos Aimoré se aproxima rugindo,
a raiva dos traidores
tudo incendeia e destrói.

ANTONIO Não, escute-me,
Peri viu resplandecer
um raio de fé;
diante do único Deus
dos nossos antepassados
ele se prostra e acredita.

CECILIA Fia vero?...

ANTONIO A lui, Cecilia, io ti confido.

CECILIA E vuoi?

ANTONIO Ch'ei ti conduca in braccio
ai miei congiunti e tuoi

CECILIA Che sento?... ed io dividermi
da te dovrei?... no, mai!...
con te giurai di vivere,
con te morir giurai.
Non è, non è possibile
che al fianco tuo mi tolga;
la stessa tomba accolga
la figlia e il genitor.

ANTONIO No, mia diletta; toglerti
voglio al supplizio estremo,
e poi sfidare impavido
il mio destin supremo.

(supplichevole)

Vivi e la mia memoria
conserva ognor nel petto,
del tuo filiale affetto
mai non si spenga il fior.

PERY Deh! Mia signora, arrenditi
al genitore, a dio;
vieni, mi segui, involati,
torna al tuo suol natio.
Schiavo fedele ed umile
ognor m'avrai, te 'l giuro;
rigenerato e puro
io ti consacro il cor.

GONZALES, CORO *(di dentro a destra più vicino)*
Sia dischiuso il varco alfine,
sia bandito ogni timor...

AIMORÈ *(di dentro dal fondo più vicino)*
Omai più non ha confine
di noi liberi il furor!

CECILIA É verdade?

ANTONIO A ele, Cecília, eu confio você!

CECILIA E você quer?

ANTONIO Que ele a leve em seus braços
até os nossos parentes.

CECILIA Que estou ouvindo?... E eu devo me separar
do senhor?... Não, jamais!...
Jurei viver com o senhor,
com o senhor jurei morrer.
Não, não é possível
que o senhor me afaste do seu lado;
a mesma tumba acolha
a filha e o pai.

ANTONIO Não, minha querida; quero poupá-la
do suplício extremo,
e depois desafiar, impávido,
o meu destino supremo.

(suplicante)

Viva e conserve sempre no peito
a minha memória.
Que a flor do seu
afeto filial jamais morra.

PERI Minha senhora, renda-se
ao pai, a Deus;
venha, siga-me, esconda-se,
volte ao seu solo natal.
Serei sempre seu escravo fiel e humilde,
eu lhe juro.
Regenerado e puro,
eu lhe consagro o coração.

GONZALES, CORO *(de dentro, à direita, mais próximo)*
Seja finalmente aberta a passagem,
expulsemos qualquer temor...

AIMORÉ *(de dentro, do fundo, mais próximo)*
Já não mais há limites
para liberar nosso furor!

ANTONIO Ecol'ora del cimento!...

PERY *(con impeto d'ira)*
Né schiacciarli or può il mio piè...

ANTONIO *(a Cecilia)*
Fuggi... fuggi...

CECILIA *(abbracciando teneramente il padre)*
In tal momento non mi separo da te.

ANTONIO Pe 'l tuo dio, pe 'l nostro affetto
io te n' prego...

PERY *(a Cecilia)*
Vieni...

CECILIA *(come sopra)*
Ah! No.
Qui la morte io teco aspetto,
al tuo fianco io qui cadrò.

ANTONIO *(divincolandosi dalle braccia di
Cecilia, dice a Pery in tono solenne)*
Di strapparla dal mio seno io t'impongo...

PERY *(eseguisce)*
Andiam...

CECILIA Gran dio, tu m'assisti!...
in me vien meno ogni forza!...

(vacilla)

ANTONIO *(la bacia amorosamente, poi la depone
fra le braccia di Pery, dicendogli)*
Fuggi...

PERY Addio!...

*(sostenendo Cecilia svenuta la
conduce verso l'uscio a sinistra)*

GONZALES *(atterrando la porta a destra ed irrompendo sulla
scena nel momento che Pery e Cecilia fuggono)*
Ferma, olà...

ANTONIO Chegou a hora do desafio!...

PERI *(com ímpeto irado)*
E não posso esmagá-los com meus pés...

ANTONIO *(para Cecilia)*
Fuja... fuja...

CECILIA *(abraçando ternamente o pai)*
Num tal momento, eu não me separarei do senhor.

ANTONIO Pelo seu Deus, por nosso afeto
eu lhe imploro...

PERI *(para Cecilia)*
Venha...

CECILIA *(como acima)*
Ah! Não.
Esperarei a morte aqui consigo,
cairei aqui ao seu lado.

ANTONIO *(desvinculando-se dos braços de
Cecilia, diz a Peri em tom solene)*
Eu ordeno que você a arranque de meu peito...

PERI *(executa)*
Vamos...

CECILIA Grande Deus, ajude-me!...
Faltam-me as forças!...

(vacila)

ANTONIO *(a beija amorosamente, depois a
coloca entre os braços de Peri, dizendo-lhe)*
Fuja...

PERI Adeus!...

*(carregando Cecilia desmaiada,
ele a conduz em direção à saída, à esquerda)*

GONZALES *(derrubando a porta da direita e irrompendo em cena
no momento em que Peri e Cecilia fogem)*
Parem!

ANTONIO *(ponendosi avanti l'uscio a sinistra)*
No: è tardi!...

GONZALES Oh rabbia!...
Costui muoia...

ANTONIO *(avvicinandosi al pilastro, su cui è la face)*
Un sol di voi non uscirà di qui;
morrò, ma meco tutti morir dovete!

TUTTI Che!... come?...

ANTONIO Or lo vedrete.

(Stacca dal pilastro la fiaccola, l'avvicina ai barili di polvere, si ode un'orribile detonazione e la scena intera precipita)

(Si vede da lungi il campo degli Aimorè e sopra una collina Cecilia, che alla catastrofe del castello cade in ginocchio sorretta da Pery, che le addita il cielo)

ANTONIO *(colocando-se diante da saída à esquerda)*
Não! É tarde!...

GONZALES Que raiva!...
Você morrerá...

ANTONIO *(aproximando-se da pilastra na qual está a tocha)*
Nenhum de vocês sairá daqui;
morrerei, mas todos vocês morrerão comigo!

TODOS Como?...

ANTONIO Vocês já verão!

(Tira a tocha da pilastra, aproxima-a dos barris de pólvora, ouve-se uma horrível detonação e todo o cenário desaba.)

(Vê-se ao longe o acampamento dos Aimoré e, sobre uma colina, Cecília, que, com a catástrofe do castelo, cai de joelhos amparada por Peri, que lhe aponta o céu.)













CRÉDITOS

ANDREA CARUSO SATURNINO

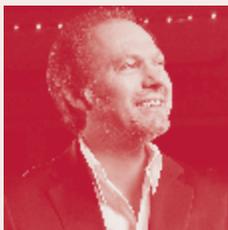
superintendente geral
do Complexo Theatro
Municipal de São Paulo



Andrea Caruso Saturnino é formada em letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em artes cênicas pela Sorbonne Nouvelle (Paris) e doutora em artes cênicas pela Universidade de São Paulo (USP). É gestora, diretora e curadora artística, fundadora da plataforma e do festival Brasil Cena Aberta e da produtora Performas, responsável por apresentar grandes nomes das artes cênicas internacionais no Brasil e por criar projetos expositivos e multidisciplinares. Desenvolve pesquisa no campo das artes cênicas contemporâneas, é autora de diversos artigos e do livro *Ligeiro Deslocamento do Real – Experiência, Dispositivo e Utopia em Cena*, Edições Sesc. Nomeada Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres pelo Ministério da Cultura da França em 2024, é membro da International Society for the Performing Arts (ISPA) e vice-presidente do Conselho Diretor da Ópera Latinoamericana (OLA).

ROBERTO MINCZUK

direção musical
e regência



Roberto Minczuk fez sua estreia como solista no Theatro Municipal de São Paulo quando tinha apenas 10 anos, como trompista. Aos 13 anos, foi escolhido por Isaac Karabtchevsky como primeira trompa da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) e, depois disso, mudou-se para Nova York e se formou na Juilliard School of Music. Como solista, debutou no Carnegie Hall aos 17 anos. Aos 20, tornou-se membro da Orquestra Gewandhaus de Leipzig, na Alemanha. Como maestro, fez sua estreia internacional à frente da Filarmônica de Nova York, na qual, mais tarde, foi regente associado. Desde então, já regeu mais de cem orquestras internacionais. Foi diretor artístico do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, diretor artístico adjunto da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), diretor artístico do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e maestro titular da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto, sendo o primeiro artista a receber o Prêmio ConcertArte, de Ribeirão Preto. Venceu o Grammy Latino e foi indicado ao Grammy Americano com o álbum *Jobim Sinfônico*. Hoje, é maestro titular da Orquestra Sinfônica Municipal, maestro emérito da Orquestra Sinfônica Brasileira, da qual foi regente titular de 2005 a 2015, e maestro emérito da Orquestra Filarmônica de Calgary, no Canadá. Em 2019, completou 25 anos de carreira.

AILTON KRENAK
concepção geral



Ativista indígena dos direitos humanos e autor de livros, textos e artigos publicados em coletâneas no Brasil e no exterior, Ailton nasceu no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, pertencente à etnia Krenak. Em 2020, recebeu da União Brasileira de Escritores o Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano. É coordenador interinstitucional da iniciativa Rede Digital de Monitoramento Ambiental da Rede Povos da Floresta. Atua como coordenador da Aliança dos Povos da Floresta ou Rede Povos da Floresta, movimento que reuniu povos indígenas e seringueiros, em especial Chico Mendes, em torno da proposta da criação das reservas extrativistas, visando à proteção da floresta e das populações que nela habitam.

CIBELE FORJAZ
direção cênica



Diretora e iluminadora teatral. Pesquisadora e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas e docente do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Em 40 anos de profissão, Cibele participou de três coletivos de teatro: A Barca de Dionísios (1985-1991); Teatro Oficina Uzyna Uzona (1992-2002) e Cia.Livre, da qual é diretora artística desde 1999. Dirigiu mais de 50 espetáculos, entre eles: *A Paixão Segundo GH*, *Woyzeck*; *Toda Nudez Será Castigada*, *Um Bonde Chamado Desejo*, *Arena Conta Danton*, *Rainha [(S)]*, *O Idiota – Uma Novela Teatral*, *Galileu Galilei* e *Na Selva das Cidades*. Desde 2006, trabalha na fronteira entre a antropologia e o teatro. Alguns espetáculos realizados sobre o tema: *Vem Vai – O Caminho dos Mortos*, recriação de narrativas dos povos Araweté, Kalapalo, Kaxinawá, Marubo e Wayâpi; *Raptada pelo Raio*, livre recriação do mito Kaná Kawá do povo Marubo, e *Xapiri Xapiripê*. Em 2018, realizou pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), quando fez uma travessia de um ano pelo Rio Xingu, da foz às cabeceiras, com estudo de campo entre os povos Araweté, Juruna, Mebêngôkre Kayapó, Kamayurá e Yudjá. Em 2019, como resultado da pesquisa de campo, fez uma orientação de direção para o espetáculo *Altamira 2042* e dirigiu *Os Um e Os Outros*, livre recriação de *Os Horácios* e *Os Curiácios*, de Brecht, sobre a luta de resistência dos povos indígenas no Brasil. Entre os prêmios que conquistou estão APCA (1989, 1998 e 2010), Mambembe (1996), Qualidade Brasil (2002 e 2015), Shell (2004 e 2007) e Prêmio Governador do Estado (2015).

**HERNÁN SÁNCHEZ
ARTEAGA**

regente titular do
Coro Lírico Municipal



O maestro argentino Hernán Sánchez Arteaga formou-se no Conservatório Alberto Ginastera de Morón, onde realizou sua preparação em canto, guitarra e direção coral, tendo como mentores Roberto Saccente, Antonio Russo, Werner Pfaff e Néstor Zádoff. Estudou canto no Instituto Superior de Arte do Teatro Colón. Como tenor, integrou os coros estáveis do Teatro Argentino de La Plata, do Coro Nacional de Jovens e do Teatro Colón. Foi convocado em diversas ocasiões como preparador de ópera para a Juventus Lyrica, além de dirigir os coros nas produções de *A Flauta Mágica*, *Medeia*, *Orfeu*, *Os Contos de Hoffmann*, *O Barbeiro de Sevilha* e *Lucia di Lammermoor*. Como maestro de orquestra, dirigiu para a Juventus Lyrica as óperas *Carmen*, *O Barbeiro de Sevilha*, *A Flauta Mágica*, *Lucia di Lammermoor*, *Norma* e *O Morcego*. Desde 2014, está à frente do Coro Estável do Teatro Argentino de La Plata, com o qual prepara diversas obras do repertório operístico, sinfônico e a cappella. Foi convidado pelo Palácio das Artes de Belo Horizonte em 2019, 2020 e 2022, em diferentes ocasiões, para reger o Coral Lírico de Minas Gerais e a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais. Em 2023, foi nomeado regente titular do Coral Lírico de Minas Gerais.

EQUIPE CRIATIVA

DENILSON BANIWA

codireção artística
e cenografia



Indígena do povo Baniwa, Denilson é natural de Barcelos, no interior do Amazonas, e radicado em Niterói, no Rio de Janeiro. Atua como artista e curador. É um dos fundadores da Rádio Yandê, primeira web rádio indígena do Brasil. Como curador, esteve à frente de mostras como *Terra Brasilis: o Agro Não É Pop!* (2018), na Galeria de Arte da Universidade Federal Fluminense, em Niterói, e *Nakoada: Estratégias para a Arte Moderna*, no MAM-Rio. Como artista visual, já recebeu vários prêmios, realizou diversas residências e expôs em instituições como o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Centro Cultural São Paulo (CCSP), Centro de Artes Hélio Oiticica, Museu Afro Brasil, Masp, MAR, Bienal de Sidney e Getty Research Institute, em Los Angeles. Na Pinacoteca de São Paulo, no âmbito da exposição *Véxoa: Nós Sabemos* (2020), Denilson foi responsável pela obra *Nada que É Dourado Permanece 1: Hilo*, que consistia na plantação e cultivo de um jardim em parte do estacionamento do museu. Esse trabalho se desdobra na presente ocupação do Octógono da Pina Luz.

SIMONE MINA

codireção artística,
cenografia e figurino



Diretora de arte, cenógrafa e estilista, Simone Mina é cenógrafa e figurinista formada pelo Espaço Cenográfico, de J.C. Serroni, em 1998. Desde 2000, é professora-pesquisadora da área de arte, cultura e moda da Faculdade Santa Marcelina, São Paulo, onde coordena o bacharelado em moda. É mestre em educação, arte e história da cultura pela Universidade Mackenzie, em 2017. Ao longo de sua trajetória, atua como parceira de artistas, diretoras e diretores, no sentido de pensar a cenografia como dramaturgia expandida. A pesquisa aprofundada e parcerias profícuas investem em retirar o protagonismo de uma única ideia em função de uma obra nascente e coletiva. No teatro, atua na Cia.Livre desde 1999, companhia fundada ao lado de Cibele Forjaz e outros artistas nesse mesmo ano. Desde então, colabora com inúmeros artistas e companhias pelo Brasil. Em 2007, passou a integrar a Cia Teatral Ueinzz. Participa da 8ª, 9ª e 15ª Quadrienal de Cenografia, Figurino e Arquitetura Cênica da República Checa, em Praga, representando o Brasil, com sua produção, ao lado de outros cenógrafos e artistas.

ALINE SANTINI

design de luz



Graduada em artes visuais e pós-graduada em lighting design pela Faculdade Belas Artes em 2016, Aline Santini estudou com o fotógrafo Carlos Moreira e foi assistente do iluminador Wagner Pinto e de Gerald Thomas. Trabalha com iluminação há 21 anos e realizou trabalhos com grandes diretores, companhias, artistas de teatro, dança, performance e artes visuais em São Paulo. Também executa projetos de iluminação para exposições. Atua como performer, cria instalações visuais e faz direção cênica de espetáculos das artes do palco. Foi indicada quatro vezes ao Prêmio Shell na categoria Iluminação e vencedora do Prêmio Denílto Gomes, em 2017, com a luz do espetáculo de dança *SHINE*. Também recebeu duas indicações ao Prêmio APCA de dança. Em 2019, foi uma das artistas selecionadas para representar o Brasil na Quadrienal de Praga. Ministra oficinas de iluminação cênica em oficinas culturais, Sesc e SP Escola de Teatro. Participou de festivais nacionais e internacionais de teatro e dança na Alemanha, Croácia, Argentina, Bolívia, Irlanda, França e em Portugal.

VIC VON POSER

design de vídeo



Bacharel em comunicação e multimeios pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2011), mestre em educação, arte e história cultural pela Universidade Mackenzie em São Paulo (2017) e mestre em arts digitais pela Camberwell College of Arts de Londres, Reino Unido (2018), Vic von Poser é artista multimídia, pesquisadora, filmmaker e professora, investigando a imagem e a luz entre processos analógicos e digitais. Seu interesse gira em torno de temas como tempo, memória, relações e, em especial, as narrativas e os rituais pessoais. A utilização do elemento água é recorrente em seu trabalho, apresentando características de criação, transformação e dissolução. Em 2018, recebeu o Liberalis Art Award e foi finalista do prêmio internacional Aspen Online Art Award. Em 2021, conquistou o Prêmio APCA de Captação e Edição de Vídeo pelo espetáculo *SCinestesia*, da Companhia de Danças de Diadema. Atualmente, atua como filmmaker e editora freelancer em diferentes projetos, além de estar à frente da produtora audiovisual Taurina Filmes. Trabalha também com video mapping, assinando a videografia e consultoria técnica de vídeo em diversos grupos teatrais como o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e Teatro da Vertigem, além de bandas como Zélia Duncan, Teatro Mágico e Samba de Dandara. Em 2023, assinou os vídeos projetados da premiada ópera *O Guarani* no Theatro Municipal de São Paulo.

LUA GABANINI
coreografias



Lua Gabanini é atriz-MC, performer, DJ, diretora, coreógrafa, professora e pesquisadora das artes do corpo. É doutora pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), mestre em artes também pela ECA-USP, com especialização em direção teatral (*lato sensu*) na Escola Superior de Artes Célia Helena, e graduada em artes visuais, pintura, gravura e escultura pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo. É membro-fundadora do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, companhia que pesquisa a junção do Teatro Épico com a cultura hip-hop, linguagem intitulada Teatro Hip-Hop. Tem experiências diversas na área do corpo, trabalhando como preparadora corporal, coreógrafa e diretora de movimento. Além de estar em processo contínuo dentro da sua companhia, atualmente é uma performer atuante na cidade de São Paulo e professora de estudos e práticas corporais na Escola Superior de Artes Célia Helena.

LIGIANA COSTA
dramaturgismo



Graduada em canto lírico pela Universidade de Brasília (UnB), Ligiana Costa fez especialidade em canto barroco no Conservatório Real de Haia (Holanda), mestrado em filologia musical na Faculdade de Musicologia de Cremona (Itália) e doutorado em musicologia na Universidade de Tours (França) e na Universidade de Milão com tese sobre ópera barroca italiana. Publicou livros de musicologia pela Editora da Unesp. Em 2017, terminou um pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP), tendo o resultado desta pesquisa sido lançado pela Edusp e agraciado com o Prêmio Flaiano (Itália) em 2018. Ligiana é colaboradora da Rádio Cultura FM e criou o podcast do Theatro Municipal de São Paulo com o qual recebeu o Prêmio Profissionais da Música de Melhor Apresentadora de Podcast de 2021. Trabalha atualmente na função de dramaturgista com encenadores, Festival Amazonas de Ópera, Theatro Municipal de São Paulo e Companhia Estable, da Colômbia. Também cantora e compositora, o mais recente trabalho de Ligiana é *Sá, um Oratório para a Terra*.

ANA VANESSA
assistente de direção



Ana Vanessa é graduada em artes cênicas, direção teatral, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 2011 e 2012, pela Cia Lírica, dirigiu as óperas *Faust*, *La Bohème*, *Il Tabarro* e *Gianni Schicchi*, no Theatro Municipal de Niterói e no Centro Cultural da Justiça Federal. Em 2013, fez assistência de direção de palco na ópera *Billy Budd* no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. De 2014 a 2017, foi assistente de direção no Theatro Municipal de São Paulo nas óperas *Il Trovatore*, *Falstaff*, *Carmen*, *Salomé*, *Cavalleria Rusticana*, *Tosca*, *Otello*, *Um Homem Só/Ainadamar*, *Eugene Onegin*, *Thaïs*, *Manon Lescault*, *Lohengrin*, *La Bohème*, *Lady Macbeth do Distrito de Mtsensk*, *Electra* e *Fosca*. Como produtora, de 2017 a 2019 realizou as óperas *Pescadores de Pérolas*, *Pelléas et Mélisande*, *Turandot*, *O Barbeiro de Sevilha*, *Il Matrimonio Segreto*, *Alcina* e *Katia Kabanova*. Em 2019, fez direção de cena da ópera *Madama Butterfly* nos teatros municipais de Botucatu e Lençóis Paulista. Em 2022, realizou assistência de direção de cena na ópera *Aleijadinho*, em Belo Horizonte e Ouro Preto, e direção de palco para o Festival de Ópera de Ouro Preto nas óperas *A Flauta Mágica*, *O Basculho de Chaminé* e *O Caixeiro da Taverna*.

SOLISTAS

DAVID VERA POPYGUA JU

Peri Eté
(todas as datas)



David Vera Popygua Ju, 36 anos, pertencente ao povo Guarani Mbya, nasceu na Terra Indígena do Jaraguá em São Paulo, em 1987. Ativista indígena, professor, liderança tradicional, ator e palestrante. Atualmente, é aluno da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), na primeira turma da Licenciatura Intercultural Indígena (Lindi) do estado de São Paulo. É professor de saberes tradicionais, desde 2008, na Escola Estadual Indígena Djekupe Amba Arandy na TI Jaraguá. No Território do Jaraguá existem oito aldeias Tekoa. Foi cacique em duas delas: Tekoa Itakupe e Tekoa Ytu. Atualmente, busca estar junto dos líderes espirituais para se fortalecer espiritualmente e aprender o saber Guarani Arandu. Seu objetivo é passar sua cultura para os filhos e os mais jovens da comunidade. Essa missão de busca por conhecimento e sabedoria é um grande estudo. Ele compara essa caminhada à jornada de um estudante e pesquisador acadêmico que sempre procura a graduação para avançar mais no conhecimento. Estuda seu povo e a sua espiritualidade Guarani Mbya, que o orienta nessa jornada.

ZAHÏ TENTEHAR

Onça Pajé
(todos as datas)



Zahy Tentehar é uma artista multidisciplinar e vem entrelaçando diálogos inovadores entre suas múltiplas linguagens, questionando ao longo de suas criações o comportamento da humanidade e suas intervenções socioculturais na contemporaneidade. Nascida na reserva indígena Cana Brava, no Maranhão, a artista tem como primeira língua, originária do seu povo, o ze'eng eté (fala boa ou fala verdadeira).

ARAJU ARA POTY

Onça Corifeia
(todas as datas)



Araju Ara Poty, do povo Guarani Mbya, é mãe de quatro crianças e cacique da aldeia Tekoa Ytu, no território indígena do Pico do Jaraguá. Ela é uma palestrante com 14 anos de experiência, artesã talentosa e participante ativa na cena artística local, envolvendo-se tanto no teatro como no coral de sua aldeia. Faz parte do Conselho Indígena Aty Mirim do Museu das Culturas Indígenas e tem participação na área de curadoria do museu. Além disso, Ara é jogadora de futebol no time feminino Xondaria Guarani traduzindo o espírito guerreiro das Guerreiras Guarani.

ENRIQUE BRAVO

Peri
(dias 15, 18, 21 e 25)



Enrique Bravo é natural de Santiago do Chile e vive no Brasil desde 1978. Em 2023, estreou no Theatro Municipal de São Paulo como Peri na ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes, e debutou como Dick Johnson na ópera *La Fanciulla del West*, de Puccini, com sucesso de público e crítica. Estreou recentemente no Teatro Guaíra de Curitiba cantando a *Nona Sinfonia* de Beethoven e no Teatro Vermelhos, no concerto de Gala de Fim de Ano de 2022, ao lado da soprano Camilla Titingier. Anteriormente, interpretou Raul na ópera *Joanna de Flandres*, de Carlos Gomes, com a Orquestra Sinfônica de Campinas, e foi solista convidado do Festival de Inverno de Campos do Jordão no concerto de gala da Orquestra Sinfônica do Teatro São Pedro de São Paulo. Iniciou sua carreira em São Paulo interpretando papéis como Dom José, da ópera *Carmen*, Camille de Rossillon, de *A Viúva Alegre*, e Tebaldo de *I Capuleti e I Montecchi*. Em 2000, foi convidado pelo maestro Luiz Fernando Malheiro para participar do IV Festival Amazonas de Ópera, transferindo-se definitivamente para Manaus onde participa intensamente de concertos e grandes espetáculos ao ar livre e recitais. Trabalhou sob a direção musical de nomes como Luiz Fernando Malheiro, Roberto Minczuk, Roberto Tibiriçá e Amos Talmon, e com renomados diretores de cena como Emilio Sagi, Jorge Takla e Carla Camurati.

MARCELLO VANNUCCI

Peri

(dias 16, 19 e 24)



Natural da cidade de São Paulo, Marcello Vannucci iniciou no canto por influência de seu pai, um grande tenor. Desde sua estreia na ópera *Nabucco*, é reconhecido como um dos grandes tenores brasileiros. Em sua trajetória, já dividiu o palco com renomados artistas e maestros brasileiros e estrangeiros, como a soprano Kiri Te Kanawa, Juan Pons, Sumi Jo, Nicola Martinucci e maestro Lorin Maazel. Recebeu o Prêmio Carlos Gomes de Melhor Cantor Lírico do País e o Prêmio Francisco Vinãs na Espanha. Cantou em países como Itália, Espanha, Finlândia e Colômbia. Em seu repertório, já protagonizou mais de 30 títulos entre as principais óperas: *Aida*, *Turandot*, *Tosca*, *Madama Butterfly*, *Lucia de Larmmemoor*, *Rigoletto*, *Cavalleria Rusticana*, *Ariadne auf Naxos*, *Andrea Chénier* e *Samson et Dalila*. Sempre aclamado pelo público e pela crítica especializada, Marcello Vannucci tem em seu repertório partes solistas de obras sinfônicas como *Missa in Tempore Belli*, de Haydn, *Requiem*, de Verdi, e *Nona Sinfonia*, de Beethoven. Apresenta-se nos principais palcos do Brasil, como Theatro Municipal de São Paulo, Palácio das Artes de Belo Horizonte, Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Teatro Amazonas, Teatro da Paz em Belém, Pedro II e Teatro Nacional Claudio.

LAURA PISANI

Ceci

(dias 15, 18, 21 e 25)



Laura Pisani formou-se no curso de canto do Instituto Superior de Arte do Teatro Colón. Conquistou o primeiro prêmio na Bienal Juvenil Shell – Festivais Musicais 2013/2014, o Prix Spécial Voix Féminine no Concours International de Belcanto Vincenzo Bellini, 2018, França, e o Prêmio Estimulo 2019 da Associação de Críticos de Música da Argentina. No Theatro Municipal de São Paulo interpretou *Carmina Burana* e o *Magnificat* de J. S. Bach (2019), e também a ópera *Piedade* (2018). Nos Estados Unidos, fez a Rainha da Noite para a Florentine Opera Company of Milwaukee (2018), papel que cantou também no Teatro del Bicentenario de San Juan, Argentina (2019), e novamente em 2022, desta vez no Teatro Colón, com produção da Komische Oper Berlin. Na Holanda, interpretou Dircê em *Medea* (Cherubini, 2014), em digressão por vários teatros, entre os quais se destaca o Teatro Real de Haia. No Teatro Colón, fez parte das produções de *Aufstieg und Fall der Stadt Mahagonny* (2017), *Der Rosenkavalier* (2017), *Rusalka* (2017), *Piedade* (2017/2018), *Ariadne auf Naxos* (2019), *Le Bal* (2019) e *La Finta Giardiniera* (2021). Em 2022, apresentou-se como solista em *Sommernachtstraum*, de Felix Mendelssohn, com a Orquestra Filarmônica de Buenos Aires, no Teatro Colón.

**MARIA CARLA
PINO CURY**

Ceci
(dias 16, 19 e 24)



A soprano brasilo-chilena Maria Carla Pino, natural da Paraíba, obteve seu diploma de bacharel e mestre em canto na Hochschule für Musik Basel, na Suíça, onde estudou sob a orientação de Marcel Boone, Rosa Domingues e Margreet Honig, e tem despontado como um dos grandes nomes do canto de sua geração. Em sua jovem carreira, atuou em alguns dos mais importantes palcos da Europa e acumula diversos prêmios em competições internacionais. Maria Carla foi laureada por dois anos consecutivos com a premiação máxima da Swiss Talent Migros Kultur, e conquistou o primeiro lugar e o prêmio do público na competição Basler Förderpreis Stiftung BOG. Foi também finalista na Competição de Canto da Ópera de Paris e no concurso Mirjam Helin, na Finlândia. Recentemente, se apresentou no Festival Internacional d'Aix-en-Provence, na França, regida por Kent Nagano, onde estreou a ópera *Il Viaggio: Dante*, de Pascal Dusapin. Participou ainda do Rheingau Musik Festival na Alemanha, além de concertos onde explora o repertório da música antiga com a Kammerorchester Basel e com a orquestra da Schola Cantorum Basiliensis, sob a batuta de Francesco Corti. No Brasil, a soprano tem se apresentado com as orquestras sinfônicas da Paraíba e de Campinas, além de participações em festivais. No Chile, colabora frequentemente com a Orquestra Sinfônica de Concepción. Na próxima temporada, Maria Carla faz sua estreia na Operá-Comique de Paris, repetindo seu papel em *Macbeth Underworld* de Pascal Dusapin. Estreia também como Gilda, em *Rigoletto*, na Ópera de Toulon, onde logo depois também interpretará Julieta em *I Capuletti e I Montecchi*.

**BONGANI JUSTICE
KUBHEKA**

Gonzales
(dias 15, 18, 21 e 25)



Nascido em Newcastle, província de KwaZulu-Natal, na África do Sul, Bongani Justice Kubheka iniciou sua formação em ópera na Universidade da Cidade do Cabo em 2010 e obteve seu diploma em 2014, estudando voz com Patrick Tikolo e Kamal Khan. Durante seus estudos, Bongani recebeu convites para participar de cursos do Young Artist Program (YAVA) da Houston Grand Opera. Recebeu uma bolsa para continuar os estudos na Welsh International Academy of Voice, sob a orientação de Dennis O' Neill, patrocinado pelo Wales Millennium Centre para a temporada 2015/2016. Seus papéis na ópera em colaboração com a Ópera da Cidade do Cabo incluem Lutero e Crespel (*Les Contes d'Hoffmann*), Commendatore (*Don Giovanni*), Don Magnifico (*La Cenerentola*), Don Basilio (*Il Barbiere di Siviglia*) e outros. Em 2015, desempenhou o papel-título em *Le Nozze di Figaro*, dirigido por Angelo Gobbato. Suas notáveis interpretações de Don Pasquale, na ópera homônima, e Uberto, em *La Serva Padrona*, lhe renderam o Prêmio Fleur du Cap de Melhor Cantor de Ópera Masculino. Em 2021, Bongani estreou como Marcelo em *La Bohème* durante a turnê nacional da Ópera da Cidade do Cabo. Também foi convidado pelo Teatro La Fenice de Veneza para interpretar Don Fernando em *Fidelio*. Desde 2022, está envolvido na produção de *Messias*, de Händel, pela Playhouse Company. Bongani Justice Kubheka conquistou o primeiro prêmio da Schock Foundation (Baxter Theatre) em 2013, o Amazwi Omzansi Africa Opera Competition em 2014, chegou à final do Operalia 2015 em Londres e conquistou o primeiro prêmio e o prêmio do público no Concurso Internacional Stuart Burrows 2016, entre muitos outros.

DAVID MARCONDES

Gonzales
(dias 16, 19 e 24)



Nascido em Belo Horizonte, David Marcondes é graduado em artes e começou sua formação vocal e estudos teóricos em diversos coros religiosos e igrejas. Coursou dramatização lírica e aperfeiçoou-se nas áreas de canto, canto coral e técnica vocal. O barítono integrou os grupos Opera Estúdio, Vocal Estável, Coral Ars Nova e foi premiado nos concursos internacionais de canto Carlos Gomes, Maria Callas e Bidu Sayão. Como solista, participou de produções de óperas e concertos na Espanha, Itália, França, Eslovênia, no Japão e nas principais casas de ópera e teatros brasileiros. Nos últimos anos, interpretou no Theatro Municipal de São Paulo papéis como Zurga, em *Les Pêcheurs de Perles* (2017); Mandarino, em *Turandot* (2018); Figaro, em *Il Barbiere di Siviglia* (2019), e Conde Monterone, em *Rigoletto* (2019). Atualmente, integra o Coro Lírico Municipal, do Theatro Municipal de São Paulo.

LICIO BRUNO

Cacique / Antropólogo
(dias 15, 18, 24 e 25)



Um dos mais celebrados artistas brasileiros, Licio Bruno é bacharel em canto e mestre em performance. Coursou aperfeiçoamento em ópera e repertório sinfônico na Franz Liszt Academy of Music e na Ópera de Budapeste, Hungria, onde foi membro da casa e artista convidado. Professor Adjunto da Faculdade de Música do Espírito Santo, ensinou na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Conservatório Brasileiro de Música e no Instituto Baccarelli (SP). Cursa atualmente o doutorado em práticas interpretativas pelo PPGM-UFMG, sob a orientação do Prof. Dr. Mauro Chantal. É vencedor de dez primeiros prêmios em concursos de canto nacionais e internacionais, tendo sido laureado com o Prêmio Carlos Gomes em 2004. Já cantou mais de 80 papéis em óperas de diferentes autores e estilos, sendo, até hoje, o único cantor brasileiro a ter interpretado Wotan/Wanderer do ciclo integral wagneriano *O Anel do Nibelungo*, apresentado no FAO-2005. Lançou o CD *É Vida, É Voz! – Canções de Edmundo Villani-Côrtes*. Com o Coletivo das Artes, tem dirigido cenicamente óperas como *O Reino de Duas Cabeças*, de Jaceguay Lins, *O Caixeiro da Taverna*, de Guilherme Bernstein, entre outros títulos, e realizado concertos como a primeira audição mundial da *Missa Sertaneja*, de Luciano Araujo. Participou da estreia mundial da ópera *O Aleijadinho*, de Ernani Aguiar, em Belo Horizonte, e cantou o papel-título de *O Contractador de Diamantes* no Theatro Municipal de São Paulo, celebrando seus 36 anos de carreira. Em *O Castelo de Barba-Azul*, de Béla Bartók, no Teatro del Sodre, Montevideú, Uruguai, estreou o personagem-título. Acaba de interpretar Vodnik (Senhor das Águas) na ópera *Rusalka*, de Dvořák, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

SAVIO SPERANDIO
Cacique / Antropólogo
(dias 16, 19 e 21)



Dono de voz e presença cênica marcantes, Savio Sperandio tem se apresentado nos principais teatros do Brasil e também no Teatro Colón de Buenos Aires, Teatro Real de Madri, Palau de les Arts Reina Sofia em Valência, Festival Rossini ini Wildbad, Rossini Opera Festival de Pésaro, Teatro Arriaga de Bilbao, Espanha, Opera Nacional Eslovena, Teatro Argentino de La Plata, Teatro del SODRE, entre outros. Interpreta as principais partes de baixo do repertório sinfônico e nos principais títulos de ópera com destaque para Bartolo, Mustafá, Don Profondo, Don Pasquale, Nick Shadow, Ramfis, Oroveso, Filippo II, Zaccarias, Silva, Cacique e outros.

ANDREY MIRA
Don Antonio



Formado pela Escola de Música da Universidade Federal do Pará (UFPA), na classe da Dra. Márcia Aliverti, e pelo Conservatório Carlos Gomes (Belém, Pará), Andrey Mira venceu o X e o XI Concurso Dóris Azevedo para Jovens Instrumentistas e o 14º e o 19º Concurso Brasileiro de Canto Maria Callas. Atuou como solista nas óperas *Salomé* e *Der Rosenkavalier* (Strauss); *Blue Monday* (Gershwin); *Les Pêcheurs de Perles* (Bizet); *La Bohème*, *Gianni Schicchi* e *Turandot* (Puccini); *Il Barbiere di Siviglia* (Rossini); *La Vida Breve* (De Falla); *Pelléas et Mélisande* (Debussy); *Un Ballo in Maschera*, *Otello*, *Il Trovatore*, *Rigoletto*, *Aida* (Verdi); *Così Fan Tutte*, *Le Nozze di Figaro* e *Bastien und Bastienne* (Mozart); *Il Guarany* (Carlos Gomes); *The Consul* (Menotti); *Viva La Mamma* e *L'Elisir d'Amore* (Donizetti) e *O Basculho de Chaminé* (Marcos Portugal). Em seu repertório sinfônico destacam-se *Requiem* e *Missa da Coroação* (Mozart), *Requiem* (Fauré), *Missa Solemnis* e *Nona Sinfonia* (Beethoven).

**GUILHERME
MOREIRA**
Don Alvaro



Natural do Rio de Janeiro, Guilherme Moreira é bacharel em música com especialização em canto pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Conquistou o segundo prêmio masculino no 20º Concurso Brasileiro de Canto Maria Callas. Em sua trajetória estão as estreias de títulos brasileiros como *Candinho* (João Guilherme Ripper), *Protocolares* (Mario Ferraro), *Aleijadinho* (Ernani Aguiar), *Os Irmãos Repentistas e os Pandeiros Encantados* (de Rafael Bezerra). No repertório operístico, interpretou Nemorino (*L'Elisir d'Amore*), Rinuccio (*Gianni Schicchi*), Beppe (*Pagliacci*), Tamino (*Die Zauberflöte*), Don Alvaro (*Il Guarany*), entre outros. No repertório de concerto, atuou em *Missa Spaur e Requiem* (de Mozart), *Oratório de Natal* (de Camille Saint-Saëns), *Petite Messe Solennelle* (de Rossini), *Requiem* (de Haydn) e *Nona Sinfonia* (de Beethoven). Participou de aulas e masterclasses com David Gowland (ROH), Eleonora Pacetti, Martin Muehle, Vittorio Grigolo e Ludmilla Bauerfeldt.

**CARLOS EDUARDO
SANTOS**
Ruy Bento



Nascido em Salvador, Bahia, Carlos Eduardo Santos vem se destacando no cenário nacional, sendo premiado nos concursos Maria Callas (2022), Natércia Lopes (2023) e Joaquina Lapinha (2023). Carlos interpretou o Príncipe Yamadori em *Madama Butterfly* e Ruy Bento em *Il Guarany*, ambas montagens do Theatro Municipal de São Paulo, e já se apresentou em casas importantes do Brasil e da Europa como Teatro Amazonas (Manaus), Theatro da Paz (Belém), Teatro Castro Alves (Salvador), Teatro Cilea (Reggio Calabria, Itália), Finlandia Talo (Helsinki, Finlândia), Barbican Centre (Londres, Reino Unido) e Grand Auditorium da Rádio France (Paris, França). Em 2024, atuou também em produções da Cia. Ópera São Paulo, Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, Orquestra do Teatro São Pedro (SP), Orquestra Ouro Preto, NEOJIBA e SP Chamber Orchestra. Seu repertório sinfônico coral inclui solos de Beethoven, Mozart, Bach, Händel e Saint-Saëns, entre outros. Realizou diversos concertos com o Madrigal e a Orquestra Sinfônica da UFBA, além de participações em concertos da Orquestra de Câmara de Salvador (Ocsal).

ORLANDO MARCOS

Pedro



Natural do Rio de Janeiro, Orlando Marcos iniciou seus estudos de música e canto na Escola de Música Villa-Lobos, sob a orientação do professor Joel Teles, e estudou na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), sob a orientação das professoras Nilze Miriam e Eliane Sampaio. Em 1994, foi quinto lugar no Llangollen International Musical Eisteddfod, no País de Gales, e semifinalista no 40º Concurso Internacional de Canto, em Toulouse, na França. Interpretou Mandarino, da ópera *Turandot*, na Praça da Apoteose no Rio de Janeiro (1993) e no Palácio das Artes em Belo Horizonte (2004). Foi Doutor Grenvil, de *La Traviata*, no Theatro São Pedro, em 2005, e no Palácio das Artes, em 2010. Em 2022, fez o papel do Rei na produção da ópera *Aida* e foi Arauto em *L'Amour des Trois Oranges*, ambas no Theatro Municipal de São Paulo. Atualmente, integra o Coro Lírico do Theatro Municipal de São Paulo, sob a regência do maestro Mário Zaccaro e assistência da maestra Érika Hendrikson. Seu repertório inclui compositores como Verdi, Wagner, Rossini, Puccini, Händel, Bach, Bizet, Tchaikovsky, Schubert, Schumann, Villa-Lobos e Babi de Oliveira.

GUSTAVO LASSEN

Alonso



Bacharel em canto lírico pela Faculdade Mozarteum de São Paulo, formado pela Academia de Ópera do Theatro São Pedro e em artes dramáticas pelo Instituto de Arte e Ciência, o baixo Gustavo Lassen foi premiado nas edições XI e XII do Concurso Brasileiro de Canto Maria Callas. Entre seus trabalhos mais recentes estão: Deputado do Som-Só na estreia mundial da ópera *O Café*, no Theatro Municipal de São Paulo (2022), Mr. Kofner, em *O Cônsul*, no Festival de Ópera de Guarulhos (2021), e Filiberto, em *O Senhor Bruschino*, no Theatro São Pedro (2021). No mesmo ano estreou como diretor cênico com a ópera *Gianni Schicchi*, produção da Cia. Ópera São Paulo. No 19º e no 22º Festival Amazonas de Ópera, como solista convidado, interpretou o Príncipe de Bouillon, em *Adriana Lecouvreur*, e Cesare Angelotti, em *Tosca*. Atuou no Auditório de Tenerife, na Espanha, como Colline, em *La Bohème*. Interpretou Don Sacramento na estreia mundial de *Tres Sombres de Copa*. Realizou masterclasses com Carlo Colombara, Eliane Coelho, Veronica Villarroel, Marco Boemi, Nicolau de Figueiredo e Simone Alberghini.

CORIFEUS



**AUGUSTO
TRAINOTTI**



CLARICE LIMA



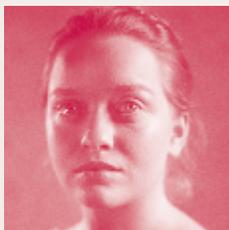
LUA GABANINI



RAONI GARCIA

CORO DE PINTURAS VIVAS

Cia Gelo Seco



JULIA ZILIO



**HENRIQUE
FIGUEIREDO**



MATHEUS KAWA



HELENA BUENO



**LUCAS
HOFFMANN**



ESTER KARINY

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

A história da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) se mistura com a da música orquestral em São Paulo, com participações memoráveis em eventos como a primeira Temporada Lírica Autônoma de São Paulo, com a soprano Bidu Sayão; a inauguração do Estádio do Pacaembu, em 1940; a reabertura do Theatro Municipal, em 1955, com a estreia da ópera *Pedro Malazarte*, regida pelo compositor Camargo Guarnieri; e a apresentação nos Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo. Estiveram à frente da orquestra os maestros Arturo de Angelis, Zacharias Autuori, Edoardo Guarnieri, Lion Kaniefsky, Souza Lima, Eleazar de Carvalho, Armando Belardi e John Neschling. Roberto Minczuk é o atual regente titular e Priscila Bomfim a regente assistente da OSM.

CORO LÍRICO MUNICIPAL

Formado por cantores que se apresentam regularmente como solistas nos principais teatros do país, o Coro Lírico Municipal de São Paulo atua nas montagens de óperas das temporadas do Theatro Municipal, em concertos com a Orquestra Sinfônica Municipal (OSM), com o Balé da Cidade e em apresentações próprias. O Coro Lírico teve como primeiro diretor o maestro Fidelio Finzi, que preparou o grupo para a estreia em *Turandot*, em 13 de junho de 1939. Recebeu os prêmios APCA de Melhor Conjunto Coral de 1996 e o Carlos Gomes, em 1997, na categoria Ópera. Atualmente Hernán Sánchez Arteaga é o regente titular e Alessandro Sangiorgi o regente assistente. Em 2019, o Coro Lírico celebrou 80 anos.

FEVEREIRO DE 2025
THEATRO MUNICIPAL
DE SÃO PAULO

IL GUARANY

Ópera em quatro atos
de **CARLOS GOMES**
com libreto de
ANTONIO SCALVINI
e **CARLO D'ORMEVILLE**

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL
CORO LÍRICO MUNICIPAL
ORQUESTRA E CORO GUARANI DO JARAGUÁ KYRE'Y KUERY

Roberto Minczuk, direção musical
Ailton Krenak, concepção geral
Cibele Forjaz, direção cênica
Hernán Sánchez Arteaga, regência do Coro Lírico Municipal

SOLISTAS

David Vera Popygua Ju, Peri Eté (ator)
Zahy Tentehar, Onça Pajé
Araju Ara Poty, Onça Corifeia

Enrique Bravo, Peri (dias 15, 18, 21 e 25)
Marcello Vannucci, Peri (dias 16, 19 e 24)
Laura Pisani, Ceci (dias 15, 18, 21 e 25)
Maria Carla Pino Cury, Ceci (dias 16, 19 e 24)
Bongani Justice Kubheka, Gonzales (dias 15, 18, 21 e 25)
David Marcondes, Gonzales (dias 16, 19 e 24)
Licio Bruno, Cacique / Antropólogo (dias 15, 18, 24 e 25)
Savio Sperandio, Cacique / Antropólogo (dias 16, 19 e 21)
Andrey Mira, Don Antonio
Guilherme Moreira, Don Alvaro
Carlos Eduardo Santos, Ruy
Orlando Marcos, Pedro
Gustavo Lassen, Alonso

EQUIPE CRIATIVA

Denilson Baniwa, codireção artística e cenografia
Simone Mina, codireção artística, cenografia e figurino
Aline Santini, design de luz
Vic Von Poser, design de vídeo
Luaa Gabanini e **Lu Favoreto**, coreografias
Ligiana Costa, dramaturgia
Ana Vanessa, assistente de direção

CORIFEUS

Augusto Trainotti
Clarice Lima
Luaa Gabanini
Raoni Garcia

CORO DE PINTURAS VIVAS

Cia Gelo Seco
Julia Zilio
Henrique Figueiredo
Matheus Kawa
Helena Bueno
Lucas Hoffmann
Ester Kariny

ORQUESTRA E CORO GUARANI DO JARAGUÁ KYRE'Y KUERY

Homens / Avakue

Naldo Karai

Claudio Vera

Gabriel Vera Popygua Mirim

Lourival Tupã

Lenilson Karai

Jovelino Jeguaka

Dario Tataendy

Tupã Martim

Joaci Karai Nhe´ en Marangaju

Dirceu Tupã Mirim

Juca Kuaray

Karai Rokaju

Pedrinho Mbya

Juscelino Karai

Mulheres / Kunhangue

Jaqueline Jaxuka

Silvana Ara

Priscila Poty Mirim

Angelina Jera

Mari Poty

Mari Yva

Ciara Ara Poty

Kerexu Mirim

CORO DAS MULHERES ONÇA

Araju Ara Poty, Onça Corifeia

Ciara Ara Poty

Jaqueline Jaxuka

José Estevam

Kerexu Mirim

Mari Yva

Mari Poty

Priscila Poty Mirim

Silvana Ara

PIANISTAS CORREPETIDORES

Anderson Brenner

Marcos Aragoni

EQUIPE EXTRA DE COSTURA

Ivete Dias, costureira

Sônia Regina de Oliveira, costureira

Célia Regina Fernandes Dantas, camareira

Sônia Caetano, camareira

Netto Silva, modelista

Mauricio da Silva Santos, cortador

CENOGRAFIA

Vinicius Cardoso, assistente de cenografia

Rick Nagash, produção de objetos e adereços

Amanda Pillo B, figurinista assistente

COREOGRAFIA

Augusto Trainotti, assistente de coreografia

Clarice Lima, preparação corporal

VISAGISMO

Gabi Schembeck e **Luisa Kwarahy**, visagismo

Jessica Pink, **Inais Tereza**, **Ju Barbosa**, **Lany Lima**, **Luciana Santini**

e **Mica Ishii**, assistentes de visagismo

VÍDEO

Rodrigo Duarte, operação de câmara ao vivo

Vic von Poser, operação de projeção

Clara Morgenroth, pesquisa e desenho de caligrafia indígena e mapa

Taurina Filmes, gravação de vídeos

Lucas Silva Campos, colorista

Clara Morgenroth e **Cibele Forjaz**, gravação de imagens adicionais

Utopika Estúdio, animações

Hugo Barros dos Santos, técnico audiovisual

CONSTRUÇÃO DE CENÁRIO

Denis Nascimento, cenotécnico responsável

Isabela Nascimento, administradora cenotécnica

Dalton Nunes, serralheiro responsável

Antônio Henrique, equipe cenotécnica

Genilson Francisco, equipe cenotécnica

Givaldo Ramos, equipe cenotécnica

Ronaldo Chimanski, equipe cenotécnica

Marcio Feitosa, equipe de marcenaria

EQUIPE EXTRA DE MARCENARIA

DA CENTRAL TÉCNICA CHICO GIACCHIERI

Davi Silva Santos

João Batista Bento da Silva

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

Regente Titular Roberto Minczuk

Regente Assistente Priscila Bomfim

Primeiros Violinos Pablo de León (spalla)*, Alejandro Aldana (spalla)*, Adriano Mello, Edgar Leite, Fabian Figueiredo, Fábio Brucoli, Fernando Travassos, Francisco Krug, Heitor Fujinami, Liliana Chiriac, Martin Tuksa, Paulo Calligopoulos e Rafael Bion Loro **Segundos Violinos** Andréa Campos*, Maria Fernanda Krug*, Alexandre Pinatto de Moura, André Luccas, Djavan Caetano, Evelyn Carmo, Fábio Chamma, Helena Piccazio, John Spindler, Mizael da Silva Júnior, Oxana Dragos, Renato Marins Yokota, Ricardo Bem-Haja, Ugo Kageyama, Wellington Rebouças e Kassia Spassova** **Violas** Alexandre de León*, Silvio Catto*, Abraão Saraiva, Adriana Schincariol, Bruno de Luna, Eduardo Cordeiro, Eric Schafer Licciardi, Jessica Wyatt, Lianna Dugan, Pedro Visockas, Roberta Marcinkowski e Diogo Nascimento** **Violoncelos** Mauro Brucoli*, Raiff Dantas Barreto*, Joel de Souza, Mariana Amaral, Teresa Catto, Katia Ferreira**, Douglas Kier**, Danilo Souza** e Rafael Frazzato** **Contrabaixos** Brian Fountain*, Adriano Costa Chaves, André Teruo, Miguel Dombrowski, Sanderson Cortez Paz, Vinicius Frate e Walter Müller **Flautas** Marcelo

Barboza*, Renan Mendes*, Andrea Vilella, Cristina Poles e Jean Arthur Medeiros **Oboés** Alexandre Boccalari*, Rodrigo Nagamori*, Marcos Mincov e Rodolfo Hatakeyama **Clarinetes** Camila Barrientos Ossio*, Tiago Francisco Naguel*, Diogo Maia Santos, Domingos Elias e Marta Vidigal **Fagotes** Matthew Taylor*, Marcos Fokin*, Facundo Cantero, Marcelo Toni e Vivian Meira **Trompas** Thiago Ariel*, André Ficarella, Daniel Filho, Eric Gomes da Silva, Rafael Fróes, Rogério Martinez, Vagner Rebouças e José Luis Guede** **Trompetes** Daniel Leal*, Fernando Lopez*, Eduardo Madeira, Thiago Araújo e Marcos Motta** **Trombones** Eduardo Machado*, Raphael Campos da Paixão**, Jonathan Xavier, Marim Meira e Cassio Tavares** **Tuba** Luiz Serralheiro* e João Marcos** **Harpas** Jennifer Campbell* e Paola Baron* **Piano** Cecília Moita* **Percussão** Marcelo Camargo*, César Simão, Magno Bissoli, Thiago Lamattina e Renato Raul** **Timpanos** Danilo Valle* e Marcia Fernandes* **Coordenadora** Mariana Bonzanini **Analista Administrativa** Barbarah Martins Fernandes **Coordenador Técnico** Carlos Nunes **Auxiliar Administrativa** Priscila Campos / *Chefe de naipe **Músico convidado

CORO LÍRICO MUNICIPAL

Regente Titular Hernán Sánchez Arteaga
Regente Assistente Alessandro Sangiorgi

Primeiros Sopranos Adriana Magalhães, Berenice Barreira, Caroline De Comi, Cláudia Neves, Elizabeth Ratzersdorf, Graziela Sanchez, Laryssa Alvarazi, Ludmila de Carvalho, Marivone Caetano, Marta Mauler, Rita Marques, Sandra Félix e Sunhee Park **Segundos Sopranos** Angélica Feital, Antonieta Bastos, Elaine Morais, Elayne Caser, Jacy Guarany, Juliana Starling, Márcia Costa, Milena Tarasiuk, Monique Rodrigues e Rosana Barakat **Mezzo Sopranos** Ana Carolina Sant'Anna, Carla Campinas, Cláudia Arcos, Heloisa Junqueira, Joyce Tripiciano, Juliana Valadares, Keila de Moraes, Lígia Monteiro, Mônica Martins, Robertha Faury e Zuzu Belmonte **Contraltos** Celeste Moraes, Clarice Rodrigues, Elaine Martorano, Lidia Schäffer, Magda Painno, Margarete Loureiro, Maria Favoinni e Vera Ritter **Primeiros Tenores** Alexandre Bialecki, Antônio Carlos Britto, Dimas do Carmo, Eduardo Góes, Eduardo Trindade, Luciano Silveira, Marcello Vannucci, Miguel Geraldi, Rubens Medina e Walter Fawcett **Segundos Tenores** Alex Flores, Eduardo Pinho, Fernando de Castro, Luiz Doné, Paulo Chamé Queiroz, Renato Tenreiro, Rúben de Oliveira, Sérgio Sagica e Valter Estefano **Barítonos** Alessandro Gismano, Daniel Lee, David Marcondes, Diógenes Gomes, Eduardo Paniza, Guilherme Rosa, Jang Ho Joo, Jessé Vieira, Marcio Marangon, Miguel Csuzlinovics, Roberto Fabel, Sandro Bodilon e Sebastião Teixeira **Baixos** Ary Souza Lima, Cláudio Guimarães, Leonardo Pace, Orlando Marcos, Rafael Leoni, Rafael Thomas, Rogério Nunes e Sérgio Righini **Pianistas** Leandro Luiz Roverso e Marcos Aragoni **Coordenadora** Thais Vieira Gregório **Inspetor** Bruno Farias

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Prefeito Ricardo Nunes
Secretário Municipal de Cultura e Economia Criativa José Antônio Silva Parente – Totó Parente
Secretária Adjunta Carol Lafemina
Chefe de Gabinete Rogério Custódio de Oliveira

**FUNDAÇÃO
THEATRO MUNICIPAL
DE SÃO PAULO**

Direção Geral Abraão Mafra
Direção de Gestão Dalmo Defensor
Direção Artística Andreia Mingroni
Direção de Formação Cibeli Moretti
Direção de Produção Executiva Enrique Bernardo

**CONSELHO
ADMINISTRATIVO
SUSTENIDOS**

André Isnard Leonardi (presidente), Claudia Ciarrocchi, Gabriel Fontes Paiva, José Alexandre Pereira de Araújo, José Roque Cortese, Magda Pucci, Monica Rosenberg, Odilon Wagner, Renata Bittencourt e Wellington do C. M. de Araújo

**CONSELHO CONSULTIVO
SUSTENIDOS**

Elca Rubinstein (presidente), Abigail Silvestre Torres, Adriana do Nascimento Araújo Mendes, Ana Maria Wilhelm, Celia Cristina Monteiro de Barros Whitaker, Daniel Annenberg, Gabriel Whitaker, Leonardo Matrone, Luciana Temer, Luiz Guilherme Brom, Marisa Fortunato, Melanie Farkas (*in memoriam*) e Paula Raccanello Storto

**CONSELHO FISCAL
SUSTENIDOS**

Bruno Scarino de Moura Accioly, Daniel Leicand e Paula Cerquera Bonanno

**SUSTENIDOS
ORGANIZAÇÃO
SOCIAL DE CULTURA
(THEATRO MUNICIPAL)**

Diretora Executiva Alessandra Fernandez Alves da Costa
Diretor Administrativo-Financeiro Rafael Salim Balassiano
Gerente Financeira Ana Cristina Meira Coelho Mascarenhas
Gerente de Controladoria Leandro Mariano Barreto
Contadora Cláudia dos Anjos Silva
Gerente de Suprimentos Susana Cordeiro Emidio Pereira
Gerente Jurídica Adline Debus Pozzebon
Gerente de Administração de Pessoal Ana Cristina Cesar Leite
Gerente de Mobilização de Recursos Marina Funari
Gerente de Tecnologia e Sistemas Yudji Alessandro Otta

**COMPLEXO
THEATRO MUNICIPAL
DE SÃO PAULO**

Superintendente Geral Andrea Caruso Saturnino
Secretária Executiva Valéria Kurji

Gerente de Produção/Programação Artística Nathália Costa
Coordenadora de Produção Rosana Taketomi de Araujo **Equipe de Produção** André Felipe Lino de Jesus, Carla Luiza Silveira Henriques, Carlos Eduardo Marroco, Carolina Beletatto, Cinthia Cristina Derio, Eliana Aparecida dos Santos Filinto, Joana Leonor de Moura Rosa, Karine dos Santos, Laura Cibele Gouvêa Cantero, Luiz Alex Tasso, Marita Cunha Prado, Rodrigo Correa da Silva, Ronaldo Gabriel de Jesus da Silva e Rosangela Reis Longhi **Bolsistas** Leticia Pereira Guimarães e Rhayla Winnye Alves Dutra de Oliveira Nunes

Coordenadora de Programação Artística Camila Honorato Moreira de Almeida **Equipe de Programação** Bruna de Fátima Mattos Teixeira, Isis Cunha Oliveira Barbosa, Maira Scarello, Marcelo Augusto Alves de Araújo e Pedro Ferreira Guida **Bolsista** Ruby Máximo dos Santos Figueiredo

Gerente Cenotécnico Aníbal Marques (Pelé) **Coordenadora de Produção Central Técnica** Laura de Campos França **Equipe Central Técnica** Ivaldo Bezerra Lopes, Jalmir Amorim da Conceição e Juliano Bitencourt Mesquita **Bolsistas** Alicia Esteves Martins, Ana Carolina Yamamoto Angelo, Azre Maria Ferreira de Azevedo, Caio Henrique Menezes de Oliveira, Gabriely Barbosa da Silva, Julia Cristina Lopes Elias Cordeiro de Oliveira, Larissa Gabriele Trindade de Souza, Paulo Victor Pereira de Souza, Rodrigo Luiz Santos Machado, Tamiris de Moraes Hirata, William França da Conceição Nascimento e Winícios Brito Passos

Gerente de Musicoteca Ruthe Zoboli Pocebon **Coordenador de Musicoteca** Jonatas dos Santos Ribeiro **Equipe de Musicoteca** Carolina Aleixo Sobral, Cassio Mendes Antas, Diego Scarpino Pacioni, Felipe Fagioni, João Marcos Lopes de Souza Miranda, Jonatas Ribeiro, Leonardo Serrão Minoci de Oliveira, Martim Butcher Cury e Monik Regina da Silva Freitas **Pianista Correpetidor** Anderson Brenner

Gerente de Formação, Acervo e Memória Ana Lucia Lopes **Equipe de Formação, Acervo e Memória** Clarice de Souza Dias Cará e Stig Lavor **Bolsistas de Dramaturgismo** Alicia Oliveira Corrêa, Gabriel Labaki Agostinho Luvizotto e Karina da Silva Sousa

Coordenadora de Educação Adriane Bertini Silva **Supervisora de Educação** Dayana Correa da Cunha **Equipe de Educação** Bianca Stefano Vyunas, Camila Aparecida Padilha Gomes, Diego Diniz Intriery, Fernanda Keico de Oliveira Sugiyama, Gabriel Gerônimo Alves França, Gabriel Zanetti Pieroni, Joana Oliveira Barros Rodrigues de Rezende, Luciana de Souza Bernardo, Mateus Masakichi Yamaguchi e Monike Raphaela de Souza Santos **Estagiária** Clara Carolina Augusto Garcia Gois e Sarah Graciano Lima **Bolsistas** Davison Casemiro e Maria Eduarda Valim Guerra dos Santos **Aprendizes** Enzo Holanda e Mariana Filardi

Coordenador de Acervo e Pesquisa Rafael Domingos Oliveira da Silva **Equipe de Acervo e Pesquisa** Andreia Francisco dos Reis, Bruno Bortoloto do Carmo, Rafael de Araujo Oliveira e Shirley Silva **Estagiários** Brenda da Silva Souza, Clara Carolina Augusto Garcia, Daniela Andressa Baez Garcia de Oliveira, Gabriela Eutran da Silva, Karina Araujo do Nascimento, Nathalia Hara de Oliveira, Rayan Fernandes da Silva, Thalia Ariadna Silva de Andrade e Thalya Duarte de Gois **Bolsistas** Luan Augusto Pereira Silva e Marcelina Dulce Muhongo

Coordenador de Ações de Articulação e Extensão Felipe Oliveira Campos **Equipe de Ações de Articulação e Extensão** Renata Raissa Pirra Garducci **Bolsistas** Evely Heloíse Pinheiro Ferreira e Tiffany Flores Dias

Diretor Cenotécnico Sérgio Ferreira **Coordenador Técnico** Jonas Pereira Soares **Coordenador de Palco** Adalberto Alves de Souza **Equipe de Direção de Palco** Amanda Tolentino de Araújo, Diogo de Paula Ribeiro, Matheus Alves Tomé, Olavo Cadorini Cardoso, Samuel Gonçalves Mende, Sônia Ruberti e Vivian Miranda **Chefes de Maquinário** Carlos Roberto

Ávila, Marcelo Luiz Frosino e Paulo Miguel de Sousa Filho **Equipe de Maquinário** Alex Sandro Nunes Pinheiro, Anderson dos Santos Gasparotto, Edilson da Silva Quina, Ermelindo Terribele Sobrinho, Everton Jorge de Carvalho, Igor Mota Paula, Júlio César Souza de Oliveira, Manuel Lucas de Sousa Conceição, Marcelo Evangelista Barbosa, Odilon dos Santos Motta e Ronaldo Batista dos Santos **Chefe de Contrarregragem** Edival Dias **Equipe de Contrarregragem** Luiz Carlos Lemes, Maicon Rodrigues Nagel, Sandra Satomi Yamamoto e Vitor Siqueira Pedro **Chefe de Montagem** Rafael de Sá de Nardi Veloso **Montadores** Alexandre Greganyck, Ivo Barreto de Souza, Marcus Vinicius José de Almeida, Nizinho Deivid Zopelaro e Pedro Paulo Barreto **Coordenador de Sonorização** Daniel Botelho **Equipe de Sonorização** André Moro Silva, Edgar Caetano dos Santos, Emiliano Brescacin, Leandro dos Santos Lima e Rogerio Galvão Ultramari Junior **Bolsistas** Ana Carolina Pfeffer e Henrique dos Santos Lima **Coordenador de Iluminação** Wellington Cardoso Silva **Equipe de Iluminação** André de Oliveira Mutton, Danilo dos Santos, Fabioli Galvão Fontes, Fernando Miranda Azambuja, Guilherme Furtado Mantelatto, Igor Augusto Ferreira de Oliveira, Tatiane Fátima Müller, Ubiratan da Silva Nunes, Wellington Cardoso Silva e Yasmin Santos de Souza **Bolsistas** Debora Pereira de Paula e Pedro Henrique Almeida Severino

Equipe de Figurino Alzira Campiolo, Eunice Baía, Fabiane do Carmo Macedo de Almeida, Geralda Cristina França da Conceição, Isabel Rodrigues Martins, Katia Souza, Lindinalva Margarida Celestino Cicero, Maria Auxiliadora, Maria Gabriel Martins, Regiane Bierrrenbach e Walamis Santos **Bolsistas** Byanka Martins dos Santos e Mayara de Oliveira Santos

Gerente de Comunicação Elisabete Machado Soares dos Santos **Equipe de Comunicação** André Felipe Costa Santa Rosa Lima, Francielli Jonas Perpetuo, Guilherme Dias de Oliveira, Gustavo Quevedo Ramos, Karoline Marques da Conceição, Larissa Lima da Paz, Laureen Cicaroli Dávila, Letícia Silva dos Santos, Tatiane de Sá dos Santos e Winnie dos Santos Affonso

Gerente de Parcerias e Novos Negócios Luciana Gabardo dos Santos **Coordenadora de Parcerias e Novos Negócios** Giovanna Campelo **Equipe de Parcerias e Novos Negócios** Matheus Ferreira Borges, Nathaly Rocha Avelino, Thamara Cristine Carvalho Conde e Vitória Terlesqui de Paula

Supervisor de Bilheteria Jorge Rodrigo dos Santos **Equipe de Bilheteria** Bruna Eduarda Cabral da Silva, Claudiana de Melo Sousa, Flavia dos Santos da Silva e Maria do Socorro Lima da Silva

Supervisora de Atendimento ao Público Ana Claudia de Carvalho Lima Faria **Equipe de Atendimento ao Público** Ana Luisa Caroba de Lamare, Juliana da Silva, Marcella Relli e Rosemeire Pontes Carvalho

Coordenador de Planejamento e Monitoramento Douglas Herval Ponso **Equipe de Planejamento e Monitoramento** Ananda Stucker, Milena Lorana da Cruz Santos e Thamella Thais Santana Santos

Coordenadora de Captação de Recursos Heloise Tiemi Silva **Aprendiz** Yasmin Antunes Rocha

Gerente Geral de Operações e Finanças Helen Márcia Valadares Meireles Carvalhaes **Assessora de Gerência** Fernanda do Val Amorim

Gerente de Patrimônio e Arquitetura Eduardo Spinazzola **Equipe de Patrimônio e Arquitetura** Angelica Cristina Nascimento Macedo, Juliana de Oliveira Moretti e Raisa Ribeiro da Rocha Reis

Coordenador de Operações Mauricio Souza **Equipe de Facilities** Carolina Ricardo e Leandro Maia Cruz

Equipe de Manutenção Predial Elias Ferreira Leite Junior, Gustavo Giusti Gaspare, Leandro Maia Cruz, Murilo Sobral Coelho e Pedro Henrique de Campos Lima **Aprendiz** Lucas Cerqueira Vieira

Equipe de TI Carlos Eduardo de Almeida Ferreira e Romário de Oliveira Santos **Aprendiz** Igor Alves Salgado

Supervisora Financeira Jéssica Brito Oliveira **Equipe de Finanças** Christie Fernando de Oliveira Souza, Fernanda Estrela de Souza, Michele Cristiane da Silva, Rosilene Costa dos Santos e Sueli de Calais Vicente Guedes **Equipe de Controladoria** Erica Martins dos Anjos **Aprendiz** Paloma Ferreira de Souza

Coordenador de Compras e Suprimentos Raphael Teixeira Lemos **Equipe de Compras e Suprimentos** Eliana Moura de Lima, Leandro Ribeiro Cunha, Paulo Henrique Risseri e Thiago Faustino **Aprendiz** Suiany Olher Encinas Racheti

Supervisora de Logística Aline de Andrade Nepomuceno Barbosa **Equipe de Logística** Allison Alves Tavares, Arthur Luiz de Andrade Lima, Guilherme Ferreira dos Santos e Marcos Aurélio Vieira do Nascimento Samora **Equipe de Contratos e Jurídico** Aline Rocha do Carmo, Douglas Bernardo Ribeiro, Lucas Serrano Cimatti e Pedro Henrique Santana **Aprendiz** Pedro Henrique Lima Pinheiro

Gerente de Recursos Humanos Renata Aparecida Barbosa de Sousa **Equipe de Recursos Humanos** Amanda Alexandre de Souza Mota, Amanda Bezerra Diogenes, Janaina Aparecida Gomes Oliveira, Natali Francisca Vieira dos Santos e Priscilla Pereira Gonçalves

Coordenador de Saúde e Segurança do Trabalho Edson Alexandre Moreira **Equipe de Saúde e Segurança do Trabalho** Mateus Costa do Nascimento e Tamires Aparecida de Moraes Lanfranco Pires

EXPEDIENTE DA PUBLICAÇÃO

Ilustrações Denilson Baniwa

Design Casa Rex

Edição de Conteúdo Laureen Cicaroli Dávila / Equipe de Comunicação do Theatro Municipal

Revisão Ciça Corrêa

Produção Gráfica Karoline Conceição e Winne Affonso / Equipe de Comunicação do Theatro Municipal



A SUSTENIDOS

A Sustenidos é uma organização referência na concepção, implantação e gestão de políticas públicas na área de educação musical. Atualmente, é gestora do Conservatório de Tatuí e do Complexo do Theatro Municipal de São Paulo, e foi gestora do Projeto Guri, maior programa sociocultural brasileiro, de 2004 a 2021.

O Conservatório de Tatuí é mantido pelo Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa, e por empresas patrocinadoras, por meio de leis de incentivo fiscal. A administração do Complexo Theatro Municipal segue o modelo de gestão de OS, conforme edital estabelecido pela Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura da Cidade de São Paulo.

Entre os nossos projetos especiais destacam-se Musicou e MOVE, além dos festivais Ethno Brazil e Imagine Brazil, que têm como objetivo potencializar as dimensões estética, afetiva, cognitiva, motora e social de crianças, adolescentes e jovens, garantir sua sociabilidade, além de promover o acesso à diversidade musical e artística.

Assim, seguimos apoiando milhares de crianças, adolescentes e jovens para que entrem na vida adulta certos de que a arte é a melhor companheira para essa jornada.

**FUNDAÇÃO
THEATRO
MUNICIPAL
DE SÃO PAULO**

A Fundação Theatro Municipal de São Paulo (FTMSP) foi instituída em 2011 com o objetivo de tornar-se referência em gestão de equipamentos públicos culturais de grande porte. Fundamentada na formação, criação, produção, difusão, fruição e fomento das artes e da cultura, a FTMSP promove diálogos e é catalisadora na criação de sinergias entre linguagens artísticas, espaços e, principalmente, pessoas. Com uma gestão pautada pela construção de seus valores, a Fundação trabalha ininterruptamente com isonomia, transparência, competência técnica, respeito à diversidade, valorização e democratização do acesso à cultura, atendimento de qualidade ao cidadão, inclusão social, excelência, vanguarda e experimentação cultural e artística.

Como retrato de uma estrutura plural e múltipla, a FTMSP é composta de seis equipamentos públicos – o Theatro Municipal de São Paulo, a Praça das Artes, a Central Técnica de Produções Artísticas Chico Giacchieri, o Centro de Documentação e Memória, a Escola de Dança de São Paulo e a Escola de Música de São Paulo – e seis corpos artísticos – a Orquestra Sinfônica Municipal (OSM), o Coro Lírico Municipal, o Coral Paulistano, o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, o Balé da Cidade de São Paulo e a Orquestra Experimental de Repertório (OER), sendo este de caráter artístico-formativo. Além dos corpos estáveis, ainda contempla grupos como o Ensemble, que desenvolve projetos artísticos com repertórios desenhados para variadas formações e detém o papel de divulgar e descentralizar a produção artística realizada pela Fundação.

É na área de formação que a FTMSM torna evidente seu caráter permeável, construindo um ambiente propício ao encontro de diferentes realidades e comunidades. Esta é a área mediadora por excelência, pois transforma e é transformada de forma constante para que seus corpos docente e discente participem e sejam verdadeiramente pertencentes à trajetória aqui traçada. Compõem a área de formação: a Escola de Dança de São Paulo (Edasp) com o Balé Jovem de São Paulo, a Orquestra Experimental de Repertório (OER), a Escola de Música de São Paulo (EMM) com a Orquestra Sinfônica Jovem Municipal, a Orquestra Sinfônica Infantojuvenil, a Banda Sinfônica, o Coro Jovem, o Coro Infantojuvenil e o Ópera Studio. Considerando a dinâmica da área cultural, que demanda profissionais com sensibilidade para as artes, alto padrão técnico e conhecimento de linguagens diversas, as escolas disponibilizam cursos gratuitos para crianças e jovens a partir dos 8 anos. As escolas e os corpos artísticos de cunho formativo buscam preparar cidadãos com olhar potente para a cultura e para a arte, aptos tecnicamente para atuar em suas áreas, com referências e experiências para abordar suas respectivas linguagens, assim como a intersecção das mesmas.

A Fundação Theatro Municipal está vinculada à Secretaria Municipal de Cultura (SMC) e, em consonância com os demais equipamentos e projetos dessa secretaria, fomenta as relações entre as pessoas, a arte, a cultura e os espaços públicos, o que contribui para o diálogo, a criação, a manutenção e a expansão do patrimônio material e imaterial da cidade de São Paulo.



BEM-VINDOS À ÓPERA

Sejam bem-vindas e bem-vindos ao Theatro Municipal de São Paulo.

Abaixo, algumas informações para aproveitar da melhor forma esta experiência única.

FOTOS E VÍDEOS

Lembramos que não estão autorizadas gravações, fotos e filmagens durante a apresentação sem prévio consentimento. Fotos dentro da sala são permitidas somente antes e depois do espetáculo ou nos intervalos. No hall de entrada e nas escadarias do Theatro, as fotos também estão liberadas. Aproveite e publique marcando @theatromunicipal.

CONVERSAS

Conversas e comentários, ainda que sussurrados, incomodam muito os outros espectadores. Espere o intervalo para compartilhar suas impressões.

CADEIRAS

Nossas belas e icônicas cadeiras passam regularmente por manutenção. No entanto, se alguma delas ranger, tenha paciência e procure fazer o mínimo de barulho. Apesar de ter presenciado centenas de óperas, elas não chegaram a ser afinadas.

APLAUSOS

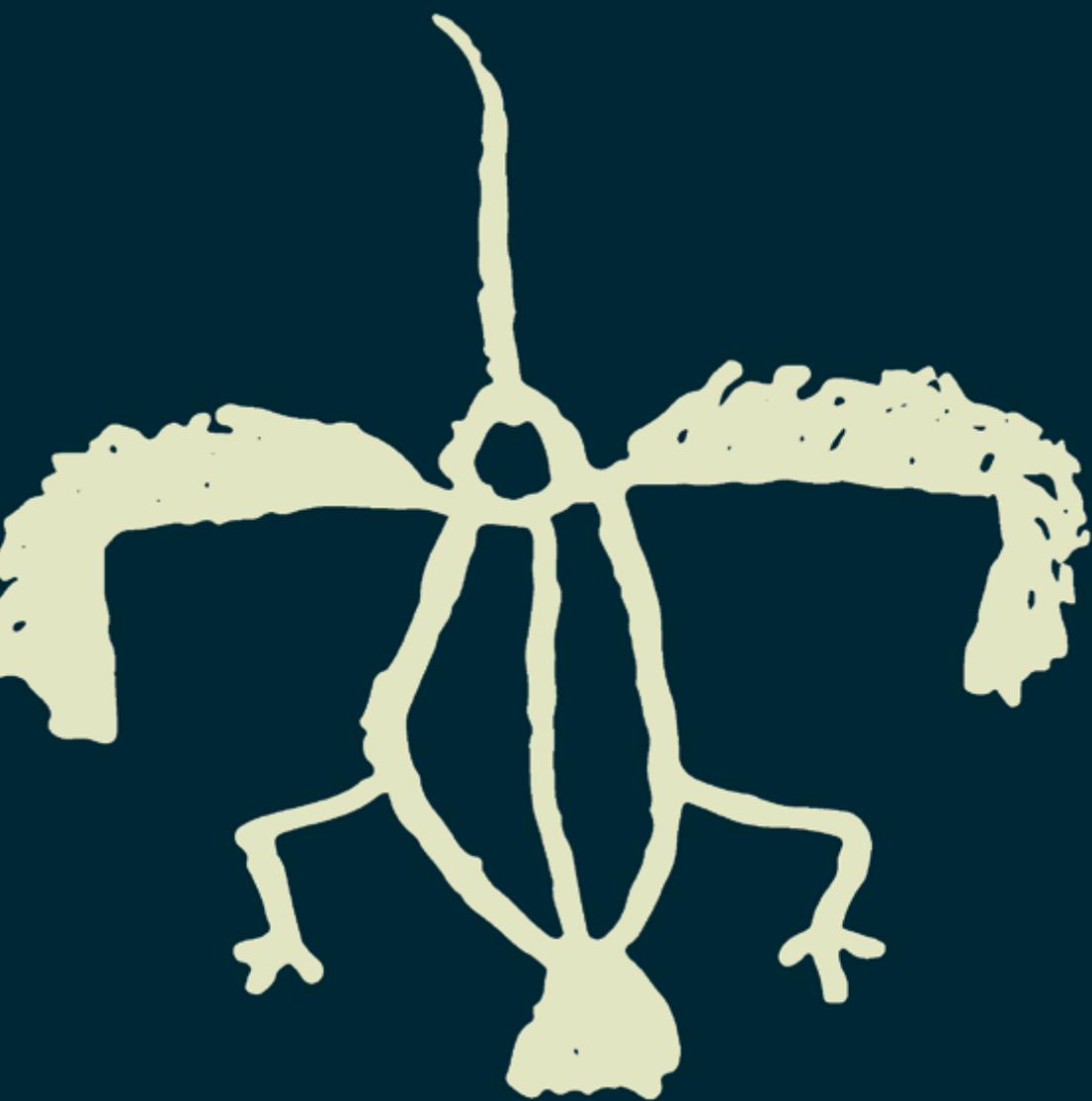
Se você gostou muito da interpretação de uma ária, não há necessidade de aplausos a cada trecho cantado ou tocado da ópera. No final dos atos e do espetáculo, você pode se manifestar à vontade.

ALIMENTOS

Não é permitida a entrada com comidas e bebidas no interior da Sala de Espetáculos. Pedimos especial atenção aos papéis de bala, que podem fazer um barulho e tanto. No térreo e no segundo andar, há cafés que ficam abertos antes do início da ópera e nos intervalos.

CRIANÇAS

É sempre uma alegria ver crianças em nossa casa centenária! Pedimos especial atenção aos pais e responsáveis, pois, além da duração, as óperas abordam diferentes temas, alguns dos quais podem não ser apropriados para crianças menores.



DURAÇÃO
APROXIMADA
**180 MINUTOS
INCLUINDO
20 MINUTOS
DE INTERVALO**

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA
12 ANOS

INGRESSOS
**R\$ 33 a R\$ 210
(INTEIRA)**

FEVEREIRO 2025

15 e 16 sábado e domingo **17h**
18, 19 e 21 terça, quarta e sexta **20h**
24 e 25 segunda e terça **20h**

THEATRO MUNICIPAL
SALA DE ESPETÁCULOS

INFORMAÇÕES E INGRESSOS
THEATROMUNICIPAL.ORG.BR

ACOMPANHE NOSSAS REDES SOCIAIS:

Theatro Municipal

 @theatromunicipalsp
 @theatromunicipal
 @municipalsp
 /theatromunicipalsp
 @theatromunicipal

Praça das Artes

 @pracadasartes
 @pracadasartes

O **Theatro Municipal de São Paulo** conta com você para aperfeiçoar suas atividades.

Envie suas sugestões pelos e-mails:
escuta@theatromunicipal.org.br e **ouvidoriaftm@prefeitura.sp.gov.br**

Programação sujeita a alteração.

patrocínio:



realização:



MINISTÉRIO DA
CULTURA



